UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE – UFCSPA

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA REABILITAÇÃO

Bruna de Moraes Lopes

EFEITOS DE PROTOCOLOS DE REABILITAÇÃO COM SUPERVISÃO PRESENCIAL OU DOMICILIAR NO PÓS-OPERATÓRIO RECENTE DE ARTROPLASTIA TOTAL DE QUADRIL: ENSAIO CLÍNICO RANDOMIZADO

Porto Alegre

2020

BRUNA DE MORAES LOPES

EFEITOS DE PROTOCOLOS DE REABILITAÇÃO COM SUPERVISÃO PRESENCIAL OU DOMICILIAR NO PÓS-OPERATÓRIO RECENTE DE ARTROPLASTIA TOTAL DE QUADRIL: ENSAIO CLÍNICO RANDOMIZADO

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação, da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre como requisito para a obtenção do grau de Doutor.

Orientador: **Prof. Dr. Marcelo Faria Silva**

Porto Alegre, Novembro de 2020

EFEITOS DE PROTOCOLOS DE REABILITAÇÃO COM SUPERVISÃO PRESENCIAL OU DOMICILIAR NO PÓS-OPERATÓRIO RECENTE DE ARTROPLASTIA TOTAL DE QUADRIL: ENSAIO CLÍNICO RANDOMIZADO

BANCA AVALIADORA

Dr. Luis Henrique Telles da Rosa
Departamento de Fisioterapia
Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

Dr. Marlon Francys Vidmar
Departamento de Fisioterapia
Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai

Dra. Heloyse Uliam Kuriki
Departamento de Ciências da Saúde
Universidade Federal de Santa Catarina

Porto Alegre
2020

Dedicatória

Essa tese é dedicada ao meu pai, José Mauro Ceratti Lopes (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Aos membros da banca por sua disponibilidade, por aceitarem acompanhar esse processo e contribuírem com seu conhecimento.

Aos pacientes que participaram dessa pesquisa como voluntários, por terem aceitado o nosso convite, por terem confiado em nosso trabalho, e pela resiliência, frente às dificuldades encontradas ao longo do caminho. Sua gratidão reforçam a sensação de que escolhemos o caminho certo.

Ao meu orientador, Marcelo Faria Silva, por todo o apoio e incentivo. Por servir de fonte de orientação (acadêmica, profissional e pessoal), incentivo e inspiração. Por ter uma dedicação incansável em prol da nossa profissão e nos contagiar (e por que não, às vezes, intimar) a partilhar com ele essa missão. Por ser uma pessoa acolhedora, com preocupações por seus alunos, que vão muito além do âmbito acadêmico. Por ter esse grande coração e fazer com que os alunos se sintam seguros ao seu lado. E por, depois de longos 8 anos de convivência e trabalho, ainda me aguentar.

Ao Bruno Manfredini Baroni, pelo auxílio prestado sempre que necessário, pelo profissionalismo e seriedade com que conduz seu trabalho.

Aos alunos bolsistas (voluntários e não voluntários) Camilla Rohde, Mateus de Col, Marina Corral, João Pedro Sartori e Ian Peroni (mesmo que por um período mais breve), bem como à colega fisioterapeuta Fernanda Fernandes pelo auxílio fundamental, pela disponibilidade, pelo interesse, por abraçarem esse projeto como se fosse de vocês e por cuidarem com carinho de todos nossos pacientes. Em especial: ao João pelos atendimentos prestados aos pacientes e por todo o divertimento; à Marina pela organização e seriedade com o banco de dados, e por ser o componente meigo desse grupo; à Camilla, pela troca infinita de mensagens de áudio, pela organização das coletas e pelo "*bullying*" mútuo; ao Mateus pelo entusiasmo com os treinamentos e pelos muitos questionamentos e dúvidas, sempre fazendo eu exercer meu lado professora. Obrigada por formarem o grupo do quadril comigo e torná-lo especial.

Aos serviços de ortopedia e traumatologia da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, do Hospital de Clínicas de Porto Alegre e do Hospital Cristo Redentor (Grupo Hospitalar Conceição). Em especial, aos médicos ortopedistas: Dr. Carlos Roberto Schwartsmann, Dr. Leandro Freitas Spinelli, Dr. Carlos Roberto Galia, Dr. Carlos Macedo e Dr. Ary da Silva Ungaretti Neto, juntamente com seus residentes e demais membros das equipes, pela receptividade e disponibilidade, permitindo a minha entrada nos ambulatórios e serviços, por encaminharem pacientes para essa pesquisa e por serem grandes .

Aos colegas do GEFITO, obrigada por estarem junto ao longo dessa caminhada, por fortalecerem nosso grupo e pela disponibilidade em auxiliar quando necessário.

Aos funcionários do laboratório de fisioterapia da UFCSPA, pela compreensão, cordialidade e empenho.

À minha mãe, Vivianni de Moraes Lopes, pelo amor, pelo carinho, pela segurança, pelo cuidado, por ser um porto Seguro, um exemplo de mãe e de resiliência.

Ao meu pai, José Mauro Ceratti Lopes, por ser um exemplo de pai, de professional e de professor. Por ter me mostrado a importância da dedicação, da perseverança, e me contagiado com seu gosto pelo estudo e pelo trabalho. Por ter marcado a vida de muitas pessoas e por ter deixado um legado.

À minha irmã, Paula de Moraes Lopes, pela construção das figuras utilizadas nesse trabalho, pelo apoio, pelos elogios, pelo divertimento, pela admiração mútua, por ser minha irmã mais velha que parece mais nova, por ser "a minha pessoa".

Ao meu esposo, Alexandre Noal dos Santos, pelo amor, pelo incentivo, pelo exemplo de dedicação ao trabalho e aos estudos, por mostrar que podemos vencer as adversidades e conquistar o que desejamos. Por me fazer rir, por me consolar nas horas tristes, pela companhia, por ser meu par.

E a todos os colegas, amigos e familiares que compreenderam as exigências desse momento e dessa trajetória, pois acreditaram nessa conquista.

RESUMO

A cirurgia de artroplastia total de quadril (ATQ) é o tratamento indicado para pacientes com doenças degenerativas da articulação do quadril que não apresentaram melhora com tratamentos conservadores. A reabilitação é um fator importante para evitar déficits em longo prazo e otimizar a recuperação funcional, porém a literatura ainda é controversa quanto aos tratamentos recomendados. Foram conduzidos dois estudos com pacientes em pós-operatório recente de ATQ: um estudo transversal, com objetivo de verificar correlações entre o *offset* femoral, vertical (OFV) e horizontal (OFH), e desfechos clínicos dos pacientes; e um ensaio clínico randomizado conduzido com o objetivo de comparar dois protocolos de exercícios na reabilitação de indivíduos em pós-operatório de ATQ, através de desfechos como: dor, cinesiofobia, amplitude de movimento (ADM), pico de torque isométrico (PT) e capacidade funcional (CF). 24 participantes foram randomizados em dois grupos: 14 no Grupo *Face-to-face* (GF), que realizava duas sessões semanais de exercícios com supervisão presencial; e 10 no Grupo Telerreabilitação (GT), que realizava exercícios em casa, com orientação de cartilha com fotografias e ligações semanais dos pesquisadores. Os dois protocolos tiveram duração de 6 semanas e os participantes foram avaliados em dois momentos: antes do início do protocolo (pré-intervenção) e em até sete dias do final dos treinamentos (pós-intervenção). Diferenças significativas ($p<0.05$) foram encontradas na ADM, PT e CF entre as avaliações pré e pós-intervenção. Não foram encontradas diferenças significativas ($p>0.05$) entre os grupos para as variáveis estudadas. Correlações moderadas foram encontradas entre: OFV e a ADM dos rotadores externos ($r=0.487$; $p=0.021$); OFH e PT dos rotadores externos ($r=-0.508$; $p=0.016$); e a diferença do OFV (membro operado e não operado) e a CF ($r=-0.570$; $p=0.006$). Podemos concluir, portanto, que ambos os protocolos foram capazes de promover melhora na ADM, PT e CF dos pacientes, e podem ser considerados alternativas de baixo custo e fácil aplicação na reabilitação inicial de pacientes com ATQ. Alterações no OF parecem influenciar a capacidade funcional, bem como a ADM e o PT dos rotadores externos do quadril.

Palavras-chave: osteoartrite; artroplastia de quadril; *offset* femoral; fisioterapia; reabilitação; força muscular.

ABSTRACT

Total hip arthroplasty (THA) surgery is the recommended treatment for patients with degenerative diseases of the hip joint that have not improved with conservative treatments. Rehabilitation is an important factor to avoid deficits in the long term and to optimize functional recovery, however the literature is still controversial as to the recommended treatments. Two studies were conducted with patients in recent postoperative period of THA: a cross-sectional study, with the objective of verifying correlations between the vertical (VFO) and horizontal (HFO) femoral offset and patients clinical outcomes; and a randomized clinical trial conducted with the aim of comparing two exercise protocols in the rehabilitation of individuals in post-operative THA, through outcomes such as: pain, kinesiophobia, range of motion (ROM), peak isometric torque (PT) and functional capacity (CF).24 participants were randomized into two groups: 14 in the Face-to-face Group (FG), which performed two weekly sessions of exercises with in person supervision; and 10 in the Telerehabilitation Group (TG), who carried out exercises at home, guided by a booklet with photographs and weekly calls from the researchers. The two protocols lasted 6 weeks and the participants were evaluated in two moments: before the beginning of the protocol (pre-intervention) and within seven days of the end of training (post-intervention). Significant differences ($p<0.05$) were found in ROM, PT and FC between the pre- and post-intervention assessments. No significant differences ($p>0.05$) were found between groups for the studied variables. Moderate correlations were found between: VFO and external rotators ROM ($r=0.487$; $p=0.021$); HFO and external rotators PT ($r=-0.508$; $p=0.016$); and the difference between VFO (operated and non-operated limb) and FC ($r=-0.570$; $p=0.006$). We conclude, therefore, that both protocols were able to promote improvement in ROM, PT and FC and can be considered low-cost and reproductible alternatives in the initial rehabilitation of post-THA patients. Changes in FO seem to influence FC, as well as hip external rotators ROM and PT.

Keywords: osteoarthritis; hip arthroplasty; femoral offset; physical therapy; rehabilitation; muscle strength.

LISTA DE FIGURAS

Referencial Teórico:

Artigo 1:

Artigo 2:

LISTA DE TABELAS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADM: Amplitude de Movimento

ATQ: Artroplastia Total de Quadril

END: Escala Numérica de Dor

GF: Grupo Face-to-Face

GT: Grupo Telerreabilitação

HHS: *Harris Hip Score*

IMC: Índice de Massa Corporal

MIO: Membro Inferior Operado

MINO: Membro Inferior Não-Operado

OA: Osteoartrite

OF: *Offset* Femoral

OFH: *Offset* Femoral Horizontal

OFV: *Offset* Femoral Vertical

OMS: Organização Mundial de Saúde

PT: Pico de Torque Muscular

TUG: *Timed Up and Go*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

O quadril é uma das principais articulações acometidas pela osteoartrite (OA). Os pacientes apresentam como principais queixas a dificuldade de mobilidade e as restrições na realização de atividades funcionais de vida diária (subir e descer escadas, caminhar, dirigir e calçar sapatos).[1-3] O tratamento inicial da OA inclui uso de medicamentos analgésicos, uso de dispositivos auxiliares para marcha, fisioterapia e alterações no estilo de vida.[4]

Quando os métodos conservadores não foram capazes de alcançar resultados satisfatórios no alívio da dor e quando a capacidade para realizar as atividades de vida diária já estiver severamente comprometida, é feita a indicação de tratamento cirúrgico.[4,5] Dentre os tratamentos cirúrgicos disponíveis, o utilizado com maior frequência é a artroplastia total de quadril (ATQ).

O número de ATQs realizadas no mundo cresce anualmente. Entre 2003 e 2013, o número de ATQs realizadas na Austrália passou de 88 para 119, por 100.000 habitantes.[6] Nos Estados Unidos, o aumento entre 2000 e 2010, foi de 142 para 257 a cada 100.000 da população.[7] No ano de 2019 foram realizadas 13.540 cirurgias primárias de ATQ no Brasil, representando um custo de R$64.520.685,55 ao Sistema Único de Saúde (SUS).[8] Estima-se que, até o ano de 2046, o volume de ATQs realizadas no mundo terá aumentado em 219%.[9]

A ATQ consiste na substituição dos componentes femoral (cabeça do fêmur) e pélvico (acetábulo) da articulação coxofemoral, e tem como objetivos proporcionar alívio da dor, da imobilidade e da incapacidade, de modo que o paciente possa melhorar sua independência funcional.[10-12] Apesar dos objetivos propostos e dos altos índices de sucesso do procedimento (84-97%)[13], evidências apontam que indivíduos submetidos à cirurgia de ATQ podem persistir com restrições de movimento, déficits na força muscular e comprometimento funcional até 2 anos após a realização do procedimento.[14-20]

De acordo com a Okoro et al.[21], a reabilitação é um fator importante para evitar déficits em longo prazo e otimizar a recuperação funcional. A variação na metodologia dos estudos existentes, no que se refere aos tipos de intervenções, duração e frequência de aplicação do protocolo, bem como ao período de pós-operatório dos paciente, dificulta que conclusões em relação aos protocolos sejam obtidas em relação ao programa de reabilitação ideal.[21,22] Muitos protocolos de reabilitação descritos na literatura baseiam-se em exercícios funcionais de mobilização articular e fortalecimento muscular, sem incremento de carga externa[21,23-26], bem como em treino de marcha e/ou programas de caminhada[26,27], realizados no domicílio do paciente[24,25,28,29], ou em sessões presenciais, em clínicas[24,27,30-32].

O acesso ao cuidado de saúde pós-alta hospitalar pode ser difícil para os pacientes com ATQ, por razões que incluem: carência de vagas ou dificuldade de acesso a centros especializados, através do sistema público de saúde; limite no número de sessões de fisioterapia, pelos planos de saúde; e impossibilidade de arcar com os custos do tratamento e/ou do transporte.[22,28] A prescrição de exercícios domiciliares e monitorização à distância podem ser alternativas, acessíveis e de baixo-custo, para acompanhar e incentivar o processo de reabilitação desses pacientes.

Estudos demonstram que protocolos de exercícios domiciliares, supervisionados ou não, realizados no pós-operatório imediato ou tardio de pacientes com ATQ, apresentam bons resultados em relação à recuperação da força muscular, funcionalidade e velocidade da marcha.[26,28,33] Cabe ressaltar, entretanto, que tais estudos apresentam limitações metodológicas, uma vez que, mesmo tratando-se de ensaios clínicos randomizados, não apresentaram ocultação da alocação ou cegamento dos avaliadores.

A partir da contextualização teórica exposta, um amplo estudo foi realizado, tendo como resultado os artigos científicos apresentados nesta tese.

2 REVISÃO DE LITERATURA – CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Articulação Coxofemoral

A articulação do quadril (coxofemoral) é descrita como do tipo bola e soquete. A bola é configurada pela cabeça (esférica) do fêmur, e o soquete (côncavo), pelo acetábulo da pelve, servindo como um conector entre o tronco e os membros inferiores.[34,35] O quadril apresenta as quatro características de uma articulação sinovial: cavidade articular, superfícies recobertas por cartilagem articular, membrana sinovial produzindo líquido sinovial, e cápsula ligamentar circundando as estruturas.[36]

O acetábulo está localizado no encontro entre os ossos da pelve: ílio, isquio e púbis. A profundidade dessa estrutura é aumentada pela presença de um lábrum fibrocartilaginoso, que promove estabilidade funcional para a articulação. O lábrum atua como um lacre entre o acetábulo e a cabeça femoral, impedindo o deslocamento de líquido do espaço intra-articular.[34]

A sustentação do quadril é realizada no interior do acetábulo por um extenso conjunto de tecidos conectivos e músculos. As forças que cruzam o quadril durante sua movimentação são atenuadas por espessas camadas de cartilagem articular, músculo e osso esponjoso do fêmur.[35]

Apesar da clássica descrição da articulação coxofemoral como bola e soquete com um único centro de rotação, o formato da cabeça femoral não é, de fato, perfeitamente arredondado. Desse modo, o centro de rotação da articulação não se mantém uniforme durante todos os graus de movimento e pode ser afetado por alterações morfológicas.[34]

O formato e a configuração do fêmur proximal têm implicações importantes sobre a congruência e a estabilidade da articulação, bem como sobre o estresse imposto às estruturas articulares. Duas angulações específicas do fêmur auxiliam a definir seu formato: o ângulo de inclinação e o ângulo de anteversão.[35] O ângulo de anteversão é mensurado pelo ângulo entre o eixo do colo do fêmur e os eixos dos côndilos femorais, correspondendo a uma leve rotação anterior do colo femoral no plano transverso. Os valores considerados normais para indivíduos adultos estão entre 12° e 14°.[34]

O ângulo de inclinação do fêmur proximal descreve o ângulo no plano frontal entre a cabeça femoral e o lado medial da diáfise femoral, sendo que o ângulo de inclinação considerado normal para um adulto é de, aproximadamente, 125º. Uma mudança no ângulo normal de inclinação é referida como coxa vara (menor do que 125º) ou coxa valga (maior do que 125º).[35]

A articulação do quadril possui três planos de movimento: sagital, onde ocorrem os movimentos de flexão e extensão; horizontal, onde são executados os movimentos de rotação medial e lateral; e frontal, onde são realizados os movimentos de abdução e adução. A biomecânica do quadril proporciona grande amplitude de movimentos, bem como movimentos rotacionais em todas as direções. Com isso, é necessária a atuação de diversos músculos, controlando a estabilidade dessa articulação.[36]

Os músculos que contribuem para a movimentação do quadril são numerosos e, juntos, permitem o posicionamento do tronco e do membro inferior um em relação ao outro.[34] A inervação dessa musculatura provém dos plexos lombar e sacral. Os nervos do plexo lombar inervam os músculos da coxa anterior e medial, enquanto os nervos do plexo sacral inervam os músculos do quadril lateral e posterior, da coxa posterior e de toda a perna.[35]

Os músculos do quadril podem contribuir para a realização de movimentos em diferentes planos, de acordo com a posição da articulação.[35] O ílio psoas, o reto femoral, o sartório e o tensor da fáscia lata são os principais responsáveis pela flexão do quadril. A extensão da articulação é realizada pela contração de glúteo máximo e isquiotibiais (bíceps femorais, semimembranoso e semitendinoso). As contrações dos músculos glúteo médio, glúteo mínimo e tensor da fáscia lata promovem a abdução e rotação interna da coxofemoral. A adução do quadril é realizada pela contração dos adutores magno, longo e curto. E a rotação externa da articulação é obtida através da ação de obturador interno, obturador externo, gêmeo superior, gêmeo inferior, piriforme e quadrado femoral.[34]

Alterações na anatomia articular produzem impacto sobre a biomecânica do quadril, uma vez que modificam a área de contato e capacidade de geração de força dos músculos.[35] Patologias que afetem a produção de força, controle ou distensão muscular, podem perturbar a fluidez, conforto e eficiência metabólica de diversos movimentos rotineiros, envolvidos em atividades funcionais ou recreativas.[35] Desempenhos anormais dos músculos do quadril provocam alteração na distribuição das forças na superfície articular, podendo predispor ao aparecimento de lesões degenerativas na cartilagem, osso ou tecidos conectivos circundantes. De acordo com o músculo afetado, alterações significativas podem ocorrer no alinhamento entre coluna lombar, pelve e fêmur.[35]

2.2 Osteoartrite de Quadril

A osteoartrite (OA) é considerada a doença musculoesquelética crônica mais comum no mundo, e foi definida pela Sociedade Brasileira de Reumatologia (2003) como uma afecção dolorosa das articulações que ocorre por insuficiência da cartilagem, ocasionada por um desequilíbrio entre a formação e a destruição dos seus principais elementos, dando origem a zonas de fibrilação e fissuração.[37]

A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que 9.6% dos homens e 18% das mulheres com idade acima de 60 anos sofre com essa doença, sendo que desses 80% apresentarão limitações de movimento e 25% estarão impossibilitados de realizar a maioria das atividades de vida diária.[1] A principal articulação acometida pela OA é o joelho, seguido do quadril, metacarpo falangeanas e interfalangianas.[38] Suas principais consequências são: dor, rigidez matinal, crepitação, redução de mobilidade, redução da força muscular, diminuição da estabilidade, deformidades articulares e redução da capacidade aeróbica.

Especificamente na OA do quadril, o sintoma mais comum é a dor mecânica localizada na região inguinal com frequente irradiação para o joelho.[4] Os pacientes podem apresentar restrições na execução de atividades funcionais (subir e descer escadas, caminhar e dirigir) e atividades domésticas (limpeza e jardinagem), podendo estar relacionadas à redução de força muscular, equilíbrio e mobilidade.[4] Em virtude dessas limitações, altos níveis de depressão e ansiedade podem ser encontrados nessa população.[39]

Evidências encontradas por Frosi et al.[2], apontam para a presença de diminuição de força em todos os grupos musculares que envolvem a articulação com OA, o que ocorre principalmente se as articulações acometidas forem responsáveis pela sustentação do peso corporal. Essa afirmação pode ser confirmada em estudo de Arokoski et al.[3], no qual a força muscular foi avaliada, de forma isométrica e isocinética, em indivíduos com OA unilateral de quadril, e observou-se uma redução entre 13-32% no membro acometido, em relação ao grupo controle.

O tratamento inicial da OA inclui uso de analgésicos, uso de dispositivos auxiliares para marcha, fisioterapia e alterações no estilo de vida. A indicação cirúrgica é feita quando os métodos conservadores não forem capazes de promover alívio da dor, e a capacidade para realização das atividades de vida diária já estiver severamente comprometida.[4,5] A determinação do tipo de procedimento cirúrgico depende, dentre outros fatores, da idade, da etiologia da doença, do nível de atividade do paciente, e da bilateralidade ou não da doença.[10] Dentre os procedimentos disponíveis, o mais frequentemente utilizado, é a artroplastia total de quadril (ATQ).[10]

2.3 Artroplastia Total de Quadril

A ATQ é uma das cirurgias ortopédicas realizadas com maior frequência, no mundo. No ano de 2019 foram realizadas 13.540 cirurgias primárias de ATQ no Brasil, representando um custo de R$64.520.685,55 ao sistema de saúde.[8] Estima-se que o volume de ATQs realizadas no ano de 2046, terá aumentado em 219%.[9]

A ATQ consiste na substituição dos componentes femoral (cabeça do fêmur) e pélvico (acetábulo) da articulação coxofemoral. Sua configuração moderna surgiu nos anos 60, quando *sir* John Charnley sugeriu a fixação de uma haste femoral com cabeça em aço inox. Com o passar dos anos a técnica cirúrgica e o material utilizados foram sendo aprimorados.[40]

Diferentes materiais encontram-se à disposição no mercado, tais como: polietileno, metais (aço inoxidável, titânio, cromo-cobalto etc.) e cerâmica. O modelo composto por metal articulado com superfície de polietileno permanece sendo o mais amplamente utilizado. Os desenhos dos modelos variam quanto ao tamanho da cabeça (22, 26, 28 ou 32mm), comprimento do colo (30-40mm), comprimento da haste femoral (12-18cm) e o *offset* femoral (38-45mm). Essas medidas devem ser levadas em consideração durante a escolha do modelo mais adequado para cada paciente.[10]

A fixação dos componentes protéticos pode ocorrer de forma cimentada ou não cimentada. A primeira permite descarga de peso precoce do membro operado, uma vez que o cimento apresenta 90% de sua polimerização nos primeiros 10 minutos após sua aplicação. A forma não cimentada consiste no uso de implantes porosos, nos quais a fixação se dá através do crescimento ósseo, que ocorre durante as primeiras seis semanas de pós-operatório.[41]

Segundo Sizínio[10], podemos dividir o acesso cirúrgico em: anterior, anterolateral, lateral, póstero-lateral e posterior. As principais abordagens utilizadas, todavia, são a anterolateral e a póstero-lateral. Na primeira, a articulação coxofemoral é abordada pelo espaço entre os músculos tensor da fáscia lata e glúteo médio. Na segunda, o acesso se dá através da separação do músculo glúteo máximo e liberação dos rotadores externos.[41]

Como toda cirurgia de grande porte, a ATQ apresenta riscos e possíveis complicações, como: tromboembolismo, considerado a mais comum; luxação, ocorrendo com maior frequência em até 6 semanas de pós-operatório, ou na presença de retroversão do componente acetabular e tensão inadequada de partes moles; lesões nervosas, estando relacionadas ao alongamento do membro inferior em virtude dos componentes protéticos, ao trauma intra ou pós-operatório, à extrusão de cimento e à luxação da prótese; fraturas periprotéticas, principalmente as fraturas de fêmur no transoperatório; lesão vascular (complicação rara); infecção, cuja incidência aumenta na presença de comorbidades como diabetes, obesidade e doenças autoimunes; afrouxamento asséptico; metalose e osteólise.[10]

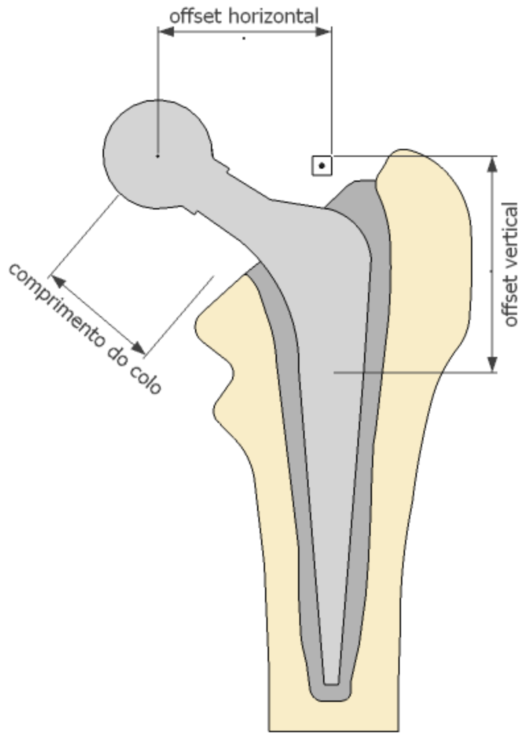
Para atingir altos níveis de sucesso faz-se extremamente importante, portanto, um planejamento adequado do procedimento cirúrgico, considerando principalmente a via de abordagem, o tamanho dos componentes protéticos e o cálculo do *offset* femoral.

2.3.1 *Offset* Femoral

Segundo Charnley[42] o *offset* femoral (OF) é considerado um fator sob o controle do cirúrgião, devendo ser levado em consideração tanto durante o planejamento cirúrgico, como para verificar o sucesso dos resultados pós-operatórios. O OF é normalmente mensurado à partir de exames de imagem (radiografia simples e/ou tomografia computadorizada) e pode ser dividido em OF vertical (OFV) e OF horizontal (OFH).[43-45]

O OFV é calculado pela distância entre duas linhas paralelas, uma passando no centro de rotação da cabeça femoral e, outra, no limite inferior das tuberosidades isquiáticas. O OFH é definido como a distância compreendida por uma linha passando perpendicularmente do centro de rotação da cabeça femoral até o ponto de encontro com outra linha que passa pelo eixo longo do fêmur. Segundo a literatura, a partir do cálculo da diferença entre os membros inferiores, podemos classificar o OFH em: aumentado, diferença de 5mm ou mais sendo o membro inferior operado (MIO) maior; reconstruído, diferença de até 5mm entre os membros; e reduzido, diferença menor que 5mm, sendo o MIO menor.[43-45]

Figura 1. Modelo para cálculo do offset femoral horizontal e vertical.



Fonte: elaborada pelo autor.

Evidências apontam para uma influência do OF em fatores biomecânicos do membro inferior, bem como na mobilidade e produção de força da musculatura do quadril. Diversos estudos[43,46-50] demonstram associações entre o OF e a produção de força muscular dos abdutores do quadril. Acredita-se que um OF maior (aumentado ou reconstruído) proporcionaria mais estabilidade dos componentes protéticos, melhora na tensão dos tecidos moles, na amplitude de movimento da articulação e na produção de força dos abdutores do quadril.[51] Em contrapartida, um OF reduzido estaria associado à discrepância de membros inferiores, piora da função do quadril e da marcha.[45]

Em estudo de Liebs et al.[52], foram encontradas correlações negativas entre o OF e a funcionalidade (questionário WOMAC), bem como níveis elevados de dor nos pacientes com OF aumentada. Os autores concluíram que um longo braço de alavanca, decorrente da reconstrução e/ou aumento do OF, poderia exacerbar a tensão dos músculos abdutores do quadril e do trato íliotibial, provocando dor e dificuldade de movimentação.

Um estudo biomecânico conduzido por Terrier et al.[53], demonstrou que o aumento do OF pode ser especialmente efetivo em pacientes com menor anteversão femoral, uma vez que proporcionaria à eles uma maior alavanca muscular. Cabe ressaltar, entretanto, que modificações no posicionamento dos componentes protéticos (medialização do componente acetabular e aumento excessivo do OF) poderiam facilitar a perda óssea e alterações proprioceptivas, em virtude do centro de rotação não-anatômico, levando à ampliação das forças de reação, influenciando assim, o tempo de duração da prótese.[54]

2.3.2 ATQ e limitações pós-operatórias:

A partir do alívio da dor e da imobilidade proporcionados pela cirurgia de ATQ, espera-se que os pacientes retornem às suas atividades de vida diária o mais breve possível.[11,12] Frequentemente, os pacientes mostram-se satisfeitos e relatam melhora na qualidade de vida durante os primeiros anos após a cirurgia.[19,55] Contudo, evidências apontam que os pacientes podem persistir, durante longos períodos, com incapacidades como: rigidez da articulação do quadril, fraqueza muscular e restrição na capacidade de realização de atividades funcionais.[20,32]

2.3.2.1. ATQ e amplitude de movimento articular:

No que se refere à rigidez da articulação do quadril é esperado que indivíduos submetidos a cirurgias de grande porte, como à ATQ, exibam redução de sua capacidade física no período pós-operatório imediato, apresentando maior imobilidade.[21] Evidências apontam, entretanto, que mesmo após 1 ano de pós-operatório os pacientes seguem com menor amplitude de movimento (ADM) no membro inferior operado, quando comparado ao membro inferior não-operado.[5]

Uma ADM preservada é extremamente importante para a execução de atividades de vida diária. Segundo Polkowski et al.[34] um indivíduo adulto típico necessita entre 67-124º de flexão de quadril, 18-33º de abdução de quadril e 15-26º de rotação externa do quadril para realizar tarefas como amarrar os cadarços (com o pé no chão ou em banco à frente), subir escadas, sentar e levantar de uma cadeira. Os sistemas disponíveis para avaliação da articulação do quadril costumam incluir, os seguintes domínios: atividades funcionais; dor; amplitude de movimento; presença ou ausência de deformidade; e achados radiográficos. A pontuação em cada sistema é obtida através da soma desses domínios, e a ADM representa entre 5-17% desse cálculo, variando conforme o sistema.[56] Desse modo, parece adequado que a ADM seja avaliada, também, de forma isolada, através de ferramentas específicas.

Diversos instrumentos encontram-se disponíveis no mercado para a avaliação da ADM, entretanto os que apresentam melhor custo benefício e aplicabilidade na prática clínica são: o goniômetro e o flexímetro. Apesar de menos usual, o flexímetro apresenta uma forte confiabilidade intra-avaliador (ICC=0.91-0.93; $p<0.001$), e uma excelente concordância com o goniômetro para mensuração da ADM do quadril (ICC=0.99; $p<0.001$).[57,58]

2.3.2.2 ATQ e força muscular:

No que se refere à força muscular estudos realizados em indivíduos em pós-operatório de ATQ sugerem que os músculos que atuam na articulação do quadril parecem ter uma recuperação mais lenta do que os músculos atuantes na articulação do joelho.[14,20,55] Corroborando com essas informações, Rasch et al.[14] observaram que, em um período de seis meses após a cirurgia de ATQ, os indivíduos haviam recuperado dois terços do *déficit* muscular dos extensores do joelho, e apenas um terço da força total da musculatura do quadril.

O trauma decorrente do procedimento cirúrgico foi sugerido como uma possível causa para o atraso na recuperação dos músculos do quadril. Entretanto, evidências apontam para a presença de alterações na morfologia muscular, como atrofia muscular e existência de material não contrátil (infiltrado gorduroso), nos músculos do membro inferior acometido, como possível causa para redução da capacidade de produção de força.[3,14,37,59]

Diferentes formas de mensuração e avaliação da força muscular encontram-se disponíveis, tais como: dinamômetro isocinético, dinamômetro portátil manual e teste de resistência manual.[60] O teste de resistência manual é amplamente utilizado na clínica, e consiste em uma técnica subjetiva que utiliza uma escala de pontuação entre 0-5 e não necessita de nenhum equipamento para sua aplicação, uma vez que a resistência é aplicada pelo avaliador. Esse teste, porém, apresenta menor precisão e maior chance de uma avaliação submáxima.[61]

O dinamômetro isocinético é considerado o padrão ouro para tal avaliação, uma vez que permite verificar diferentes variáveis musculares (pico de torque, velocidade, trabalho e potência muscular) de modo isocinético, nas contrações excêntricas, concêntricas e isométricas, com maior estabilização do paciente. Entretanto, o uso do dinamômetro isocinético pode acabar restrito à pesquisa, em virtude de seu alto custo e difícil manuseio.[61]

O dinamômetro isométrico portátil é de fácil uso e permite avaliação da força muscular, representada pelo pico de torque.[60] Para avaliação da musculatura do quadril de forma isométrica, o dinamômetro portátil demonstrou uma forte confiabilidade intra-avaliador (ICC=0.82-0.93; $p<0.05$) e uma concordância de moderada à boa (ICC=0.52-0.85; $p<0.05$), com o dinamômetro isocinético.[24] A literatura sugere que a avaliação isométrica poderia ser mais adequada para indivíduos idosos ou em período pós-operatório, tendo em vista a limitação de ADM e presença de dor.[60]

Dados referentes à força da musculatura do quadril (flexores, extensores e abdutores) de indivíduos com um ano de pós-operatório de ATQ, podem ser encontrados em estudo de Shih et al.[18], no qual a força muscular do membro inferior operado foi avaliada, de forma isométrica, através de um dinamômetro manual. Foram encontrados *déficits* no membro inferior operado entre 11% e 16% para os homens, e 19% e 21% para as mulheres, em comparação ao membro inferior não-operado. Entretanto, foram consideradas estatisticamente significativas, somente, as diferenças encontradas nos flexores de quadril ($p<0,05$). Frost et al.[19], também encontraram baixos picos de torque para esse grupo muscular, quando comparada a força muscular isométrica de idosos, submetidos à ATQ há 5 meses, com a de indivíduos de um grupo controle.

Evidências em relação à redução da força dos demais grupos musculares da articulação do quadril, também pode ser encontrada na literatura. Sicard-Rosenbaum et al.[20], evidenciou valores estatisticamente significativos indicando a fraqueza muscular de abdutores e extensores de quadril de pacientes com ATQ, quando comparados a um grupo controle. Alterações na força da musculatura do joelho podem estar presentes em indivíduos submetidos à ATQ, conforme demonstram achados da literatura, através da redução nos picos de torque do quadríceps observadas até um ano após o procedimento cirúrgico.[20,55]

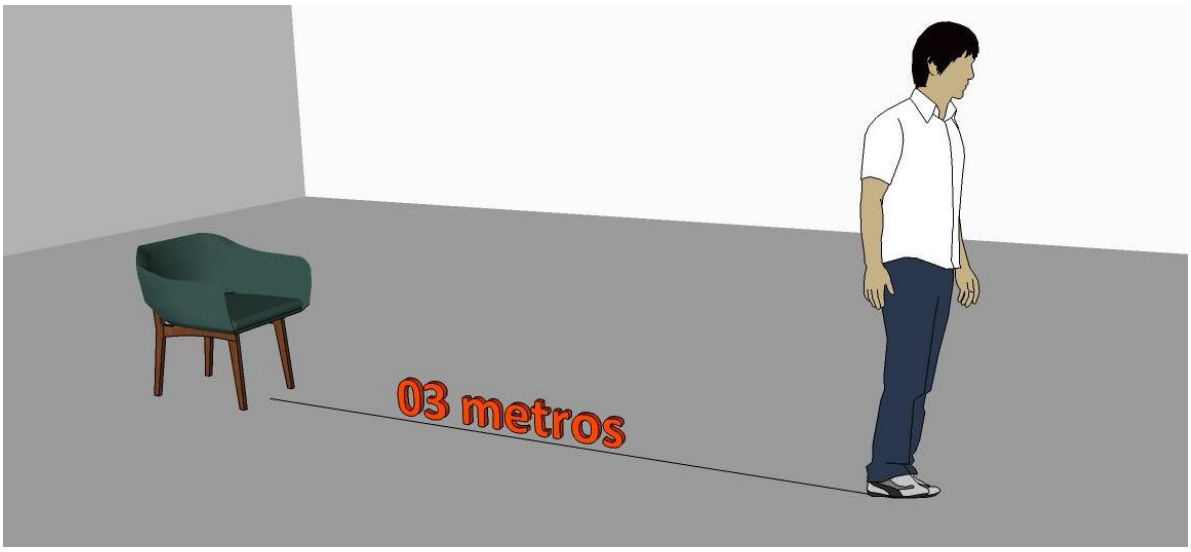
Evidências apontam para a participação da força muscular de membros inferiores na manutenção da estabilidade postural, controle de tronco e desempenho na marcha, variáveis relacionadas com o desempenho em atividades funcionais e à elevados riscos de queda.[62]

2.3.2.3 ATQ e Capacidade Funcional:

Em revisão sistemática com metanálise realizada por Vissers et al.[63], observou-se, a partir dos resultados de 31 estudos, que a recuperação da capacidade funcional dos pacientes submetidos à ATQ estava, em média, em 80% do que seria esperado para 6-8 meses de pós-operatório.

É possível avaliar a capacidade funcional desses indivíduos, através de ferramentas específicas, como o teste *Timed Up and Go* (TUG)[64] e o questionário *Harris Hip Score* (HHS).[65] O TUG é um teste clínico que apresenta boa confiabilidade inter e intra-examinadores.[64] Uma vez que este avalia movimentos utilizados no dia a dia, correlaciona-se bem com medidas de estabilidade postural, força muscular e habilidades funcionais em indivíduos idosos.[11] Para sua execução, o indivíduo deve sentar-se em uma cadeira sem apoio para os braços e com altura do assento de aproximadamente 46 cm, e, ao ser solicitado, deve levantar e percorrer uma distância de 3 m, em velocidade auto selecionada, até uma marca traçada no chão. O indivíduo deverá virar-se, voltar até a cadeira e se sentar. O tempo para a realização da tarefa é cronometrado pelo avaliador.[66,67]

Figura 2. Teste *"Timed Up and Go".*



Fonte: elaborada pelo autor.

De acordo com Bohannon et al.[68], indivíduos saudáveis com idade entre 60-69 anos, realizam o teste em aproximadamente 8.1 segundos e valores mais elevados devem ser esperados em faixas etárias maiores. Em estudo de Guedes et al.[11], foram comparados os valores obtidos (em segundos) para realização do TUG em um grupo de idosos com ATQ (tempo médio de pós-operatório de 2.6 ± 1.3 anos) aos de um grupo controle, com a mesma faixa etária. A média encontrada no grupo com ATQ foi de 14.67 segundos e, no grupo controle, foi de 10.08 segundos. Corroborando com esses resultados, nos estudos de Lavigne et al.[69] e Judd et al.[55], os indivíduos com ATQ apresentaram tempo maior na realização do teste TUG, chegando à uma diferença de até 11%, quando comparados ao grupo controle, mesmo em um período de 12 meses após a cirurgia. Segundo estudo de base populacional de Thrane et al.[70], a diferença de 2.4 segundos no tempo de realização do TUG é considerada clinicamente relevante. Os resultados dos estudos apresentados indicam, portanto, que os indivíduos com ATQ, não retornaram à funcionalidade considerada normal, mesmo após um longo período de pós-operatório.

O HHS[71] é um instrumento específico desenvolvido por Harris, idealizado para avaliar o estado funcional da articulação coxofemoral, sendo o mais frequentemente utilizado para avaliar os resultados pós-operatórios de ATQ.[72] É constituído de uma escala que varia de 0 a 100 pontos, e os domínios incluem dor, função, deformidade e amplitude de movimento (ADM). A pontuação total para o domínio dor é de 44 pontos e para o domínio função, de 47 pontos, sendo este último subdividido em atividades de vida diária (AVDs) e marcha com 14 e 33 pontos, respectivamente (Anexo I). Os escores desses domínios resultam das respostas dos sujeitos obtidas por meio de entrevista, já os domínios deformidade e ADM são avaliados pelo examinador com a utilização de fita métrica e goniômetro. Para o domínio deformidade, podem ser atribuídos até 4 pontos e, para o domínio ADM, até 5 pontos.[65]

O resultado funcional do HHS é classificado de acordo com a pontuação obtida, de modo que se considera: ruim, o escore menor que 70 pontos; regular, se for entre 70 e 79; bom, se a pontuação for entre 80 e 89 e, excelente, para o intervalo de 90 a 100 pontos. É um sistema de fácil aplicação, com comprovada reprodutibilidade, validado internacionalmente para pacientes com ATQ.[65] Segundo estudo de Singh et al.[72], alterações clinicamente relevantes envolvem diferenças no escore do HHS que variam no mínimo entre 15.9 –18 pontos.

2.3.2.4 ATQ, dor e cinesiofobia:

Dor e incapacidade funcional são os principais motivos que levam indivíduos com OA à realização da ATQ.[4,5] Segundo Castorina et al.[73], 50% dos pacientes submetidos à ATQ, descrevem a dor como uma das maiores preocupações a serem enfrentadas no pós-operatório. Entretanto, apenas uma pequena parcela dos pacientes apresenta queixas significativas de dor nesse período. Segundo a literatura a persistência de dor após o procedimento cirúrgico pode resultar de fatores psicológicos, como a interpretação do paciente e seu enfrentamento da dor, bem como sexo e massa corporal.[74]

Um modelo de medo-evitação foi proposto para explicar como a dor induz um prejuízo da auto-estima, levando ao medo do movimento, conhecido como cinesiofobia.[75] Atualmente, o termo cinesiofobia é utilizado para caracterizar um medo excessivo, irracional e debilitante do movimento e da atividade física, que resulta em sentimentos de vulnerabilidade frente à dor ou em medo de reincidência de lesão. A cinesiofobia provoca um ciclo de medo-dor-evitação que aumenta a percepção de incapacidade, podendo levar o paciente à síndrome do desuso.[76]

A Escala de Cinesiofobia de Tampa (Anexo II) é um dos principais instrumentos utilizados para avaliar a presença de cinesiofobia, sendo uma escala validada e confiável, com adequada consistência interna (α = 0,68-0,80), traduzida e adaptada no Brasil.[77] Ela consiste em um questionário auto-aplicável, composto de 17 questões que abordam a dor e intensidade dos sintomas. Os escores variam de um a quatro pontos, sendo que a resposta “discordo totalmente” equivale a um ponto, “discordo parcialmente”, a dois pontos, “concordo parcialmente”, a três pontos e “concordo totalmente”, a quatro pontos. Para obtenção do escore total final é necessária a inversão dos escores das questões 4, 8, 12 e 16. O escore final pode ser de, no mínimo, 17 e, no máximo, 68 pontos, sendo que, quanto maior a pontuação, maior o grau de cinesiofobia.[77]

Neblett et al.[78], propuseram uma classificação para o nível de cinesiofobia a partir do escore obtido na Escala de Cinesiofobia de Tampa, onde: pontuação entre 13-22 é considerada subclínica; entre 23-32, leve; entre 33-42, moderado; e, entre 43-52, severo. Segundo Monticone et al.[79], uma redução de, no mínimo, seis pontos no escore da Escala de Cinesiofobia de Tampa, pode ser considerado clinicamente relevante.

A cinesiofobia presente após a cirurgia parece estar relacionada: ao medo do paciente sentir dor durante a movimentação; à expectativa da cirurgia; e ao tamanho da ferida operatória.[75,80] Leeuw et al.[75], afirmam que a cinesiofobia afeta tanto a preparação, como a reabilitação da ATQ, levando à piores resultados pós-operatórios.

2.3.3 Reabilitação e ATQ

A reabilitação física é um componente essencial após a artroplastia de membro inferior.[81,82] Pacientes encaminhados à cirurgia de ATQ em decorrência de processos crônicos, tais quais OA e osteonecrose, costumam apresentar alterações como: sarcopenia, prejuízo da função neuromuscular; bem como desuso do membro inferior acometido, em virtude da dor.[21] Uma vez que os períodos de imobilização e redução do nível de atividade decorrentes de uma cirurgia de grande porte, como a ATQ, podem acentuar o declínio da massa muscular, bem como sua capacidade de produção de força, a reabilitação deve visar à melhora de desfechos funcionais, promovendo o retorno do paciente às suas atividades diárias.[21,81,82]

Atualmente, as intituições de saúde têm como prática fornecer atendimento fisioterapêutico logo após o procedimento cirúrgico, iniciando no mesmo dia da cirurgia ou no primeiro dia de pós-operatório, com continuidade durante o período de internação hospitalar. A maioria dos pacientes continua com alguma forma de acompanhamento após a alta hospitalar.[25]

Os programas de reabilitação descritos na literatura consistem em: mobilização da articulação[23-26], fortalecimento dos músculos circunjacentes com ou sem resistência[23-26], treino de marcha e/ou programas de caminhada.[26,27] Evidências sugerem que esses protocolos se mostram efetivos na redução da dor e melhora da mobilidade, entretanto, a literatura aponta que prejuízos na força muscular e na capacidade funcional podem ser encontrados em até um a dois anos após a cirurgia.[25] Parece válido, portanto, considerar o quão efetivos são os programas de reabilitação oferecidos após a alta hospitalar, no que se refere à restaurar a saúde física dos pacientes.[83]

Okoro et al.[21], conduziram uma pesquisa entrevistando fisioterapeutas do Reino Unido em relação ao que eles julgavam mais importante no tratamento de pacientes com ATQ e como conduziam o processo de reabilitação. Em relação à prescrição de exercícios, nenhum consenso foi encontrado. Eram priorizados exercícios com descarga de peso no membro operado (42%), exercícios funcionais (45%) e realizados na cama/maca (13%). Observou-se que os profissionais davam um maior enfoque aos músculos abdutores do quadril (62.2%) e quadríceps femoral (16.9%).[21] De modo geral, os protocolos utilizados pelos profissionais parecem sofrer grande influência de sua experiência clínica e das restrições impostas pelos cirurgiões, uma vez que a literatura carece de evidências para direcionar a reabilitação pós-alta hospitalar.[83]

É possível encontrar na literatura diversos estudos quanto à reabilitação de pacientes com ATQ, porém a variação entre a metodologia dos estudos dificulta que conclusões sejam obtidas em relação ao programa ideal.[22] Os estudos relatam diferenças acerca do: tipo de intervenção - alguns estudos apresentam programas de exercícios domiciliares (com ou sem acompanhamentos por visitas ou telefonemas) através de orientações e/ou cartilhas[24-26,31], enquanto outros trabalham com exercícios realizados com supervisão de um profissional[24,30-32]; duração do protocolo - os protocolos têm sua aplicação variando entre 4 semanas e 3 meses de duração;[83] frequência da intervenção – variando de duas vezes ao dia a duas vezes por semana[22]; período de pós-operatório - varia entre logo após a alta hospitalar ou em até três semanas de pós-operatório[29,32,84], variando até 12-24 meses de pós-operatório[24-26,30,33]; e grupo controle - em sua maioria os grupos controles recebem somente recomendações[27,84], realizam caminhadas[24] ou não recebem nenhuma intervenção[26,29], salvo aqueles que recebem intervenções com exercícios domiciliares, porém diferentes dos realizados pelo grupo presencial.[25,32]

A demanda e os custos da ATQ aumentaram significativamente na última década, e estima-se que sigam em crescimento nos próximos anos. Entretanto, os recursos com cuidados de saúde hospitalar e reabilitação pós-alta, estão cada vez mais restritos.[7,81] Os sistemas públicos de saúde carecem de centros especializados, os planos de saúde limitam o número de sessões de fisioterapia e nem todos os pacientes apresentam condições de pagar pelo tratamento de reabilitação.[85]

O acesso ao cuidado de saúde pós-alta hospitalar é difícil para muitos pacientes com ATQ, por razões que incluem: carência de vagas ou dificuldade de acesso à centros especializados, através do sistema público de saúde; limite no número de sessões de fisioterapia, pelos planos de saúde; e impossibilidade de arcar com os custos do tratamento e/ou do transporte.[22,28] Tais dificuldades fazem necessária a busca por alternativas a fim de acompanhar e incentivar o processo de reabilitação desses pacientes.

Dessa forma, a prescrição de exercícios domiciliares pode ser uma alternativa acessível e de baixo-custo, uma vez que não é necessário deslocamento e permite que um mesmo profissional acompanhe mais pacientes. Estudos demonstram que protocolos de exercícios domiciliares, supervisionados ou não, realizados no pós-operatório imediato ou tardio de pacientes com ATQ, apresentam bons resultados em relação à recuperação da força muscular, funcionalidade e velocidade da marcha.[26,28,33]

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivos Gerais

Os objetivos primários dessa tese foram: comparar os efeitos de exercícios supervisionados presencialmente (*face-to-face*) à um programa de exercícios domiciliares (telerreabilitação), em relação à dor, amplitude de movimento, força muscular e funcionalidade, na reabilitação de pacientes submetidos à cirurgia de artroplastia total de quadril; e correlacionar critérios de análise ortopédica, a partir de exames de imagem, com desfechos clínicos.

3.2 Objetivos Específicos

De modo específico, os objetivos foram:

- Comparar o comprimento dos membros inferiores, pós-intervenção, do membro inferior operado e não operado;
- Comparar a intensidade dolorosa autorrelatada, pré e pós-intervenção, intra e entre grupos;
- Comparar a amplitude de movimento articular ativa do quadril, pré e pós-intervenção, intra e entre grupos;
- Comparar o pico de torque dos músculos do quadril, pré e pós-intervenção, intra e entre grupos;
- Comparar a capacidade funcional, pré e pós-intervenção, intra e entre grupos;
- Comparar a presença de cinesiofobia, pré e pós-intervenção, intra e entre grupos;
- Comparar o *offset* femoral, pós-intervenção, do membro inferior operado e não operado;
- Correlacionar o *offset* femoral, pós-intervenção, com o comprimento dos membros inferiores;
- Correlacionar o *offset* femoral, pós-intervenção, com a amplitude de movimento articular ativa do quadril;
- Correlacionar o *offset* femoral, pós-intervenção, com o pico de torque dos músculos do quadril;
- Correlacionar o *offset* femoral, pós-intervenção, com a capacidade funcional.

4 REFERÊNCIAS

1. WHO. World Health Organization. Disponível em: http://www.who.int/chp/topics/rheumatic/en/. Acesso em 28 de Junho de 2020.
2. Frosi G, Sulli A, Testa M, Cutolo M. Physiopathology and biomechanics of hip osteoarthritis. Rheumatismos. 2001;53(4):271-9.
3. Arokoski MH, Arokoski JPA, Haara M, Kankaanpää M, Vesterinen M, Niemitukia LH et al. Hip muscle strength and muscle cross sectional area in men with and without hip osteoarthritis. The Journal of Rheumatology. 2002;29(10):2185-95.
4. Szymanski C, Thouvarecqe R, Dujardinb F, Migaudd H, Maynoua C, Girardc J. Functional performance after hip resurfacing or total hip replacement: a comparative assessment with non-operated subjects. Orthopaedics & Traumatology: Surgery & Research. 2012;98:1-7.
5. Gadia JA, Marques AP, Miranda FG. Avaliação da dor, capacidade funcional e amplitude articular em pacientes submetidos a artroplastia total de quadril. Acta Ortop Bras. 1999;7(4):159-66.
6. Wolford ML, Palso K, Bercovitz A. Hospitalization for total hip replacement among inpatients aged 45 and over: United States, 2000–2010. NCHS data brief, no 186. Hyattsville, MD: National Center for Health Statistics. 2015.
7. Kurtz S, Ong K, Lau E, Mowat F, Halpern M. Projections of primary and revision hip and knee arthroplasty in the United States from 2005 to 2030. J Bone Joint Surg. 2007; 89:780-5.
8. DATASUS. Disponível em: https://datasus.saude.gov.br/. Acesso em 29 de Junho de 2020.
9. Ongo JR, Onggo JD, Steiger R, Hau R. The Efficacy and safety of inpatient rehabilitation compared with home discharge after hip or knee arthroplasty: a meta-analysis and systematic review. The Journal of Arthroplasty. 2019; 34:1823-30.
10. Sizínio H. Ortopedia e Traumatologia: princípios e prática. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2009.
11. Guedes RC, Dias J, Dias RC, Borges VS, Lustosa LP, Rosa NM. Artroplastia total de quadril em idosos: impacto na funcionalidade. Rev Bras Fisioter. 2011;15(2):123-30.

12. Tanaka R, Shigematsu M, Motooka T, Mawatari M, Hotokebuchi T. Factors Influencing the Improvement of Gait Ability After Total Hip Arthroplasty. The Journal of Arthroplasty. 2010; 25(6):982-5.
13. Shan L, Shan B, Graham D, Saxena A. Total hip replacement: a systematic review and meta-analysis on mid-term quality of life. Osteoarthristis and Cartilage. 2014; 22(3):389-406.
14. Rasch A, Dalén N, Berg HE. Muscle strength, gait, and balance in 20 patients with hip osteoarthritis followed for 2 years after total hip arthroplasty. Acta Orthopedica. 2010; 81(2):183-8.
15. Knox M. Outcomes of total hip arthroplasty: a study of patients one-year postsurgery. J Orthop Sporsts Phys Ther. 2002; 32(9):469-70.
16. Nallegowda M, Singh U, Bhan S, Wadhwa S, Handa G, Dwivedi SN. Balance and Gait in Total Hip Arthroplasty. Am J Phys Med Rehabil. 2003; 82(9):669-77.
17. Majewski M, Bischoff-Ferrari HA, Gruneberg C, Dick W, Allum J. Improvements in balance after total hip replacement. J Bone Joint Surg. 2005; 87-B(10):1337-43.
18. Shih CH, Du YK, Lin YH, Wu CC. Muscular recovery around the hip joint after total hip arthroplasty. Clin Orthop Relat Res. 1994; 115–20.
19. Frost KL, Bertocci GE, Wassinger C, Munin MC, Burdett RG, Fitzgerald SG. Isometric performance following total hip arthroplasty and rehabilitation. J Rehabil Res Dev. 2006; 43(4):435-44.
20. Sicard-Rosenbaum L, Light KE, Behrman AL. Gait, lower extremity strength, and self-assessed mobility after hip arthroplasty. Journal of Gerontology. 2002; 57(1):47–51.
21. Okoro T, Ramavath A, Howarth J, Jenkinson J, Maddison P, Andrew JG et al. What does standard rehabilitation practice after total hip replacement in the UK entail? Results of a mixed methods study. BMC Musculoskelet Disord. 2013; 14(1):91.
22. Nelson M, Bourke M, Crossley K, Russell T. Telerehabilitation is non-inferior to usual care following total hip replacement: a randomized controlled non-inferiority trial. Physiotherapy. 2019; 107:19-27.
23. Suetta C, Aagaard P, Rosted A, Jakobsen AK, Duus B, Kjaer M et al. Training-induced changes in muscle CSA, muscle strength, EMG, and rate of force

development in elderly subjects after long-term unilateral disuse. J Appl Physiol. 2004; 97(5):1954-61.

24. Unlu E, Eksioglu E, Aydog E, Aydoth ST, Atay G. The effect of exercise on hip muscle strength, gait speed and cadence in patients with total hip arthroplasty: a randomized controlled study. Clin Rehabil. 2007; 21(8):706–11.
25. Trudelle-Jackson E, Ermeson R, Smith S. Outcomes of Total Hip Arthroplasty: A Study of Patients One Year Postsurgery. J Orthop Sports Phys Ther. 2002; 32(6):260-7.
26. Jan MH, Hung JY, Lion JCH, Wang SF, Liu TK, Tang PF. Effects of a home program on strength, walking speed, and function after total hip replacement. Arch Phys Med Rehabil. 2004; 85:1943-51.
27. Wang AW, Gilbey HJ, Ackland TR. Perioperative exercise programs improve early return of ambulatory function after total hip arthroplasty: a randomized, controlled trial. Am J Phys Med Rehabil. 2002; 81(11):801–6.
28. Galea M, Levinger P, Lythgo N, Cimoli C, Weller R, Tully E et al. Targeted home- and center-based exercise program for people after total hip replacement: a randomized clinical trial. Archives of Physical Medicine & Rehabilitation. 2008; 89:1442-47.
29. Lowe CJM, Barker KL, Dewey ME, Sackley CM. Effectiveness of physiotherapy exercise following hip arthroplasty for osteoarthritis : a systematic review of clinical trials. BMC Musculoskelet Disord. 2009; 14:1–14.
30. Monaghan B, Grant T, Hing W, Cusack T. Functional exercise after total hip replacement (FEATHER): a randomised control trial. BMC Musculoskelet Disord. 2012; 13(1):237
31. Skoffer B, Dalgas U, Mechlenburg I. Progressive resistance training before and after total hip and knee arthroplasty: a systematic review. Clinical Rehabilitation. 2015; 29(1):14–29.
32. Husby VS, Helgerud J, Bjørgen S, Husby OS, Benum P, Hoff J. Early maximal strength training is an efficient treatment for patients operated with total hip arthroplasty. Arch Phys Med Rehabil. 2009; 90(10):1658–67.
33. Sashika H, Matsuba Y, Watanabe Y. Home program of physical therapy: effect on disabilities of patients with total hip arthroplasty. Arch Phys Med Rehabil. 1996; 77(3):273-277.

34. Polkowski GG, Clohisy JC. Hip Biomechanics. Sports Medicine and Arthroscopy Review. 2010; 18:56-62.
35. Neumann DA. Kinesiology of the hip – a focus on muscular actions. Journal of Orthopaedics & Sports Physical Therapy. 2010; 40(2):82-94.
36. Byrne D, Mulhall KJ, Baker JF. Anatomy & biomechanics of the hip. The Open Sports Medicine Journal. 2010; 4:51-57.
37. Holstege MS, Lindeboom R, Lucas C. Preoperative quadriceps strength as a predictor for short-term functional outcome after total hip replacement. Arch Phys Med Rehabil. 2011; 92(2):236–41.
38. Gur H, Çakin N. Muscles mass, isokinetic torque, and functional capacity in women with osteoarthritis of the knee. Arch Phys Med Rehabil. 2003; 84:1534-41.
39. Pua Y, Wrigley T, Cowan SM, Bennell KL. Intrarater test-retest reliability of hip range of motion and hip muscle strength measurements in persons with hip osteoarthritis. Arch Phys Med Rehabil. 2008; 89:1146-51.
40. Macedo CAS, Galia CR, Rosito R, Perea CEF, Müller LM, Verzoni GG et al. Abordagem cirúrgica na artroplastia total primária de quadril: ântero-lateral ou posterior? Revista Brasileira de Ortopedia. 2002; 37(9):387-91.
41. Dutton M. Fisioterapia ortopédica: exame, avaliação e intervenção. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2010.
42. Charnley J. Low friction arthroplasty of the hip. Nova York: Springer; 1979.
43. Chamnongkich S, Asayama I, Kinsey TL, Mahoney OM, Simpson KJ. Difference in hip prosthesis femoral offset affects hip abductor strength and gait characteristics during obstacle crossing. Orthopedic Clinics of North America. 2012; 43:e48-e58.
44. Clement ND, Patrick-Patel RS, MacDonald D, Breusch SJ. Total hip replacement: increasing femoral offset improves functional outcome. Arch Orthop Trauma Surg. 2016; 136:1317-23.
45. Sato H, Maezawa K, Gomi M, Kajihara H, Hayashi A, Maruyama Y et al. Effect of femoral offset and limb length discrepancy on hip joint muscle strength and gait trajectory after total hip arthroplasty. Gait & Posture 2020; 77:276-82.
46. Asayama I, Naito M, Fujisawa M, Kambe T. Relationship between radiographic measurements of reconstructed hip joint position and the Trendelenburg sign. Journal of Arthroplasty. 2002; 17:747-51.

47. Asayama I, Chamnonkich S, Simpson K. Reconstructed hip joint position and abductor muscle strength after total hip arthroplasty. Journal of Arthroplasty. 2005; 20(4):414-20.
48. Yamaguchi T, Naito M, Asayama I, Ishiko T. Total hip arthroplasty: the relationship between posterolateral reconstruction, abductor muscle strength, and femoral offset. Journal of Orthopaedic Surgery and Research. 2004; 12(2):164-7.
49. Mahmood SS, Mukka SS, Crnalic S, Wretenberg P, Sayed-Noord AS. Association between changes in global femoral offset after total hip arthroplasty and function, quality of life, and abductor muscle strength. Acta Orthopaedica. 2016; 87(1):36-4.
50. Tezuka T, Inaba Y, Kobayashi N, Ike H, Kubota S, Kawamura M. Effects of hip joint center location and femoral offset on abductor muscle strength after total hip arthroplasty. Modern Rheumatology. 2015; 25(4):630-6.
51. Miashiro EH, Fukili EN, Yamaguchi EN, Chikude T, Rodrigues LHS, Fontes GM et al. Planejamento pré-operatório de artroplastias totais primárias de quadril com o uso de radiografias convencionais. Revista Brasileira de Ortopedia. 2014; 49(2):140-8.
52. Liebs TR, Nasser L, Herzberg W, Rüther W, Hassenpflug J. The influence of femoral offset on health-related quality of life after total hip replacement. Bone Joint Journal. 2014; 96-B:36-42.
53. Terrier A, Levrero FF, Rudiger HA. Benefit of cup medialization in total hip arthroplasty is associated with femoral anatomy. Clinical Orthopaedic Related Research. 2014; 472:3159-65.
54. Little NJ, Busch CA, Gallagher JA, Rorabeck CH, Bourne RB. Acetabular polyethylene wear and acetabular inclination and femoral offset. Clinical Orthopaedic Related Research. 2009; 467:2895-900.
55. Judd DL, Dennis DA, Thomas AC, Wolfe P, Dayton MR, Stevens-Lapsley JE. Muscle Strength and Functional Recovery During the First Year After THA. Clin Orthop Relat Res. 2014; 472:654–64.
56. Davis KE, Ritter MA, Berend ME, Meding JB. The importance of range of motion after total hip arthroplasty. Clinical Orthopaedics and Relates Research. 2007; 465:180-4.

57. Gouveia VH, Araújo AGF, Maciel SS, Ferreira JJA, Santos HH. Reliability of the measures inter and intra-evaluators with universal goniometer and fleximeter. Fisioterapia & Pesquisa. 2014; 21:229-35.
58. Pires-Oliveira AA, Freitas RQ, Júnior AA, Oliveira LC, Oliveira RG, Olveira-Silva I et al. Analysis of agreement of assessment tools of range of motion in the elderly. Manual Therapy, Posturology & Rehabilitation Journal. 2018; 16:538-43.
59. Loureiro A, Mills PT, Barrett RS. Muscle weakness in hip osteoarthritis – a systematic review. Arthritis Care & Research. 2013; 65(3):340-52.
60. Arnold CM, Warkentin KD, Chilibeck PD, Magnus CRA. The reliability and validity of handheld dynamometry for measurement of lower-extremitiy muscle strength in older adults. Journal of Strength and Conditioning Research. 2010; 23(3):815-24.
61. Scott DA, Bond EQ, Sisto SA, Nadler SF. The intra and interrater reliability of hip muscle strength assessment usgin a handheld versus a portable dynamometer anchoring station. Arch Phys Med Rehabil. 2004; 85:598-603.
62. Loizeau J, Allard P, Duhaime M, Landjerit B. Bilateral gait patterns in subjects fitted with a total hip prosthesis. Arch Phys Med Rehabil. 1995; 76:552-557.
63. Vissers MM, Bussmann JB, Verhaar JAN, Arends LR, Furlan AD, Reijman M. Recovery of physical functioning after total hip arthroplasty – systematic review and meta-analysis of the literature. Physical Therapy. 2011; 91:615-629.
64. Mathias S, Nayak US, Isaacs B. Balance in elderly patients: The “Get-up and Go” test. Archives of Physical Medicine and Rehabilitation. 1986; 67:387-9.
65. Patrizzi LJ, Vilaça KHC, Takata ET, Trigueiro G. Análise Pré e Pós-Operatória da Capacidade Funcional e Qualidade de Vida de Pacientes Portadores de Osteoartrose de Quadril Submetidos à Artroplastia Total. Revista Brasileira de Reumatologia. 2004; 44:185-91.
66. Blyth FM, March LM, Brnabic AJ, Cousins MJ. Chronic pain and frequent use of health care. Pain. 2004; 111:51-8.
67. Bookwala J, Harralson T, Parmelee P. Efects of pain on functioning and well-being in older adults with osteoarthritis of the knee. Psychology and Aging. 2003; 18:844-50.
68. Bohannon RW. Reference values for the timed up and go test: a descriptive meta-analysis. J Geriatr Phys Ther. 2006; 29(2):64-8.

69. Lavigne M, Therrien M, Nantel J, Roy A, Prince F, Vendittoli P. The functional outcome of hip resurfacing and large-head THA is the same. Clin Orthop Relat Red. 2010; 468:326-336.
70. Thrane G, Joakimsen RM, Thornquist E. The association between timed up and go test and history of falls: The Tromso study. BioMed Central Geriatrics. 2007; 12:7-1.
71. Guimarães R, Alves DPL, Silva GB, Bittar ST, Ono NK, Honda E et al. Translation and cultural adaptation of the Harris Hip Score into portuguese. Acta Ortopédica Brasileira. 2010; 18:142-47.
72. Singh JA, Schleck C, Harmsen S, Lewallen D. Clinically importante improvement thresholds for HHS and its ability to predict revision risk after primary THA. BMC Musculoskeletal Dirsorders. 2016; 17:256.
73. Castorina S, Guglielmino C, Castrogiovanni P, Szychlinska MA, Ioppolo F, Massimino P et al. Clinical evidence of traditional vs fast track recovery methodologies after total arthroplasty for osteoarthritic knee treatment: a retrospective observational study. Muscles, Ligaments and Tendons Journal. 2017; 7(3):504-13.
74. Burns LC, Ritvo SE, Ferguson MK, Clarke H, Seltzer Z, Katz J. Pain catastrophizing as a risk factor for chronic pain after total knee arthroplasty: a systematic review. *Journal of Pain Research*. 2015; 8:21-3.
75. Leeuw M, Goossens MEJB, Linton SJ, Crombez G, Boersma K, Vlayen JWS. The fear-avoidance model of musculoskeletal pain: current state of scientific evidence. Journal of Behavioral Medicine. 2007; 30(1):77-94.
76. Güney-Deniz H, Kinikli GI, Çaglar Ö, Atilla B, Yüksel I. Does kinesiophobia affect the early functional outcomes following total knee arthroplasty? Physiotherapy Theory and Practice. 2017; 33(6): 448-53.
77. Siqueira FB, Teixeira-Salmela LF, Magalhães LC. Analysis of the psychometric properties of the brazilian version of the tampa scale of kinesiophobia. Acta Ortop Bras. 2007; 15(1):19-24.
78. Neblett R, Hartzell MM, Bradford EM, Gatchel RJ. Establishing clinically meaningful severity levels for the Tampa Scale for Kinesiophobia (TSK-13). European Journal of Pain. 2016; 20(5): 701-10.
79. Monticone M, Ambrosini E, Rocca B, Foti C, Ferrante S. Responsiveness and minimal clinically important changes for the Tampa Scale of Kinesiophobia after

lumbar fusion during cognitive behavioral rehabilitation. European Journal of Physical and Rehabilitation Medicine. 2017; 53(3):351-8.

80. Sullivan M, Tanzer M, Reardon G, Amirault D, Dunbar M, Stanish W. The role of presurgical expectancies in predicting pain and function one year following total knee arthroplasty. Pain. 2011; 152:2287-93.
81. Jansson MM, Rantala A, Miettunen J, Puhto AP, Pikkarainen M. The effects and safety of telerehabilitation in patients with lower-limb joint replacement: a systematic review and narrative synthesis. Journal of Telemedicine and Telecare. 2020; 0(0):1-9.
82. Bandholm T, Wainwright TW, Kehlet H. Rehabilitation strategies for optimisation of functional recovery after major joint replacement. J Expert Orthop. 2018; 5:44.
83. Coulter CL, Scarvell JM, Neeman TM, Smith PN. Physiotherapist-directed rehabilitation exercises in the outpatient or home setting improve strength, gait speed and cadence after elective total hip replacement: a systematic review. Journal of Physiotherapy. 2013; 59:219-26.
84. Gilbey HJ, Ackland TR, Wang AW, Morton AR, Trouchet T, Tapper J. Exercise improves early functional recovery after total hip arthroplasty. Clinical Orthopaedics and Related Research. 2003; 408:193-200.
85. Bettger JP, Green CL, Holmes DN, Chokshi A, Mather RC, Hoch BT et al. Effects of virtual exercise rehabilitation in-home therapy compared with traditional care after total knee arthroplasty. J Bone Joint Surg Am. 2019; 00(00):1-9.

5 ARTIGOS

5.1 ARTIGO 1

Submetido à revista "Brazilian Journal of Physical Therapy" – Ed. Física: A2; FI: 2.1

INFLUENCE OF FEMORAL OFFSET ON THE FUNCTIONAL OUTCOME OF PATIENTS WITH TOTAL HIP ARTHROPLASTY: A CROSS-SECTIONAL STUDY.

Bruna de Moraes Lopes[1]

Leandro Freitas Spinelli[1,2]

Carlos Roberto Galia[3]

Carlos Schwartsmann[2]

Marcelo Faria Silva[1]

1. Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre - UFCSPA, Porto Alegre, Brasil.
2. Serviço de Ortopedia e Traumatologia, Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, Porto Alegre, Brasil.
3. Serviço de Ortopedia e Traumatologia, Hospital de Clínicas de Porto Alegre – HCPA, Porto Alegre, Brasil.

ABSTRACT

Objective: to correlate vertical (VFO) and horizontal (HFO) femoral offset with hip range of motion (ROM), peak muscle torque (PT), functional capacity and lower limb length in patients with total hip arthroplasty (THA).

Methods: cross-sectional, case control study (level of evidence III), 22 individuals (10 men and 12 women), aged 61 (41-72) and within 23 (10-40) postoperative days, were evaluated for: active hip ROM (fleximetry); Isometric PT (portable dynamometer); functional capacity - Timed up and Go test (TUG) and Harris Hip Score questionnaire; lower limb length (measuring tape); and VFO and HFO from radiographs.

Results: the operated limb showed a reduction in CM ($p=0.006$), abduction ($p=0.001$), flexion ($p=0.003$) and external rotation ($p=0.003$) ROM, and in all PT ($p<0.05$) in comparison to the contralateral limb. Moderate correlations between: VFO and external rotators ($r=0.487$; $p=0.021$); HFO and external rotators PT ($r=-0.508$; $p=0.016$); and the difference between the VFO (operated and non-operated limb) and the TUG ($r=-0.570$; $p=0.006$).

Conclusion: changes in the FO seem to influence the functional capacity, as well as the movement and hip external rotators PT in patients with THA considering the postoperative period evaluated.

Keywords: total hip arthroplasty; femoral offset; muscle strength; functional capacity.

INTRODUCTION

Total hip arthroplasty (THA) consists in the surgical replacement of the femoral (femoral head) and pelvic (acetabulum) components of the hip joint.[1] The number of

THA performed in the world has been growing annually, it is estimated a 219% worldwide increase in the number of THA performed until the year 2046, representing a higher cost to the health system.[2] Preoperative planning is essential for the proper choice of prosthetic components, aiming to restore the biomechanics of the hip to normal conditions.[3]

The measurements of the vertical (VFO) and horizontal (HFO) femoral offset can be considered both in surgical planning and in the verification of postoperative results. Previous studies have shown positive associations between femoral offset (FO) and hip abductors muscle strength.[4-10] A more lateral position of the femur followed by a greater offset could provide a biomechanical advantage, associated with greater stability of prosthetic components. It is believed that this positioning would allow a better range of motion (ROM) and strength production by the hip abductors, as well as an improvement in the tension of soft tissues.[11] However, more studies are needed to verify the possible relationships between the radiographic variables and the clinical outcomes.

Thus, the objectives of this study were to correlate the findings of FO with those of hip ROM, hip muscle peak torque, lower limb length and functional capacity in patients submitted to primary THA surgery.

MATERIALS AND METHODS

Study Design

A cross-sectional study was conducted with patients submitted to primary THA surgery in hospitals in Porto Alegre (RS, Brazil). Prior to data collection, the written informed consent was obtained from all participants. This study was approved by the Federal University of Health Science Research Ethics Committee (protocol 3.049.371) and a registered in Clinical Trials (NCT3208829) as part of a larger study.

Participants

Individuals with postoperative complications (infections, deep vein thrombosis, prosthesis dislocation, periprosthetic fractures and neural injuries), THA surgery on the contralateral limb less than a year prior to this study, and other orthopedic surgeries on the lower limbs were excluded from the study. All surgeries were performed with a posterior hip approach.

Outcomes

Participants attended a single evaluation session with the same experienced and trained assessor, between 10 to 40 days after surgery. In this evaluation, data regarding age, body mass index (BMI), lower limb length (LLL), hip ROM, hip muscle PT and functional capacity were obtained. The LLL was measured using a tape measure, considering the antero-superior iliac spine and the medial malleolus as anatomical points, with the patients in the supine position with extended lower limbs.

Range of Motion

Active ROM was assessed bilaterally using a fleximeter (model FL6010, Sanny, Brazil). Participants were instructed to perform each movement twice and were interrupted if compensatory movements (pelvis or trunk) were observed. The positions used can be seen in Figure 1.[12]

Peak Muscle Torque

Hip muscle PT was measured bilaterally, using a portable dynamometer (Micro-Fet II model, Hoggan Health Industries). Three measurements of maximum voluntary isometric contraction were performed for each movement and the average of the values was used for analysis. Each measurement lasted 5 seconds with an interval of 30 seconds for resting. The evaluation followed the positioning protocol presented in Figure 2, and the dynamometer placing varied according to the muscle group evaluated: abductors, dynamometer positioned approximately 10 cm above the knee joint; extensors, dynamometer positioned approximately 10 cm above the popliteal foramen; flexors, dynamometer positioned 10 cm above the patella; internal (IR) and external (ER) rotators, dynamometer positioned 5cm above the lateral (IR) and medial (ER) malleolus (Figure 2).[13] All PT measurements were normalized by body mass according to the equation $PT = peak\ of\ torque\ (Nm)\ /\ body\ mass\ (Kg)\ x100$.

Functional Capacity

Functional capacity was assessed using Timed Up and Go Test (TUG) and Harris Hip Score (HHS) questionnaire, which have excellent validity and reliability.[14,15] To perform the TUG test, participants rose from a chair without the support of their arms, walked 3 meters, at their usual speed, using their auxiliary devices if necessary, until they reached a mark on the floor, turned around, walked back to the chair and sat down.[16,17] The HHS has a score ranging from 0 to 100, distributed across the domains: pain, function-gait, function-activity, deformity and ROM. According to the obtained scores, the results were classified as: poor, below 70 points; normal, 70-79 points; good, 80-89 points; excellent, 90-100 points.[9]

Femoral Offset

VFO and HFO measurement was performed from radiographs of the pelvis (anteroposterior view), with the patient in the supine position and lower limbs neutrally positioned, obtained in the hospitals computerized systems. The VFO was determined by the distance between two parallel lines, one passing through the center of rotation of the femoral head and the other one at the lower limit of the ischial tuberosities (Figure 3). HFO was defined as the distance comprised by a line passing perpendicularly from the center of rotation of the femoral head to the meeting point with another line that passes through the long axis of the femur (Figure 3). According to the literature, from the difference between the HFO of the operated limb and the non-operated limb, the HFO can be classified into: increased, difference of 5mm or more with a larger operated limb; reconstructed, difference of up to 5mm between the limbs; and reduced, difference of less than 5mm, with the operated limb being smaller.[9,18,19]

Statistical Analyses

The Shapiro-Wilk test was used to verify data distribution. In the descriptive analysis, measures of central tendency (median, minimum, and maximum) were applied. In order to analyze the reliability of the ROM and PT measurements, the Intraclass Correlation Coefficient (ICC) was used, which is classified as excellent (ICC> 0.75), satisfactory (ICC = 0.40-0.75) and weak (ICC <0.40), being considered relevant only those classified as at least satisfactory (α <0.05).[20] For the intra-group comparative analysis (operated lower limb and non-operated lower limb) the Wilcoxon test was applied for nonparametric data. For correlational analyses, Spearman's Linear Correlation was used. A significance level (α) of 5% and a confidence interval of 95%

were adopted. All statistical analyses were performed using the Statistical Package for Social Sciences (SPSS) for Windows (version 22.0).

RESULTS

The data found in this study had a non-normal distribution. 22 individuals (10 men and 12 women) were included, evaluated 23 (10-40) days after surgery, with median age of 61 (41-72) years and a BMI of 29.48 (21.59-37.01) kg/m². More information on the characterization of the sample can be found in Table 1.

All participants received routine care during the hospitalization period, with daily physiotherapy sessions and guidelines related to postoperative care. Regarding functional capacity, the individuals presented a time of 26.41 (12.30-60.38) seconds in performing the TUG test and a score of 57.45 (37.20- 73.50) on the HHS (Table 1).

The internal reliability of the measurements obtained in the present study were considered excellent for both hip PT (ICC=0.95-0.98; $p>0.05$) and ROM (ICC=0.93-0.99; $p<0.05$).

The data regarding FO, LLL, ROM and PT can be seen in Table 2. No statistically significant differences were found between the lower limbs (operated and non-operated) according to the VFO ($p = 0.152$) and HFO ($p = 0.162$). However, from the values of the difference between the members for the HFO, 2 individuals were classified as increased HFO, 2 as reduced and 8 as reconstructed. Statistically significant differences, with lower values in the operated limb, were found in the comparisons between the lower limbs, in relation to: the LLL ($p = 0.006$); hip abduction ($p = 0.001$), flexion ($p = 0.003$) and external rotation ($p = 0.003$) ROM; and hip flexion (p = 0.002), abduction (p = 0.001), extension (p = 0.001), external rotation (p = 0.002) and internal rotation (p = 0.001) PT (Table 2).

Regarding the correlation between the FO (VFO and HFO) and other variables, some relationships were found, but only the following were statistically significant: VFO and external rotation ROM (r = 0.487; p = 0.021); HFO and external rotators PT (r = -0.508; p = 0.016); and, when using the difference between the operated and non-operated VFO, moderate correlations with the TUG test (r = - 0.570; p = 0.006).

DISCUSSION

The present study correlated the findings of FO with those of hip ROM, hip PT, LLL and functional capacity, as well as compared the operated and non-operated lower limbs in patients undergoing primary THA surgery. The main findings of this study refer to the scores of functional capacity, the differences found between the operated and non-operated limbs, and the correlations found between the measurements of the FO and the individuals' ROM, PT and functional capacity.

Based on the score of the HHS questionnaire, classified as bad, and the time of 26.41 (12.30-60.38) seconds taken to perform the TUG test, we observed that the individuals in the present study showed a reduction in their functional capacity considering the post-operative period evaluated. According to Bohannon[21], the time taken to perform the TUG test shows an increase according to age. In a population aged 60-69 years an 8.1 (7.1-9.0) seconds time should be considered a reference value, as in a 70-79 year old population, a 9.2 (8.2-10.2) seconds time should be considered normal. Values higher than those of reference suggest disturbances.[21] These alterations may be related to balance, muscle strength and/or mobility disorders, frequently found in individuals in the recent post-operative period of THA, as is the case of the patients in this study (about 23 days post-operatively).[22-25]

Our findings are in line with those of other studies, which also found positive correlations between the FO and THA patients' functional capacity.[26,27] In the present study, statistically significant correlations were found between FO and the TUG test, but not with HHS questionnaire. These findings suggest that the greater the difference between MIO and MINO, that is, when there is an increase in VFO in MIO in relation to MINO, the shorter the time to perform the TUG test and the better the score obtained. The association found with the TUG test, but not with HHS, may be related to the fact that the TUG is a dynamic test that comprises movements used in daily life, being more directly involved and dependent on biomechanical issues, since it allows assessing sitting balance, transferring from sitting to standing position, stability in ambulation and change of direction.[26]

Buecking et al.[27], contrary to our findings, found correlations between the FO and the HHS questionnaire, but not with the TUG test, while Hartel et al.[28] found no correlations between FO and functional capacity. It is worth mentioning, however, that those studies differ from ours regarding patients profile, since they had a higher age average[27,28], underwent THA due to femoral neck fracture[27,28] and in some cases had associated pathologies (dementia, sarcopenia and / or neurological disorders)[28], which makes comparing studies difficult.

The reductions found in the operated limb, compared to the non-operated limb, in relation to hip ROM and PT, can be expected due to the trauma of the surgical procedure, especially in a recent postoperative period such as that of the present study. According to our knowledge, this study was one of the few to search for correlations between FO and hip ROM in patients with THA. Positive correlations were found, suggesting that an increased VFO could be related to the greater hip external rotation range of motion. In a study by McGrory et al.[7], positive correlations between FO and ROM were also found, but in relation to hip abduction.

Several studies point to a positive correlation between the FO and the muscular strength of the hip abductors, suggesting that a restored or slightly increased FO would bring mechanical advantage to the hip abductor muscles, greater stability and functionality, and smaller reaction force in the hip joint. [5,8,9,23] The present study did not find such correlations, but it was the first to find a correlation between FO and hip external rotators PT. The results presented suggest that the higher the HFO, the lower the external rotators PT, that is, an increased HFO in the operated limb would result in a lower muscle force generation of external rotors, represented by a lower PT.

It is difficult to compare the results found in the present study with those found in other studies, as they differ methodologically from ours in some points: assessment of hip abductors muscle strength only[5,8,9,19]; longer postoperative period (6 months to 29 years)[5,9,19]; measurement of muscle strength in an isokinetic dynamometer[5,9,19]; measurement of FO through computed tomography; use of HFO only or global FO (sum of HFO and VFO)[5,8,9,19].

The main limitations of this study refer to: the impossibility of grouping individuals, for comparison matters, according to the increase and decrease in FO, due to the sample size; and the use of simple radiographs instead of computed tomography to measure the FO, which may have underestimated the real differences. According to Sariali et al.[29], measurement on radiographs leads to an underestimation of the FO between 3.5-13mm. We believe, however, that this underestimation does not seem to be relevant in this case, as we used the comparison between the operated and non-operated sides. Furthermore, simple radiography is a low-cost and easy-to-access test that does not expose the patient to greater risks, being widely used to measure FO in the clinical setting.

The paper findings allow us to conclude that changes in the femoral offset measurements (horizontal and vertical), resulting from the surgical procedure of total hip arthroplasty, can influence the functional capacity, as well as the range of motion and muscle strength of the external rotators of the hip. These results reinforce that biomechanical factors resulting from surgery must be considered in future works.

AKNOWLEDGEMENTS

The authors would like to thank the professionals of the orthopedics and traumatology services at Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Hospital Santa Clara at Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, Hospital Cristo Redentor at Grupo Hospitalar Nossa Senhora da Conceição and Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. The authors would also like to thank the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brazil (CAPES), since they have financed a part of this study (Finance Code 001).

CONFLICTS OF INTEREST

The authors declare that they have no conflicts of interest.

AUTHORS 'CONTRIBUTION

Each author contributed individually and significantly to the development of this article. BML: contact and clinical evaluation of patients, writing of the article; LFS: surgery, writing of the article; CRG; surgeries and article review; CS: surgeries and article review; MFS: article review, intellectual research concept.

REFERENCES

1. Sizínio H. Ortopedia e Traumatologia: princípios e prática. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2009.
2. Ongo JR, Onggo JD, Steiger R, Hau R. The Efficacy and safety of inpatient rehabilitation compared with home discharge after hip or knee arthroplasty: a meta-analysis and systematic review. The Journal of Arthroplasty. 2019; 34:1823-1830.
3. Lecerf G, Fessy MH, Philippot R, Massin P, Giraud F, Flecher X et al. Femoral offset: anatomical concept, definition, assessment, implications for preoperative templating and hip arthroplasty. Orthopaedics & Traumatology: Surgery & Research 2009; 95: 210-219.
4. Asayama I, Naito M, Fujisawa M, Kambe T. Relationship between radiographic measurements of reconstructed hip joint position and the Trendelenburg sign. Journal of Arthroplasty 2002; 17: 747-751.
5. Asayama I, Chamnonkich S, Simpson K. Reconstructed hip joint position and abductor muscle strength after total hip arthroplasty. Journal of Arthroplasty 2005; 20(4): 414-420.
6. Yamaguchi T, Naito M, Asayama I, Ishiko T. Total hip arthroplasty: the relationship between posterolateral reconstruction, abductor muscle strength,

and femoral offset. Journal of Orthopaedic Surgery and Research 2004; 12(2): 164-167.

7. McGrory BJ, Morrey BF, Cahalan TD, Na KN, Cabanela ME. Effect of femoral offset on range of motion and abductor muscle strength after total hip arthroplasty. Journal of Bone and Joint Surgery 1995; 77B: 865-869.
8. Mahmood SS, Mukka SS, Crnalic S, Wretenberg P, Sayed-Noord AS. Association between changes in global femoral offset after total hip arthroplasty and function, quality of life, and abductor muscle strength. Acta Orthopaedica 2016; 87(1): 36-4.
9. Chamnongkich S, Asayama I, Kinsey TL, Mahoney OM, Simpson KJ. Difference in hip prosthesis femoral offset affects hip abductor strength and gait characteristics during obstacle crossing. Orthopedic Clinics of North America 2012; 43: e48-e58.
10. Tezuka T, Inaba Y, Kobayashi N, Ike H, Kubota S, Kawamura M. Effects of hip joint center location and femoral offset on abductor muscle strength after total hip arthroplasty. Modern Rheumatology 2015; 25(4): 630-636.
11. Miashiro EH, Fukili EN, Yamaguchi EN, Chikude T, Rodrigues LHS, Fontes GM et al. Planejamento pré-operatório de artroplastias totais primárias de quadril com o uso de radiografias convencionais. Revista Brasileira de Ortopedia 2014; 49(2): 140-148.
12. Monteiro GA. Manual de utilização do flexímetro Sanny. São Paulo: Sanny; 2000.
13. Poulsen E, Christensen HW, Penny JØ, Overgaard S, Vach W, Hartvigsen J. Reproducibility of range of motion and muscle strength measurements in

patients with hip osteoarthritis – a inter-rater study. BMC Musculoskeletal Dirsorders 2012; 13: 242.

14. Bijur P, Silver W, Gallagher J. Reliability of the Visual Analog Scale for Measurement of Acute Pain. Academic Emergency Medicine 2001; 8: 1153-1157.
15. Bookwala J, Harralson T, Parmelee P. Efects of pain on functioning and well-being in older adults with osteoarthritis of the knee. Psychology and Aging 2003; 18: 844-850.
16. Blyth FM, March LM, Brnabic AJ, Cousins MJ. Chronic pain and frequent use of health care. Pain 2004; 111: 51-58.
17. Patrizzi LJ, Vilaça KHC, Takata ET, Trigueiro G. Análise Pré e Pós-Operatória da Capacidade Funcional e Qualidade de Vida de Pacientes Portadores de Osteoartrose de Quadril Submetidos à Artroplastia Total. Revista Brasileira de Reumatologia 2004; 44: 185-191.
18. Clement ND, Patrick-Patel RS, MacDonald D, Breusch SJ. Total hip replacement: increasing femoral offset improves functional outcome. Arch Orthop Trauma Surg 2016; 136: 1317-1323.
19. Sato H, Maezawa K, Gomi M, Kajihara H, Hayashi A, Maruyama Y et al. Effect of femoral offset and limb length discrepancy on hip joint muscle strength and gait trajectory after total hip arthroplasty. Gait & Posture 2020; 77: 276-282.
20. Fleiss JL, Levin B, Paik MC. Statistical Methods for Rates and Proportions. 3. ed. John Wiley & Sons Inc, 2003.
21. Bohannon RW. Reference values for the timed up and go test: a descriptive meta-analysis. J Geriatr Phys Ther 2006; 29(2): 64-68.

22. Frost KL, Bertocci GE, Wassinger C, Munin MC, Burdett RG, Fitzgerald SG. Isometric performance following total hip arthroplasty and rehabilitation. J Rehabil Res Dev 2006; 43(4): 435-444.
23. Skoffer B, Dalgas U, Mechlenburg I. Progressive resistance training before and after total hip and knee arthroplasty: a systematic review. Clinical Rehabilitation 2015; 29(1): 14–29.
24. Shih CH, Du YK, Lin YH, Wu CC. Muscular recovery around the hip joint after total hip arthroplasty. Clin Orthop Relat Res 1994; 115–120.
25. Sicard-Rosenbaum L, Light KE, Behrman AL. Gait, lower extremity strength, and self-assessed mobility after hip arthroplasty. Journal of Gerontology 2002; 57(1): 47–51.
26. Cassidy KA, Noticewala MS, Macaulay W, Lee JH, Geller JA. Effect of femoral offset on pain and function after total hip arthroplasty. J Arthroplasty 2012; 27(10): 1863-9.
27. Buecking B, Boese CK, Bergmeister VA, Frink M, Ruchholtz S, Lechler P. Functional implications of femoral offset following hemiarthroplasty for displaced femoral neck fracture. Int Orthop 2016; 40(7): 1515-1521.
28. Hartel M, Arndt M, Eulenburg CZ, Petersen JP, Rueger JM, Hoffmann M. Restoration of hip architecture with bipolar hemiarthroplasty in the elderly: does it affect early functional outcome? Arch Othop Trauma Surg 2014; 134(1): 31-38.
29. Sariali E, Mouttet A, Pasquier G, Durante E, Catone Y. Three-dimensional hip anatomy in osteoarthritis – analysis of the femoral offset. J Arthroplasty 2009; 24(6): 990-997.

TABLES

Table 1. Total hip arthroplasty patient's characterization.

	THA patients (n =22)
Age (years)	61.00 (41.00 – 72.00)
Sex (M/F)	10/12
Height (m)	1.67 (1.39 - 1.78)
Weight (kg)	77.00 (57.00 - 100.50)
BMI (kg/m2)	29.58 (21.59 - 37.010)
P.O. Period (days)	23.00 (10.00 – 40.00)
Fixation Tipe (H/C)	14/8
Controlateral hip prosthesis (Y/N)	5/17
Auxiliary Device (1C/2C/W)	2/8/12
TUG(s)	26.41 (12.30 - 60.38)
HHS	57.45 (37.20 – 73.50)

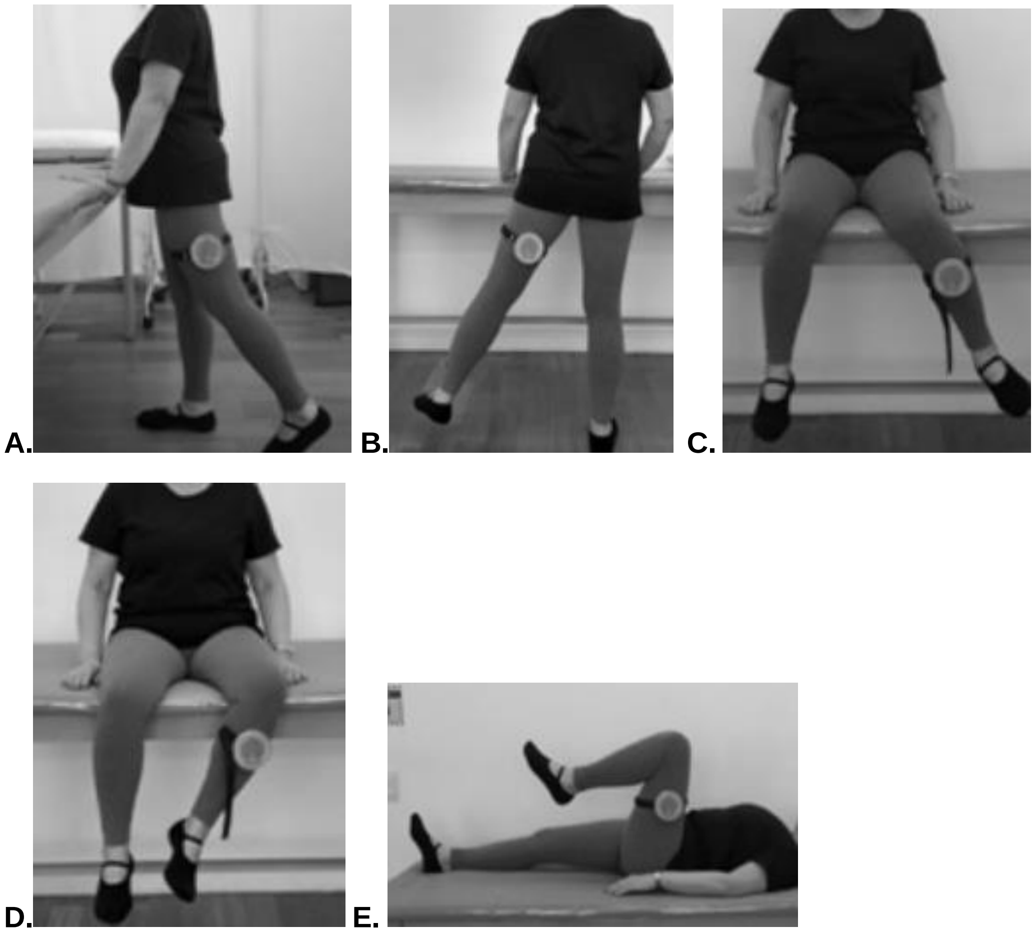
1C: one crutch; **2C:** two crutches; **BMI:** body mass index; **C:** cimented; **F:** female; **H:** hybrid; **M:** male; **N**: no; **P.O.:** postoerative; **TUG:** Timed Up and Go Test; **Y:** yes ; **W:** walker. Values expressed as median (minimum-maximum).

Table 2. Comparison between operated and non-operated lower limbs for joint range of motion (degrees), normalized muscle torque peaks (Nm / kg), femoral offset (mm) and lower limb length (cm).

		OLL	**NOLL**
LLL		86.25 (72.00 – 99.00) *	87.00 (73.00 – 97.00)
Offset	**VOF**	30.00 (21.00-44.00)	28.00 (20.00-45.00)
	HOF	17.50 (10.00-22.00)	17.50 (13.00-33.00)
ROM	**Flexion**	41.50 (11.00 – 56.00) *	60.00 (15.00 – 90.00)
	Extension	19.50 (10.00 – 26.00)	19.00 (7.00 – 40.00)
	Abduction	15.00 (8.00 – 32.00) *	21.50 (14.00 – 40.00)
	IR	15.00 (6.00 – 30.00)	17.50 (4.00 – 35.00)
	ER	10.00 (3.00 – 26.00) *	18.00 (1.00 – 37.00)
PT	**Flexion**	114.00 (54.00– 247.00) *	186.00 (52.00 – 257.00)
	Extension	67.00 (30.00 – 173.00) *	117.00 (37.00 – 323.00)
	Abduction	68.00 (36.00 – 184.00) *	114.00 (16.00 –314.00)
	IR	43.00 (29.00 – 137.00) *	92.00 (36.00 – 202.00)
	ER	73.00 (30.00 – 137.00) *	109.00 (38.00 – 167.00)

HFO: horizontal femoral offset; **IR:** internal rotation; **ER:** external rotation; **OLL:** operated lower limb; **NOLL:** non-operated lower limb; **PT:** peak muscle torque; **ROM:** range of motion; **VFO:** vertical femoral offset. Values expressed as median (minimum-maximum). *****p>0.05.

Figure 1 – Range of motion assessment positions.

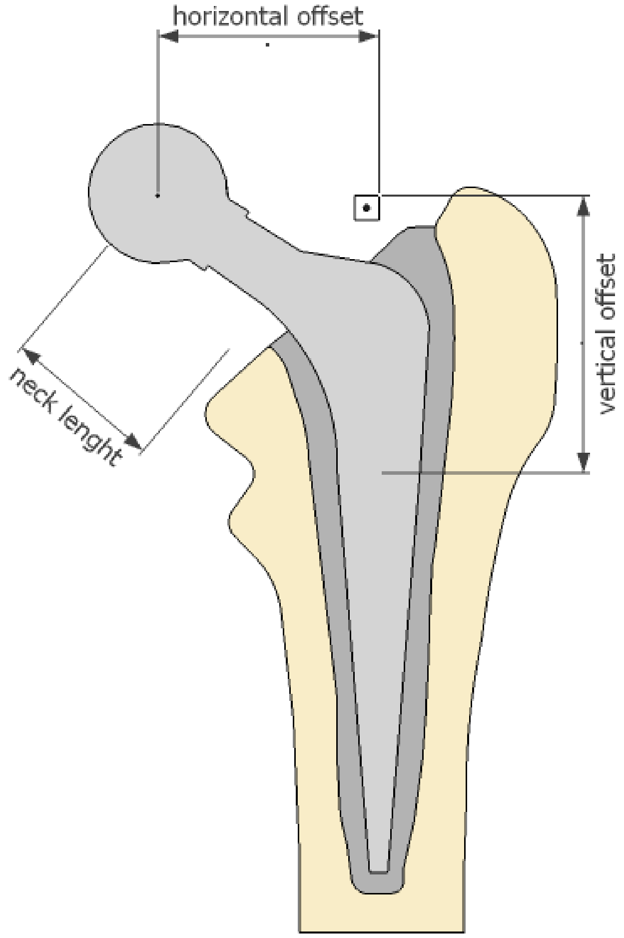


A. Assessment of left hip extension; **B.** Assessment of left hip abduction; **C.** Assessment of left hip internal rotation; **D.** Assessment of left hip external rotation; **E.** Assessment of left hip flexion;

Figure 2 – Muscle torque assessment positions.

A. Hip internal rotator isometric muscle torque assessment; **B.** Hip external rotator isometric muscle torque assessment; **C.** Hip flexors isometric muscle torque assessment; **D.** Hip abductor isometric muscle torque assessment; **E.** Hip extensors isometric muscle torque assessment.

Figure 3 – Femoral Offset.



5.2 ARTIGO 2

Sugestão de submissão na revista *"Archives of Physical Medicine and Rehabilitation"* – *Ed. Física: A1; Med I: B1; FI: 2.888*

FACE-TO-FACE EXERCISES ARE NOT SUPERIOR TO TELE-REHABILITATION IN THE RECENT POST-OPERATIVE TOTAL HIP ARTHROPLASTY: RANDOMIZED CLINICAL TRIAL

Bruna de Moraes Lopes[1]

Marcelo Faria Silva[1]

1. Department of Physiotherapy, Federal University of Health Sciences of Porto Alegre, UFCSPA, Rio Grande do Sul, Brazil

ABSTRACT

Objective: compare a face-to-face exercise program (face-to-face group [FG]) to telerehabilitation (telerehabilitation group [TG]), in patients undergoing total hip arthroplasty (THA).

Methodology: randomized clinical trial with 24 participants: 14 in the FG, which held weekly exercise sessions with face-to-face supervision in the clinic; and 10 in the TG, which performed exercises at home, with guidance from the booklet and weekly calls from the researchers. All participants underwent 6 weeks of intervention and were evaluated, by a blinded evaluator, in the pre- and post-intervention moments for: pain (numerical pain scale); kinesiophobia (Tampa Scale); functional capacity (Harris Hip Score - HHS and Timed Up and Go - TUG); joint range of motion (ROM); and peak muscle torque (PT).

Results: post-intervention only the TG (p = 0.018; d = 1,744) showed improvement in the results of the TUG, however both TG (p = 0.043; d = 1,876) and FG (p = 0.002; d = 1,854) showed improvement in the results. HHS results. There was an increase in post-intervention ROM, in FG, 9 degrees (p = 0.013; d = 1,028) in abduction and 5 degrees in the extension (p = 0.037; d = 0.949) of the operated lower limb (MIO), and in the TG, 18 degrees (p = 0.028; d = 1,571) in flexion of the MIO and 12 degrees (p = 0.027; d = 1,298) in the extension of the non-operated lower limb (MINO). After the interventions, there was an increase, in the MIO, of 119.02% (p = 0.028; d = 2,409) in the PT of the abductors of the TG and of 71.08% (p = 0.023; d = 1,003) of the GF, as well as in the external rotators, 92.21% (p =

0.018; d = 0.862) in the TG and 130.65% (p = 0.016; d = 1,386) in the FG. There were no significant post-intervention differences between groups.
Conclusion: telerehabilitation proved to be as effective as face-to-face rehabilitation in improving PT, ROM and functional capacity of patients in the initial stage of THA rehabilitation. It can be considered a low-cost and easy access alternative in this post-operative phase.

Keywords: rehabilitation; muscle strength; osteoarthritis; hip prosthesis.

INTRODUCTION

Hip osteoarthritis (OA) causes pain, immobility and functional disability[1-4], and it is estimated that one in four people will develop this condition throughout life.[5] Non-surgical treatments are often the first choice in their management, however, in advanced cases, total hip arthroplasty (THA) surgery is recommended.[6]
The number of THA performed in the world has been growing annually, it is estimated a 219% worldwide increase in the number of THA performed until the year 2046, representing a higher cost to the health system.[7] Despite the high levels of quality of life (84-97%) 8 reported, evidence indicates that individuals undergoing THA surgery may persist with functional changes, movement restrictions and deficits in muscle strength for one or two years in the postoperative period.[9-13]
Physiotherapy has become a routine component in the rehabilitation of patients with THA[13], however, the literature presents great variation in relation to: intervention - home programs (guidelines or booklets)[6,14-16] or exercises with face-to-face supervision[6,15,17,18]; exercises - on the ground[14,15,16,17,18,19] or in the water[18]; with load[18] or without load[14,15,16,17,18,19]; frequency - ranging from twice a day to twice a week[19]; protocol duration - ranging from 4 weeks to 3 months[13]; and patients' postoperative period - ranging from shortly after hospital discharge[18,20,21] to 12-24 months postoperatively.[14-17,22]
Considering that post-discharge health care can be difficult for many patients with THA, due to accessibility and costs[19,23], some studies[19,22,23]

investigated the application of home exercise protocols, supervised or not, performed in the immediate or late postoperative period, and demonstrated that they were able to promote improvement in muscle strength, functionality and gait speed in patients with THA.[19,22,23] Such studies, however, have methodological limitations, since even in the case of randomized clinical trials, they did not conceal the allocation or blinding of the evaluators.[19,22,23] The literature therefore lacks studies that investigate the application of affordable and affordable alternatives for the rehabilitation of THA patients, in order to optimize their recovery and avoid deficits in the long term. Thus, the objective of this study was to compare the effects of an exercise protocol performed under face-to-face supervision (face-to-face), in the clinical environment, to a home exercise program (telerehabilitation), accompanied by distance monitoring, in patients undergoing THA surgery.

METHODS

Study Design

A randomized clinical trial was carried out, following the rules of the CONSORT Statement.[24] This study was approved by the University's Research Ethics Committee (protocol 3.049.371) and registered with ClinicalTrials (NCT3208829). Before the beginning of the procedures, the participants read, agreed and signed the free and informed consent form.

Participants

The sample calculation was performed based on an average difference of 10.84Nm regarding the peak torque of the hip abductors15, assuming a standard deviation of 11 points for group 1 and 10, for group 2, an alpha level of 0.05 and 80% power. Thus, a minimum total of 56 patients was obtained, 28 in each group.

The groups were composed of patients (men and women), aged over 45 years, from 3 hospitals in the city of Porto Alegre (RS, Brazil), who underwent primary THA surgery (10-30 days postoperatively). Individuals with: postoperative complications (infections, deep vein thrombosis, prosthesis dislocation, periprosthetic fractures and neural injuries) were excluded from the study; performing a surgical procedure on the lower limbs for less than 6 months; muscle injuries for less than 3 months on the lower limbs; cardiovascular diseases with the presence of disability (severe heart failure); and neurological diseases (stroke with sequelae, Parkinson's disease, neurodegenerative diseases); and those who were already undergoing physical therapy treatment.

Outcomes

Participants performed two assessments: initial (pre-intervention), performed before randomization; and post-intervention, within 7 days after the end of 6 weeks of follow-up. Evaluations were carried out by a researcher blinded when allocating individuals.

Pain and Kinesiophobia

The intensity of pain in the operated hip was assessed using the Numerical Pain Scale (NPS), which consists of eleven points, numbered from 0 to 10.[25] The participants were instructed to consider the worst pain they had experienced in the last week. To assess the presence of kinesiophobia, the Tampa Kinesiophobia Scale was applied, translated, validated and adapted in Brazil.[26] A questionnaire consists of 17 questions that address the pain and intensity of symptoms. The scores vary from one to four points, with the answer “totally disagree” is equivalent to one point, “partially disagree”, to two points, “partially agree”, to three points and “totally agree”, to four points. To obtain the final total score, it is necessary to invert the scores of questions 4, 8, 12 and 16. The final score can be a minimum of 17 and a maximum of 68 points, the higher the score being, the higher the degree of kinesiophobia.[26]

Self-Reported Functional Capacity

Self-reported functional capacity was measured using the Harris Hip Score (HHS) questionnaire[27], with excellent validity and reliability.[27,28] HHS is an instrument for assessing the hip joint, whose scores range from 0 to 100 points, distributed through the pain (0-44 points), gait function (0-33 points), function-activity (0-14 points), deformity (0-4 points) and range of motion (0-

5 points). According to the scores obtained, the results are classified as: poor, below 70 points; normal, 70-79 points; good, 80-89 points; excellent, 90-100 points.[29]

Objectively Measured Functional Capacity

Objectively measured functional capacity was assessed using the Timed Up and Go Test (TUG)[30,31], which has excellent validity and reliability.[27,28,30] To perform the TUG test, participants were instructed to get up from a chair without arm support, walk 3 meters, at your usual speed, using your auxiliary devices if necessary, until a mark on the floor, where you should turn around in a cone, return to the chair and sit.[31,32]

Range of motion

The active range of motion (ROM) was assessed in both hips, by a single evaluator, using a fleximeter (model FL6010, Sanny, Brazil), which showed excellent intra-examiner reliability, in the present study, in three measurements (ICC = 0.935- 0.994; $p < 0.05$). The movements were evaluated in the following positions: hip flexion, in supine position, starting with the knee extended and ending with the knee flexed; hip extension and abduction, in orthostasis; internal and external rotation of the hip, with the patient sitting on the edge of the stretcher, with 90º flexion of the hip and knee (Figure 1).[33] Participants performed each movement three times, and were interrupted if compensatory movements were observed in the pelvis or in the pelvis. trunk. For analysis, the averages of the three measures of each movement were used.

Muscle strength

Muscle strength was represented by the measurement of the isometric peak torque (PT), in both lower limbs, using a portable dynamometer (model HHD 01165, Laffayete, United States), which demonstrated excellent reliability, in this study, intra-examiners, throughout three measurements (ICC = 0.939-0.980; $p < 0.05$). For each muscle group, three maximum isometric contractions were performed, lasting 5 seconds and an interval of 30 seconds for rest.34 The evaluation followed the following positioning

protocol: hip abductors, in lateral decubitus with the evaluated limb facing upwards with extension knee, while the opposite limb remained positioned at 45º of hip and knee flexion, the patient was asked to raise the lower limb in 5cm of abduction and 5º in extension, and the dynamometer was positioned approximately 10 cm above the joint of the knee; hip extensors, in prone position, with the lower limbs in knee extension and the dynamometer, approximately 10 cm above the popliteal foramen; hip flexors, with the individual sitting on the stretcher with both legs hanging down, the participant was asked to raise the lower limb between 5-10° and the dynamometer was positioned 10 cm above the patella; internal and external hip rotators, with the individual sitting on the stretcher with the lower limbs hanging, at 90, of knee and hip flexion, and the dynamometer positioned 5 cm above the lateral malleolus (internal rotation) and medial (external rotation) (Figure 2).[34] The means of the three measurements were used for analysis, and the PT values were normalized by body mass according to the equation PT = peak torque (Nm) / body mass (kg) x100.
The order of the lower limbs measured in fleximetry and dynamometry was previously randomized with Randomizers - www.random.org.

Randomization and Allocation

After the initial evaluation, individuals were randomized into two groups of physical therapy treatment: Face-to-Face Group (FG) and Telerehabilitation Group (TG). An assistant researcher, who was not involved in the collections or monitoring of patients, was responsible for generating a numerical sequence on random.org and hiding that information in opaque envelopes numbered in sequence. The assistant researcher, responsible for the training protocols, opened the envelopes at the end of the pre-intervention assessment, to allocate the individuals to one of the two physical therapy groups.

Protocols

Hospital Phase

All patients were operated by orthopedic surgeons, with superior experience for 10 years, using a posterolateral approach and with early post-operative weight bearing of the operated lower limb. During hospitalization, all patients received standard physical therapy from the hospital where they were admitted, with daily sessions, consisting of: metabolic exercises (plantiflexion and dorsiflexion); isometric contraction of hamstrings, quadriceps and glutes; passive, active-assisted or active mobilization of the operated limb; bedside sedation on the first postoperative day; getting out of bed and walking training with support according to tolerance. The progression of the exercises was adapted according to the patient, and one of the criteria used for discharge was walking with the use of an auxiliary device.

Post-discharge phase

Both protocols lasted 6 weeks and consisted of bilateral exercises (performed with operated and non-operated lower limbs), with a frequency of twice a week. All recommendations and exercises aimed at increasing hip ROM, strengthening lower limb muscles and promote weight bearing in the operated limb, through functional movements, respecting the care and restrictions recommended in the THA postoperative period.

The two protocols included the same exercises: bridge (elevation of the pelvis in supine position); knee and hip flexion in supine position; sitting knee extension; sit and stand; plantiflexion in orthostasis; knee flexion in orthostasis. Three sets of 12 repetitions were performed for each exercise. After the randomization process, the members of the TG received the illustrated booklet and general guidelines, as well as explanations and demonstrations of all exercises to be performed at home, while the individuals of the FG performed the exercises under the researchers' face-to-face supervision. TG members were monitored through weekly calls from researchers to clarify doubts, and had access to researchers via calls or text messages whenever they needed.

Statistical analysis

Data distribution was analysed using the Shapiro Wilk test. Even though a normal distribution was found, it was decided to adopt non-parametric tests due to the sample size. To analyse the reliability and reproducibility of peak torque measurements, the intraclass correlation coefficient (ICC - Intraclass Correlation Coefficient) was used, which was classified as excellent (ICC> 0.75), satisfactory (ICC = 0.40-0.75), and poor (ICC <0.40) 36, and only those classified as at least satisfactory (α <0.05) were considered relevant. For comparisons between groups, the Mann-Whitney test was used. The effect of the interventions was represented by the relative variation, calculated using the equation: ($Value_{post}$ – $Value_{pre}$) / $Value_{pre}$ x 100, where $Value_{pre}$ is the median of the pre-intervention measure and $Value_{post}$ is the median of the post-intervention measure. The intervention effect For the intragroup analysis, the Wilcoxon test was used and the effect size (TF) through Cohen's d [effect size = (M_{post} - M_{pre}) / DP_{group}, where M_{post} is the mean of the post-intervention measure, M_{pre} is the mean of the pre-intervention measure, and $DP_{aggregated}$ is the pooled standard deviation of the pre and post-intervention measures], and the training effects were considered as: insignificant (d <0.19); small (d = 0.20-0.49); medium (d = 0.50-0.79); large (d> 0.80) .37 For descriptive analysis, we chose to use measures of central tendency (median) of the data and the 25th and 75th percentiles. We adopted a significance level (α) of 5% and an interval of 95% confidence. All statistical analyses were performed using the Statistical Package for Social Sciences (SPSS) for Windows (version 18.0).

RESULTS

In the period from May 2018 to March 2020, 80 potential participants were contacted to participate in the survey. 26 refused to participate, 12 presented with exclusion criteria, 14 were already undergoing physical therapy and 4 did not attend the initial assessment. Of the remaining patients, 24 met the inclusion criteria and were randomized, 14 in the FG and 10 in the TG. Over the 6 weeks of treatment, we had 4 losses, 3 of which were dropouts (1 in the FG and 2 in the TG), and one patient (TG) developed deep venous thrombosis, with exercise being contraindicated (Figure 1). The groups did not present significant differences (p>0.05) in the initial assessment regarding age, body mass index (BMI), time of illness and time after the operation and their characterization can be seen in Table 1.

Pain and Kinesiophobia

Both TG and FG presented low levels of pain according to the Numerical Pain Scale scores, in the two assessments (pre and post-intervention), with no statistically significant differences between (pre-intervention *p=0.698*; post-intervention *p=0.967*) or intra-groups (TG *p=0.443*; FG *p=0.090*). Regarding the kinesiophobia scores indicated by the Tampa Scale, no significant differences were found when comparing the pre and post-training assessments (TG *p=0.271*; FG *p=0.461*), or between groups (pre-intervention *p=0.905*; post-intervention *p=0.266*) (Table 2).

Self-Reported and Objectively Measured Functional Capacity

Regarding self-reported functionality, patients had significantly higher HHS scores in the post evaluation compared to the pre-intervention, with a large effect size, both in the TG (*d=1.876*) as in FG (*d=1.854*). No significant differences were found between groups (Table 2).

Regarding the objectively measured functionality, a significant difference (*p=0.036*) was found between the groups in the pre-intervention assessment, where the individuals in the TG needed more time to perform the test. Both groups showed a reduction in the time taken to perform the test in the post-intervention evaluation (TG = 26.9 seconds; FG = 7.8 seconds), but only the differences found for the TG were considered significant (*p=0.018*; *d=1.744*). No significant differences were found (*p=0.501*) between groups in the post-intervention assessment (Table 2).

Range of motion

Regarding ROM, individuals showed a significant increase, witrh a large effect size, in the range of motion of the lower limbs, in the post-intervention moment (Table 3). The FG showed a statistically significant increase in abduction *(p=0.013; d=1.028)* and in extension (*p=0.037*; *d=0.949*) in the operated lower limb. The TG showed a statistically significant increase in operated lower limb flexion (*p=0.028*; *d=1.571*) and in non-operated lower limb extension (*p=0.027*; *d=1.298*) (Table 3).

Muscle strength

The individuals in the TG and FG showed significant differences in the peak torque of the abductors and external rotators in the operated lower limb when comparing the pre- and post-intervention evaluations. An increase of can be observed in the PT of the abductors in the TG (*p=0.028*; *d=2.409*) and in the FG (*p=0.023*; *d=1.003*), as well as an increase in the PT of the external rotators in the TG (*p=0.018*; *d=0.862*) and in the FG (*p=0.016*; *d=1.386*) (Table 4).

The effect (difference before and after intervention) of the treatments on the parameters of pain, kinesiophobia, self-reported and objectively measured functional capacity, ROM and muscle strength, can be seen in Table 5. According to the results of the relative variation, the effect of interventions were similar in both groups.

DISCUSSION

After the application of two rehabilitation protocols, lasting six weeks, no significant differences were found between the groups (on-site and at home), in relation to the analysed outcomes (pain, kinesiophobia, functional capacity, ROM and muscle strength). According to our knowledge, this was the first blinded controlled and randomized clinical trial to compare two different forms of rehabilitation - an exercise protocol performed under face-to-face supervision in the clinical setting, and a home exercise program, with remote monitoring -, in patients undergoing THA surgery.

Regardless of the group, individuals showed an improvement in functional capacity after physical therapy monitoring. The findings by Galea et al.[23] corroborate ours, showing no differences between groups in self-reported functional capacity. In their study, however, unlike ours, the group of supervised face-to-face exercises performed significantly better on the TUG test.[23] A population-based study demonstrated that differences greater than 2.4 seconds in the TUG test can be considered clinically relevant.[38] Thus, we can consider that, in the present study, even without statistically significant differences, there was a clinically relevant improvement in the functional capacity objectively measured, in both groups, after the interventions were performed, since the individuals presented reductions between 7.80-26.90 seconds performing the TUG test.[38] It should be noted that in the study by Galea et al.[23], unlike ours, the home group did not receive calls or follow-up during the intervention period and the evaluators were not blinded to the allocation of the participants.

Both protocols were able to increase the peak torque of the abductors and external rotators of the operated lower limb. Even though the GP made use of shin guards, no significant differences in peak torque were found between the groups, which suggests that, at this stage of rehabilitation, the use of external load increases does not seem to add benefits to the treatment. Considering that evidence points to the weakness of hip abductors as one of the main deficits found in patients with THA[39,40], and in view of its fundamental role in maintaining postural stability, trunk control and gait performance, the importance of rehabilitation protocols that facilitate their rapid recovery, reducing the risk of falls and promoting the patient's return to their functional activities.[41] Contrary to our results, Unlu et al.[15] observed higher values of strength of the hip muscles in the group that performed exercises supervised in person. However, the groups showed a significant difference in peak torque, in the pre-intervention assessment, which may have influenced the results of the study.[15]

No studies were found in the literature with a methodology similar to ours that evaluated the ROM of patients with THA, which makes it difficult to compare the results found in the present study. Despite occasional improvements in ROM, the two groups, from a clinical point of view, persist with important limitations. According to Polkowski et al.[42], a typical individual needs between 67-124 degrees of flexion, 18-33 degrees of abduction and 15-26 degrees of external hip rotation to perform functional activities such as: tying shoes; going up and down stairs; and sit and get up from a chair.

The present study has limitations with regard to the absence of a longer follow-up period and a possible response bias in relation to the records of exercises performed in the DG participants, since this information was self-reported.

In view of the difficulties in accessing traditional physical therapy treatment, the results of the present study, in agreement with previous studies about home treatment and / or telerehabilitation in patients with lower limb arthroplasty[14,23,43], bring home exercises associated with remote monitoring as an alternative in the physiotherapeutic treatment of patients with THA.

CONCLUSION

The findings of the present study allow us to conclude that no differences were found between an exercise protocol with face-to-face supervision, and a telerehabilitation program, in patients in recent postoperative THA, for the outcomes of pain, kinesiophobia, capacity functional, ROM and muscle strength. Both forms of rehabilitation were able to promote improvement in the functional capacity, range of motion and muscle strength of individuals in this post-operative period, and proved to be safe and easily reproducible.

ACKNOWLEDGMENT

The authors would like to acknowledge the professionals of the orthopedics and traumatology services at the Hospital de Clínicas de Porto Alegre, the Hospital Santa Clara da Santa Casa de Misericórdia in Porto Alegre, the Hospital Cristo Redentor of the Hospital Group Nossa Senhora da Conceição and the Federal University of Sciences of the Porto Alegre Health for your assistance.

CONFLICT OF INTEREST

The authors declare that they have no conflicts of interest.

FINANCING

This study was financed, in part, by the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel - Brazil (CAPES) - financing code 001.

REFERENCES

1. Szymanski C, Thouvarecqe R, Dujardinb F, Migaudd H, Maynoua C, Girardc J. Functional performance after hip resurfacing or total hip replacement: a comparative assessment with non-operated subjects. Orthopaedics & Traumatology: Surgery & Research. 2012;98:1-7.

2. Gadia JA, Marques AP, Miranda FG. Avaliação da dor, capacidade funcional e amplitude articular em pacientes submetidos a artroplastia total de quadril. Acta Ortop Bras. 1999;7(4):159-66.
3. Guedes RC, Dias J, Dias RC, Borges VS, Lustosa LP, Rosa NM. Artroplastia total de quadril em idosos: impacto na funcionalidade. Rev Bras Fisioter. 2011;15(2):123-30.
4. Tanaka R, Shigematsu M, Motooka T, Mawatari M, Hotokebuchi T. Factors Influencing the Improvement of Gait Ability After Total Hip Arthroplasty. The Journal of Arthroplasty. 2010;25(6):982-5.
5. Murphy LB, Helmick CG, Schwartz TA, et al. One in four people may develop symptomatic hip osteoarthritis in his or her lifetime. Osteoarthr Cartil. 2010;18(11):1372–1379. doi: 10.1016/j.joca.2010.08.005.
6. Skoffer B, Dalgas U, Mechlenburg I. Progressive resistance training before and after total hip and knee arthroplasty: a systematic review. Clinical Rehabilitation. 2015;29(1):14–29.
7. Ongo JR, Onggo JD, Steiger R, Hau R. The Efficacy and safety of inpatient rehabilitation compared with home discharge after hip or knee arthroplasty: a meta-analysis and systematic review. The Journal of Arthroplasty. 2019; 34:1823-1830.
8. Shan L, Shan B, Graham D, Saxena A. Total hip replacement: a systematic review and meta-analysis on mid-term quality of life. Osteoarthristis and Cartilage. 2014; 22(3):389-406.
9. Rasch A, Dalén N, Berg HE. Muscle strength, gait, and balance in 20 patients with hip osteoarthritis followed for 2 years after total hip arthroplasty. Acta Orthopedica. 2010; 81(2):183-188.
10. Knox M. Outcomes of total hip arthroplasty: a study of patients one year postsurgery. J Orthop Sporsts Phys Ther. 2002; 32(9):469-470.
11. Nallegowda M, Singh U, Bhan S, Wadhwa S, Handa G, Dwivedi SN. Balance and Gait in Total Hip Arthroplasty. Am J Phys Med Rehabil. 2003; 82(9):669-677.
12. Okoro T, Ramavath A, Howarth J, et al. What does standard rehabilitation practice after total hip replacement in the UK entail? Results of a mixed methods study. BMC Musculoskelet Disord. 2013;14(1):91.

13. Coulter CL, Scarvell JM, Neeman TM, Smith PN. Physiotherapist-directed rehabilitation exercises in the outpatient or home setting improve strength, gait speed and cadence after elective total hip replacement: a systematic review. Journal of Physiotherapy. 2013; 59:219-26.
14. Jan MH, Hung JY, Lion JCH, Wang SF, Liu TK, Tang PF. Effects of a home program on strength, walking speed, and function after total hip replacement. Arch Phys Med Rehabil. 2004;85:1943-51.
15. Unlu E, Eksioglu E, Aydog E, Aydoth ST, Atay G. The effect of exercise on hip muscle strength, gait speed and cadence in patients with total hip arthroplasty: a randomized controlled study. Clin Rehabil. 2007;21(8):706–11.
16. Trudelle-Jackson E, Ermeson R, Smith S. Outcomes of Total Hip Arthroplasty: A Study of Patients One Year Postsurgery. J Orthop Sports Phys Ther. 2002;32(6):260-7.
17. Monaghan B, Grant T, Hing W, Cusack T. Functional exercise after total hip replacement (FEATHER): a randomised control trial. BMC Musculoskelet Disord. 2012;13(1):237
18. Husby VS, Helgerud J, Bjørgen S, Husby OS, Benum P, Hoff J. Early maximal strength training is an efficient treatment for patients operated with total hip arthroplasty. Arch Phys Med Rehabil. 2009;90(10):1658–67.
19. Nelson M, Bourke M, Crossley K, Russell T. Telerehabilitation is non-inferior to usual care following total hip replacement: a randomized controlled non-inferiority trial. Physiotherapy. 2019; 107:19-27.
20. Lowe CJM, Barker KL, Dewey ME, Sackley CM. Effectiveness of physiotherapy exercise following hip arthroplasty for osteoarthritis : a systematic review of clinical trials. BMC Musculoskelet Disord. 2009;14:1–14.
21. Gilbey HJ, Ackland TR, Wang AW, Morton AR, Trouchet T, Trapper J. Exercise improves early functional recovery after total hip arthroplasty. Clin Orthop Relat Res. 2003;(408):193-200.
22. Sashika H, Matsuba Y, Watanabe Y. Home program of physical therapy: effect on disabilities of patients with total hip arthroplasty. Arch Phys Med Rehabil. 1996;77:273-7.

23. Galea M, Levinger P, Lythgo N, Cimoli C, Weller R, Tully E et al. Targeted home- and center-based exercise program for people after total hip replacement: a randomized clinical trial. Archives of Physical Medicine & Rehabilitation. 2008; 89:1442-47.
24. CONSORT Statement disponível em: http://www.consort-statement.org/. Acesso em 23 de junho de 2020.
25. Farrar JT, Young Jr JP, LaMoreaux L, Werth JL, Poole RM. Clinical importance of changes in chronic pain intensity measured on na 11-point numerical pain rating scale. Pain. 2001; 94:149-158.
26. Siqueira FB, Teixeira-Salmela LF, Magalhães LC. Analysis of the psychometric properties of the brazilian version of the tampa scale of kinesiophobia. Acta Ortop Bras. 2007; 15(1):19-24.
27. Guimarães R, Alves DPL, Silva GB, Bittar ST, Ono NK, Honda E, Polesello GC, Junior WR, Carvalho N. Translation and cultural adaptation of the Harris Hip Score into portuguese. Acta Ortopédica Brasileira. 2010; 18:142-47.
28. Thrane G, Joakimsen RM, Thornquist E. The association between timed up and go test and history of falls: The Tromso study. BioMed Central Geriatrics. 2007; 12:7-1.
29. Patrizzi LJ, Vilaça KHC, Takata ET, Trigueiro G. Análise Pré e Pós-Operatória da Capacidade Funcional e Qualidade de Vida de Pacientes Portadores de Osteoartrose de Quadril Submetidos à Artroplastia Total. Revista Brasileira de Reumatologia. 2004; 44:185-191.
30. Bijur P, Silver W, Gallagher J. Reliability of the Visual Analog Scale for Measurement of Acute Pain. Academic Emergency Medicine. 2001; 8:1153-1157.
31. Bookwala J, Harralson T, Parmelee P. Efects of pain on functioning and well-being in older adults with osteoarthritis of the knee. Psychology and Aging. 2003; 18:844-850.
32. Blyth FM, March LM, Brnabic AJ, Cousins MJ. Chronic pain and frequent use of health care. Pain. 2004; 111:51-58.
33. Monteiro GA. Manual de utilização do flexímetro Sanny. São Paulo: Sanny; 2000.

34. Poulsen E, Christensen HW, Penny JØ, Overgaard S, Vach W, Hartvigsen J. Reproducibility of range of motion and muscle strength measurements in patients with hip osteoarthritis – a inter-rater study. BMC Musculoskeletal Dirsorders. 2012; 13:242.
35. Wang AW, Gilbey HJ, Ackland TR. Perioperative exercise programs improve early return of ambulatory function after total hip arthroplasty: a randomized, controlled trial. Am J Phys Med Rehabil. 2002;81(11):801–6.
36. Fleiss JL, Levin B, Paik MC. Statistical Methods for Rates and Proportions. 3. ed. John Wiley & Sons Inc; 2003.
37. Cohen, J. Statistical power analysis for the behavioral sciences. 2.ª ed. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates; 1988.
38. Mathias S, Nayak US, Isaacs B. Balance in elderly patients: The “Get-up and Go” test. Archives of Physical Medicine and Rehabilitation. 1986; 67:387-9.
39. Frost KL, Bertocci GE, Wassinger C, Munin MC, Burdett RG, Fitzgerald SG. Isometric performance following total hip arthroplasty and rehabilitation. J Rehabil Res Dev. 2006;43(4):435-44.
40. Sicard-Rosenbaum L, Light KE, Behrman AL. Gait, lower extremity strength, and self-assessed mobility after hip arthroplasty. Journal of Gerontology. 2002;57(1):47–51.
41. Loizeau J, Allard P, Duhaime M, Landjerit B. Bilateral gait patterns in subjects fitted with a total hip prosthesis. Arch Phys Med Rehabil. 1995; 76:552-557.
42. Polkowski GG, Clohisy JC. Hip Biomechanics. Sports Medicine and Arthroscopy Review. 2010;18:56-62.
43. Bettger JP, Green CL, Holmes DN, Chokshi A, Mather RC, Hoch BT, Leon AJ, Aluisio F, Seyler TM, Gaizo DJD, Chiavetta J, Webb L, Miller V, Smith J, Peterson E. Effects of virtual exercise rehabilitation in-home therapy compared with traditional care after total knee arthroplasty. J Bone Joint Surg Am. 2019; 00(00):1-9.

Table 1 – Characterization of the sample of the Telerehabilitation and Face-to-face groups.

Variables	Telerehabilitation Group (n=7)	*Face-to-face* Group(n=13)	*p*
Age (years)	60.50 (47.00;69.00)	61.00 (59.00;67.75)	0.206
BMI (kg/m²)	28.80 (26.90;33.30)	30.10 (26.60;33.70)	0.968
Gender			
Male	2 (20%)	10 (71.42%)	
Female	8 (80%)	4 (28.58%)	
Illness Time (years)	5.00 (2.37;15.25)	6.00 (1.54;14.25)	0.837
P.O. Time (days)	24.00 (19.00;30.00)	25.00 (19.00;30.00)	0.556
Prosthesis Type			
Cemented	3 (30%)	4 (28.60%)	
Cementless/Hybrid	7 (70%)	10 (71.40%)	
Contralateral THA			
Yes	1 (10%)	3 (21.43%)	
No	9 (90%)	11 (78.57%)	
Operated LL			
Dominant	4 (40%)	8 (57.14%)	
Non-dominant	6 (60%)	6 (42.86%)	

BMI: body mass index; LL: lower limb; P.O.: post-operative; THA: total hip arthroplasty. Data presented as median (P25;P75) or n (%). *$p<0.05$

Table 2 – Pain (numerical pain scale), Kinesiophobia (Tampa scale) and functional capacity (Harris Hip Score and Timed Up and Go) in the Telerehabilitation and Face-to-face groups.

		Telerehabilitation Group (n=7)	***Face-to-face* Group (n=13)**	***p***	***d between groups***
NPS	Pre	1.00 (2.00;5.00)	3.00 (1.00;6.00)	*0.698*	
	Post	1.00 (0.00;4.00)	1.00 (0.00;3.00)	*0.967*	*0.043*
	intragroup p	*0.443*	*0.090*		
	intragroup d	*0.477*	*0.662*		
Tampa	Pre	33.00 (31.00; 44.00)	37.00 (30.00;41.00)	*0.905*	
	Post	28.00 (27.00;41.00)	34.00 (30.00;38.00)	*0.266*	*0.315*
	intragroup p	*0.271*	*0.461*		
	intragroup d	*0.659*	*0.308*		
TUG(s)	Pre	44.40 (31.10;66.00)	24.10 (18.00;36.40)	*0.036**	
	Post	17.50 (13.40;21.90)	16.30 (11.10;19.70)	*0.501*	*0.015*
	intragroup p	*0.018**	*0.064*		
	intragroup d	*1.744*	*0.718*		
HHS	Pre	56.00 (40.80;61.70)	58.40 (49.60;68.80)	*0.285*	
	Post	81.50 (76.80;86.50)	78.20 (71.50;90.00)	*0.843*	*0.066*
	intragroup p	*0.043**	*0.002**		
	intragroup d	*1.876*	*1.854*		

HHS: *Harris Hip Score*; TUG: *Timed Up and Go* test; NPS: Numerical Pain Scale. Data presented as median (P25;P75) or Cohen *d*; *p<0.05.

Table 3 - Range of motion (ROM) of the hip before and after training in the Telerehabilitation and Face-to-face groups, expressed in degrees.

ROM		Operated Lower Limb: Telerehabilitation Group (n=7)	Operated Lower Limb: *Face-to-face* Group (n=13)	*p*	Non-operated Lower Limb: Telerehabilitation Group (n=7)	Non-operated Lower Limb: *Face-to-face* Group (n=13)	*p*
Abduction	Pre	13.00 (11.00;24.00)	15.00 (14.00;17.50)	*0.520*	25.00 (17.00;30.00)	22.00 (18.00;24.50)	*0.381*
	Post	23.00 (20.00;30.00)	24.00 (17.00;33.00)	*0.662*	29.00 (24.00;35.00)	25.00 (20.00;30.00)	*0.379*
	intragroup p	*0.075*	*0.013**		*0.150*	*0.064*	
	intragroup d	*1.028*	*1.042*		*0.611*	*0.441*	
Extension	Pre	15.00 (15.00;19.00)	20.00 (15.00;24.00)	*0.166*	13.00 (12.00;24.00)	20.00 (15.00;29.00)	*0.102*
	Post	24.00 (14.00;30.00)	25.00 (19.50;29.00)	*0.577*	25.00 (20.00;30.00)	25.00 (18.00;27.50)	*0.905*
	intragroup p	*0.075*	*0.037**		*0.027**	*0.286*	
	intragroup d	*0.949*	*0.931*		*1.298*	*0.292*	
Flexion	Pre	35.00 (24.00;43.00)	45.00 (34.00;51.00)	*0.218*	54.00 (35.00;79.00)	60.00 (43.00;63.50)	*0.905*
	Post	53.00 (49.00;58.00)	48.00 (40.00;62.50)	*0.605*	62.00 (51.00;66.00)	55.00 (39.50;65.50)	*0.427*
	intragroup p	*0.028**	*0.136*		*0.672*	*1.000*	
	intragroup d	*1.571*	*0.723*		*0.252*	*0.025*	
Internal Rotation	Pre	15.00 (10.00;19.00)	14.00 (10.00;20.00)	*0.905*	20.00 (19.00;27.00)	16.00 (10.00;20.00)	*0.163*
	Post	15.00 (12.00;25.00)	15.00 (14.00;21.00)	*0.935*	23.00 (15.00;27.00)	22.00 (12.50;28.50)	*0.751*
	intragroup p	*0.612*	*0.381*		*0.752*	*0.123*	
	intragroup d	*0.411*	*0.276*		*0.161*	*0.022*	
External Rotation	Pre	10.00 (6.00;11.00)	10.00 (5.50;14.50)	*0.874*	20.00 (15.00;30.00)	16.00 (12.50;21.50)	*0.190*
	Post	11.00 (10.00;12.00)	12.00 (10.00;15.00)	*0.354*	21.00 (15.00;25.00)	15.00 (11.00;18.50)	*0.095*
	intragroup p	*0.528*	*0.333*		*0.733*	*0.969*	
	intragroup d	*1.929*	*0.476*		*0.244*	*0.696*	

Data presented as median (P25;P75); **p*<0.05; effect size represented as *Cohen's d.*

Table 4 - Torque peaks before and after training in the Telerehabilitation and Face-to-face groups, expressed in Nm/kgx100.

		Operated Lower Limb			Non-operated Lower Limb		
Variables		**Telerehabilitation Group (n=7)**	***Face-to-face* Group (n=13)**	***p***	**Telerehabilitation Group (n=7)**	***Face-to-face* Group (n=13)**	***Face-to-face***
Abduction	Pre	58.46 (40.41;63.64)	85.66 (51.28;132.34)	*0.104*	123.65 (72.33;152.24)	114.20 (71.92;205.09)	*0.721*
	Post	128.04 (99.70;149.30)	148.26 (124.46;196.93)	*0.251*	148.49 (121.16;204.48)	159.07 (103.57;216.89)	*0.721*
	intragroup p	*0.028**	*0.023**		*0.091*	*0.345*	
	intragroup d	*2.409*	*1.003*		*0.772*	*0.206*	
Extension	Pre	53.05 (47.24;115.01)	83.81 (65.53;156.66)	*0.166*	97.42 (57.48;135.51)	108.69 (88.28;187.45)	*0.219*
	Post	123.62 (52.08;157.09)	157.27 (75.37;184.61)	*0.501*	131.52 (60.07;196.35)	164.70 (94.47;230.05)	*0.322*
	intragroup p	*0.128*	*0.173*		*0.176*	*0.345*	
	intragroup d	*1.081*	*0.479*		*0.600*	*0.384*	
Flexion	Pre	86.14 (73.52;92.92)	173.16 (104.86;199.16)	*0.008**	135.26 (105.82;204.62)	190.65 (148.55;231.71)	*0.088*
	Post	130.59 (114.59;169.65)	189.74 (148.86;231.92)	*0.036*	159.38 (99.47;202.45)	201.76 (132.47;263.53)	*0.251*
	intragroup p	*0.128*	*0.249*		*0.612*	*0.552*	
	intragroup d	*1.157*	*0.418*		*0.194*	*0.086*	
Internal Rotation	Pre	51.32 (38.43;63.48)	88.96 (52.79;109.97)	*0.036**	78.77 (62.24;91.22)	100.73 (57.28;145.84)	*0.405*
	Post	74.24 (50.48;107.96)	71.91 (62.52;113.83)	*0.606*	102.04 (64.13;126.74)	103.56 (60.56;143.41)	*0.968*
	intragroup p	*0.310*	*0.917*		*0.499*	*0.861*	
	intragroup d	*0.861*	*0.031*		*0.055*	*0.029*	
External Rotation	Pre	41.71 (38.37;49.10)	43.26 (34.56;77.47)	*0.968*	98.40 (69.91;123.67)	108.56 (66.18;129.11)	*0.721*
	Post	80.17 (66.30;93.33)	99.78 (80.38;121.43)	*0.104*	113.02 (63.28;131.85)	123.93 (67.36;145.37)	*0.501*
	intragroup p	*0.018**	*0.016**		*0.866*	*0.279*	
	intragroup d	*0.862*	*1.386*		*0.445*	*0.292*	

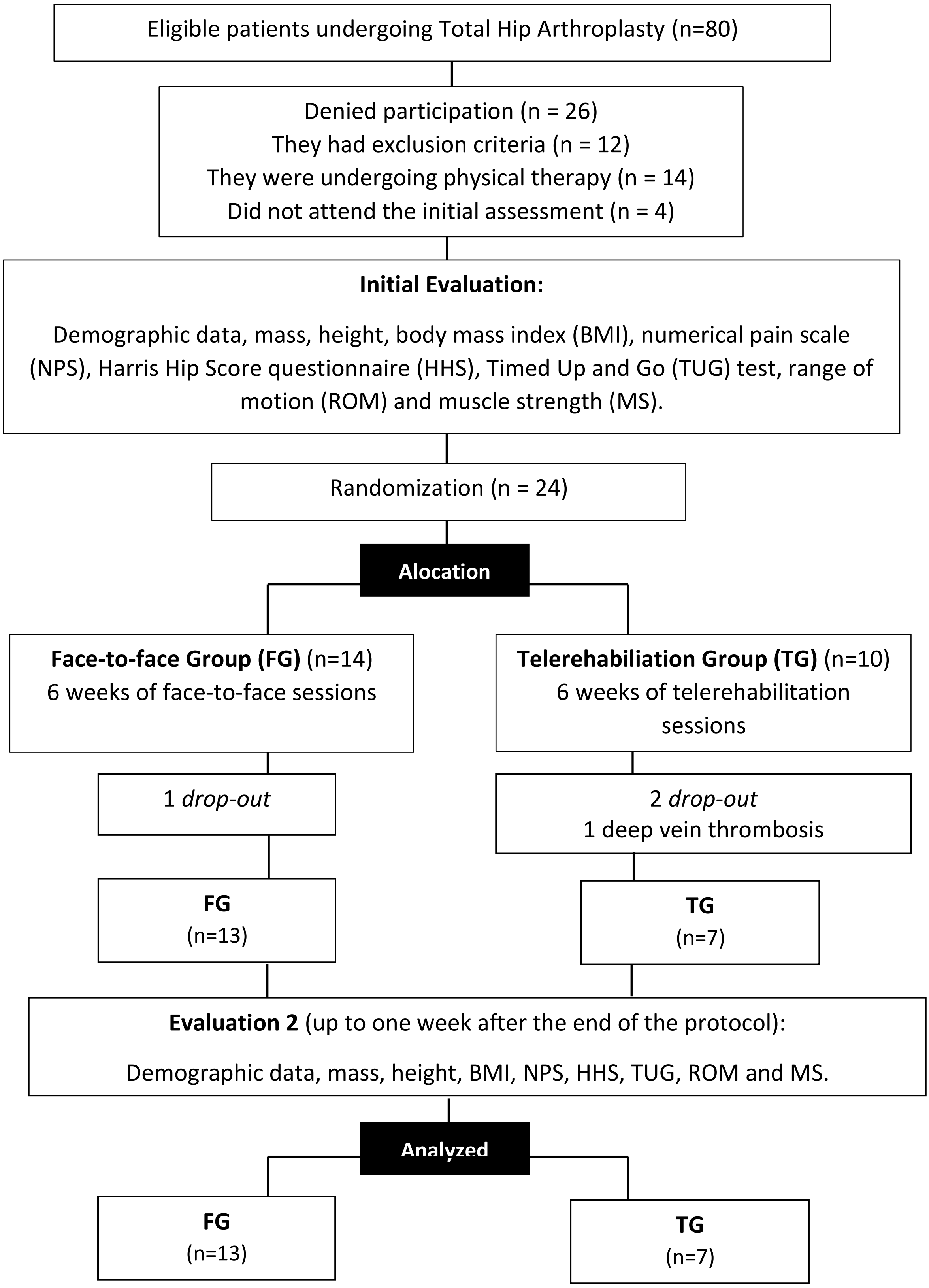
Data presented as median (P25;P75); *p<0.05; effect size represented as *Cohen's d.*

Table 5 – Effect of the intervention in the Telerehabilitation and Face-to-face groups, represented by the relative variation (Δ).

	Δ Telerehabiliation (n=7)	**Δ Face-to-face (n=13)**	***p***
NPS	-80.00 (-95.00; 200.00)	-60.00 (-95.00; 00.00)	*1.000*
TAMPA	-25.80 (-36.40; 24.20)	-05.70 (-16.20; 19.40)	*0.405*
TUG (s)	-61.20 (-66.80; -59.00)	-33.70 (-64.20; -01.00)	*0.122*
HHS	50.00 (27.70; 112.00)	36.00 (21.80; 49.40)	*0.362*
Range of Motion			
Operated Lower Limb			
Abduction	66.70 (-19.20; 109.10)	60.00 (-07.70; 113.30)	*0.874*
Extension	60.00 (-18.80; 66.70)	25.00 (00.00; 66.70)	*0.721*
Flexion	38.90 (14.00; 120.80)	25.00 (03.80; 41.30)	*0.322*
Internal Rotation	20.00 (-25.00; 133.30)	15.40 (-19.00; 60.00)	*1.000*
External Rotation	10.00 (-09.10; 100.00)	00.00 (-14.30; 66.70)	*0.721*
Non-Operated Lower Limb			
Abduction	16.00 (-10.00; 50;00)	13.60 (07.10; 25.00)	*0.905*
Extension	25.00 (11.10; 92.30)	08.30 (00.00; 66.70)	*0.250*
Flexion	20.40 (-16.50; 45.70)	00.00 (-21.40; 40.00)	*0.663*
Internal Rotation	26.30 (-34.30; 70.00)	35.00 (-06.30; 116.70)	*0.721*
External Rotation	-20.00 (-30.00; 71.40)	06.70 (-15.00; 17.60)	*0.968*
Peak Torque			
Operated Lower Limb			
Abduction	134.60 (38.10; 252.20)	80.90 (-14.70; 278.50)	*0.663*
Extension	105.30 (04.20; 239.10)	98.70 (-11.20; 134.20)	*0.552*
Flexion	51.80 (28.70; 115.90)	16.30 (05.70; 70.80)	*0.362*
Internal Rotation	72.00 (38.80; 123.80)	151.90 (07.60; 226.70)	*0.606*
External Rotation	01.20 (-01.90; 93.20)	15.70 (-45.30; 85.40)	*0.452*
Non-Operated Lower Limb			
Abduction	25.90 (04.90; 110.30)	19.10 (-13.30; 83.40)	*0.663*
Extension	35.00 (-16.70; 53.60)	23.90 (-12.70; 94.30)	*0.968*
Flexion	18.90 (-16.20; 50.60)	02.10 (-17.80; 46.10)	*0.968*
Internal Rotation	-04.10 (-27.40; 25.30)	22.20 (-18.00; 51.30)	*0.606*
External Rotation	13.30 (-29.70; 74.00)	-00.40 (-15.20; 21.80)	*0.843*

HHS: *Harris Hip Score*; TUG: *Timed Up and Go* test; NPS: Numerical Pain Scale. Data presented as median (P25;P75); $p<0.05$

Figure 1 – Flowchart**.**



6 CONCLUSÃO GERAL

Os resultados dos estudos apresentados nessa tese, permitem concluir que tanto um protocolo de exercícios com supervisão *face-to-face*, como um programa de telerreabilitação, foram capazes de promover melhora na capacidade funcional, na amplitude de movimento e na força muscular de pacientes em pós-operatório recente de artroplastia total de quadril unilateral. Os dois protocolos mostraram-se seguros e de fácil reprodutibilidade, e o acompanhamento à distância mostrou-se uma alternativa confiável ao tratamento convencional.

No que se refere à correlação de critérios ortopédicos de análise de imagem com desfechos clínicos, os resultados permitem concluir que alterações nas medidas de *offset* femoral (horizontal e vertical) estão correlacionadas à capacidade funcional, bem como à amplitude de movimento e força muscular dos rotadores externos do quadril. Desse modo, ressalta-se a importância dos aspectos biomecânicos no planejamento e nos resultados das cirurgias de prótese de quadril, bem como a relevância de investigações à cerca de seu impacto na recuperação dos pacientes.

ANEXO I - QUESTIONÁRIO HARRIS HIP SCORE

Data da Avaliação: ____/____/_______

Avaliação: ( ) Pré ( ) Pós ( ) Follow-up ( ) única

Nº Identificação Voluntário: _______

Grupo: ______________________

Nome: ____

ESCORE (valor)	CLASSIFICAÇÃO

Dor (44 possíveis)
A) Nenhuma ou ignora 44
B) Leve, ocasional, sem comprometimento das atividades 40
C) Dor fraca, não afeta a prática de atividades comuns, raramente dor moderada após a prática de atividades incomuns, pode fazer uso de analgésico simples 30
D) Dor moderada, tolerável, mas convive com limitação causada pela dor. Alguma limitação para atividades comuns ou no trabalho. Pode ocasionalmente necessitar de medicação para dor mais forte que analgésico simples 20
E) Acentuada, atividades bastante limitadas 10
F) Totalmente incapacitado, aleijado, dor na cama, acamado 0

II. Função (47 possíveis)
A. Marcha (33 possíveis)
1. Claudicação
a) Nenhuma 11
b) Leve 8
c) Moderada 5
d) Severa 0

2. Apoio
a) Nenhum 11
b) Bengala para caminhadas longas 7
c) Bengala a maior parte do tempo 5
d) Uma muleta 3
e) Duas bengalas 2
f) Duas muletas 0
g) Não consegue andar (especificar o motivo) 0

3. Distância que consegue andar
a) Ilimitada 11
b) 6 quarteirões 8
c) 2-3 quarteirões 5
d) Apenas dentro de casa 2
e) Da cama até a cadeira 0

B. Atividades (14 possíveis)
1. Subir e descer escada
a) Normalmente sem segurar no corrimão 4
b) Normalmente segurando no corrimão 2

c) De alguma maneira 1
d) Não consegue subir nem descer escada 0

2. Calçar sapato e meia
a) Com facilidade 4
b) Com dificuldade 2
c) Não consegue 0

3. Sentar
a) Senta-se confortavelmente em cadeira comum durante uma hora 5
b) Senta-se em cadeira alta durante meia hora 3
c) Não consegue sentar-se de forma confortável em nenhuma cadeira 0

4. Tomar transporte público 1
III considera-se não haver pontos de **deformidade** (4) quando o paciente apresenta:
A) Contratura em flexão fixa inferior a 30o
B) Contratura em adução fixa inferior a 10o
C) Contratura em rotação interna fixa em extensão inferior a 10o
D) Discrepância no comprimento dos membros inferior a 3,2 centímetros

IV. **Amplitude de movimento** (o valor do índice é calculado pela multiplicação dos graus de movimento possíveis de cada arco pelo respectivo índice)

A. Flexão 0—45 graus X 1,0
45—90° X 0,6
90—110° X 0,3

B. Abdução 0—15° X 0.8
15—20° X 0,3
mais de 20° X 0

C. Rotação externa em extensão
0—15° X 0.4
mais de 15° X 0

D. Rotação interna em extensão qualquer X 0

E. Adução 0—15° X 0,2

ANEXO II – ESCALA DE CINESIOFOBIA DE TAMPA

Para cada afirmativa, por favor, indique um número de 1 a 4, caso você concorde ou discorde da afirmativa. Primeiro você vai pensar se concorda ou discorda e depois, se totalmente ou parcialmente.

	Discordo totalmente	**Discordo parcialmente**	**Concordo parcialmente**	**Concordo totalmente**
1. Eu tenho medo que eu possa me machucar se eu fizer exercícios	1	2	3	4
2. Se eu tentasse superar esse medo, minha dor aumentaria.	1	2	3	4
3. Meu corpo está me dizendo que algo muito errado está acontecendo comigo.	1	2	3	4
4. Minha dor provavelmente seria aliviada se eu fizesse exercício.	1	2	3	4
5. As pessoas não estão levando minha condição médica a serio.	1	2	3	4
6. Minha lesão colocou o meu corpo em risco para o resto da minha vida.	1	2	3	4
7. A dor sempre significa que eu machuquei meu corpo.	1	2	3	4
8. Só porque alguma coisa piora minha dor, não significa que é perigoso.	1	2	3	4
9. Eu tenho medo que eu possa me machucar acidentalmente.	1	2	3	4
10. Simplesmente sendo cuidadoso para não fazer nenhum movimento desnecessário e a atitude mais segura que eu posso tomar para prevenir a piora da minha dor.	1	2	3	4
11. Eu não teria tanta dor se algo potencialmente perigoso não estivesse acontecendo no meu corpo.	1	2	3	4
12. Embora minha condição seja dolorosa, eu estaria melhor se estivesse ativo fisicamente.	1	2	3	4

13. A dor me avisa quando parar o exercício para que eu não me machuque.	1	2	3	4
14. Não é realmente seguro para uma pessoa com minha condição ser ativo fisicamente.	1	2	3	4
15. Eu não posso fazer todas as coisas que as pessoas normais fazem, porque para mim e muito fácil me machucar.	1	2	3	4
16. Embora algo esteja me causando muita dor, eu não acho que seja, de fato, perigoso.	1	2	3	4
17. Ninguém deveria fazer exercícios, quando está com dor.	1	2	3	4

ANEXO III – PARECER DE APROVAÇÃO NO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: EFEITOS DE UM PROGRAMA DE EXERCÍCIOS BASEADOS NO FORTALECIMENTO MUSCULAR NA REABILITAÇÃO DE INDIVÍDUOS SUBMETIDOS À ARTROPLASTIA TOTAL DE QUADRIL: ENSAIO CLÍNICO

Pesquisador: Marcelo Faria Silva

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 64431017.8.0000.5345

Instituição Proponente: Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.049.371

Apresentação do Projeto:

Trata-se emenda para pedido de inserção do Hospital Cristo Redentor como instituição coparticipante do projeto.

Objetivo da Pesquisa:

Comparar os efeitos de um programa de exercícios baseados no treinamento da força muscular à orientações e exercícios funcionais domiciliares, em pacientes submetidos à ATQ, bem como comparar os desfechos de ambos os grupos aos de indivíduos hígidos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não se aplica.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Foi encaminhada uma Emenda de Centro Coordenador para inserir o Hospital Cristo Redentor com instituição coparticipante. Os pesquisadores requerem a autorização do hospital e dos CEPs para que possam ter acesso à lista de pacientes que realizaram cirurgia de artroplastia total de quadril no local. O acesso a essas informações seria realizado através do sistema de informática do hospital, e posteriormente esses indivíduos seriam contatados e convidados a participar da pesquisa. Ao aceitarem fazer parte, os participantes terão agendada uma avaliação que será realizada na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

Endereço: Rua Sarmento Leite ,245
Bairro: Sarmento **CEP:** 90.050-170
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3303-8804 **E-mail:** cep@ufcspa.edu.br

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termo de anuência do responsável pelo setor onde será realizada a pesquisa foi anexado. Os pesquisadores se comprometem a levar os resultados à instituição coparticipante ao final.

Termo de compromisso de entrega de relatórios foi submetido.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há.

Considerações Finais a critério do CEP:

De acordo com o parecer do Relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1249463_E2.pdf	01/11/2018 09:42:12		Aceito
Outros	Curriculo_Bruno_Baroni.pdf	02/10/2018 20:50:16	Marcelo Faria Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_versao_2.doc	02/10/2018 20:48:28	Marcelo Faria Silva	Aceito
Outros	Termo_de_Compromisso_de_Entrega_de_Relatorios_GHC.pdf	02/10/2018 20:45:25	Marcelo Faria Silva	Aceito
Outros	Termo_de_Anuencia_Responsavel_Setor_GHC.pdf	02/10/2018 20:44:39	Marcelo Faria Silva	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Relacao_dos_Integrantes_do_Projeto_de_Pesquisa_GHC.pdf	02/10/2018 20:43:25	Marcelo Faria Silva	Aceito
Outros	Carta_ao_CEP_GHC_e_UFCSPA.pdf	08/08/2018 14:56:42	Marcelo Faria Silva	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Bruna_de_Moraes_Lopes.pdf	08/08/2018 14:51:02	Marcelo Faria Silva	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Marcelo_Faria_Silva.pdf	08/08/2018 14:50:40	Marcelo Faria Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_2.pdf	23/03/2017 14:05:17	Marcelo Faria Silva	Aceito
Outros	Termo_de_Anuencia__Lab2.pdf	23/03/2017 14:05:03	Marcelo Faria Silva	Aceito
Projeto Detalhado	Projeto_de_Pesquisa_versao_1.doc	20/01/2017	Marcelo Faria Silva	Aceito

/ Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_versao_1.doc	20:02:43	Marcelo Faria Silva	Aceito
Outros	Termo_de_Compromisso_Entrega_de_Relatorio.pdf	20/01/2017 19:56:17	Marcelo Faria Silva	Aceito
Outros	Termo_Anuencia_Laboratorio.pdf	20/01/2017 19:54:58	Marcelo Faria Silva	Aceito
Outros	ANEXO_IX_Prontuario.pdf	20/01/2017 19:54:06	Marcelo Faria Silva	Aceito
Outros	ANEXO_VIII_Cartilha.pdf	20/01/2017 19:53:30	Marcelo Faria Silva	Aceito
Outros	ANEXO_VII_Escala_de_Tampa.pdf	20/01/2017 19:52:39	Marcelo Faria Silva	Aceito
Outros	ANEXO_VI_Harris_Hip_Score.pdf	20/01/2017 19:52:10	Marcelo Faria Silva	Aceito
Outros	ANEXO_V_Escala_Numerica_de_Dor.pdf	20/01/2017 19:51:44	Marcelo Faria Silva	Aceito
Outros	ANEXO_IV_Ficha_Anamnese_Controle.pdf	20/01/2017 19:50:55	Marcelo Faria Silva	Aceito
Outros	ANEXO_III_Ficha_Anamnese_ATQ.pdf	20/01/2017 19:50:20	Marcelo Faria Silva	Aceito
Outros	ANEXO_II_Divulgacao_Redes_Sociais.pdf	20/01/2017 19:49:48	Marcelo Faria Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ANEXO_I_TCLE_assinado.pdf	20/01/2017 19:44:57	Marcelo Faria Silva	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Assinada.pdf	20/01/2017 11:25:41	Marcelo Faria Silva	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

PORTO ALEGRE, 30 de Novembro de 2018

Assinado por:
Fernanda Bordignon Nunes
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Sarmento Leite ,245
Bairro: Sarmento **CEP:** 90.050-170
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3303-8804 **E-mail:** cep@ufcspa.edu.br

ANEXO IV – NORMAS REVISTA ARTIGO 1

Brazilian Journal of Physical Therapy
Qualis: Educação Física A2
Fator de Impacto: 2.1

INTRODUCTION

Types of article

The Brazilian Journal of Physical Therapy (BJPT) publishes original research articles, reviews, and brief communications on topics related to physical therapy and rehabilitation, including clinical, basic or applied studies on the assessment, prevention and treatment of movement disorders.

Our Editorial Board is committed to disseminate high-quality research in the field of physical therapy. The BJPT follows the principle of publication ethics included in the code of conduct of the Committee on Publication Ethics (COPE).

The BJPT accepts the submission of manuscripts with up to 3,500 words (excluding title page, abstract, references, tables, figures and legends).

Information contained in appendices will be included in the total number of words allowed.

A total of five (5) combined tables and figures is allowed.

The following types of study can be considered for publication, if directly related to the journals scope:

a) *Intervention studies (clinical trials):* studies that investigate the effect(s) of one or more interventions on outcomes directly related to the BJPTs scope. The World Health Organization defines a clinical trial as any research study that prospectively allocates human participants or groups of humans to one or more health-related interventions to evaluate the effect(s) on health outcome(s). Clinical trials include single-case experimental studies, case series, nonrandomized controlled trials, and randomized controlled trials. Randomized controlled trials (RCTs) must follow the CONSORT (Consolidated Standards of Reporting Trials) recommendations, which are available at: http://www.consort-statement.org/consort-statement/overview0/. The CONSORT checklist and Statement Flow Diagram, available at http://www.consort-statement.org/consort-statement/flow-diagram, must be completed and submitted with the manuscript. Clinical trials must provide registration that satisfies the requirements of the International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE), e.g. http://clinicaltrials.gov/ and/or http://www.anzctr.org.au.

The complete list of all clinical trial registries can be found at: http://www.who.int/ictrp/network/primary/en/index.html. We suggest that all authors register clinical trials prospectively via the website http://www.clinicaltrials.gov. Note: We do not accept single case studies and series of cases (i.e. clinical trials without a comparison group).

b) Observational studies: studies that investigate the relationship(s) between variables of interest related to the BJPTs scope. Observational studies include cross-sectional studies, cohort studies, and case-control studies. All observational studies must be reported following the recommendation from the STROBE statement (http://strobe-statement.org/index.php?id=strobe-home).

c) Qualitative studies: studies that focus on understanding needs, motivations, and human behavior. The object of a qualitative study is guided by in-depth analysis of a topic, including opinions, attitudes, motivations, and behavioral patterns without quantification. Qualitative studies include documentary and ethnographic analysis.

d) Systematic reviews: studies that analyze and/or synthesize the literature on a topic related to the scope of the BJPT. Systematic reviews that include meta-analysis will have priority over other systematic reviews. Those that have an insufficient number of articles or articles with low quality in the Methods section and do not include an assertive and valid conclusion about the topic will not be considered for peer-review analysis.

The authors must follow the Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and MetaAnalyses (PRISMA) checklist to format their systematic reviews. The checklist is available at http://www.prisma-statement.org/PRISMAStatement/Default.aspx and must be filled in and submitted with the manuscript. Potential authors are encouraged to read the following tutorial, which contains the minimum requirements for publication of systematic reviews in the BJPT: Mancini MC, Cardoso JR, Sampaio RF, Costa LCM, Cabral CMN, Costa LOP. Tutorial for writing systematic reviews for the Brazilian Journal of Physical Therapy (BJPT). Braz J Phys Ther. 2014 Nov-Dec; 18(6):471-480.

e) Studies on the translation and cross-cultural adaptation of questionnaires or assessment tools: studies that aim to translate and/or cross-culturally adapt foreign questionnaires to a language other than that of the original version of existing assessment instruments. The authors must use the checklist (Appendix) to format this type of paper and adhere to the other recommendations of the BJPT. The answers to the checklist must be submitted with the manuscript. At the time of submission, the authors must also include written permission from the authors of the original instrument that was translated and/or cross-culturally adapted.

f) Methodological studies: studies centered on the development and/or evaluation of clinimetric properties and characteristics of assessment instruments. The authors are encouraged to use the Guidelines for Reporting Reliability and Agreement Studies (GRRAS) to format methodological papers, in addition to following BJPT instructions. Important: Studies that report electromyographic results must follow the Standards for Reporting EMG Data recommended by ISEK (International Society of Electrophysiology and Kinesiology), available at http://www.isek.org/wp-content/uploads/2015/05/Standards-for-Reporting-EMG-Data.pdf.

g) Clinical trial protocols: The BJPT welcomes the publication of clinical trial protocols. We only accept trial protocols that are substantially funded, have ethics approval, have been prospectively registered and of very high quality. We expect that clinical trial protocols must be novel and with a large sample size. Finally, authors have to provide that the clinical trial is on its first stages of recruitment. Authors should use the SPIRIT statement while formatting the manuscript (http://www.spirit-statement.org).

h) Short communications: the BJPT will publish one short communication per issue (up to six a year) in a format similar to that of the original articles, containing 1200 words and up to two figures, one table, and ten references. i) Masterclass articles: This type of article presents the state of art of any topic that is important to the field of physical therapy. All masterclass articles are invited manuscripts and the authors must be recognized experts in the field. However, authors can send e-mails to the editor in chief with an expression of interest to submit a masterclass article to the BJPT.

Submission checklist

You can use this list to carry out a final check of your submission before you send it to the journal for review. Please check the relevant section in this Guide for Authors for more details.

Ensure that the following items are present:

One author has been designated as the corresponding author with contact details:

• E-mail address

• Full postal address

All necessary files have been uploaded:

Manuscript:

• Include keywords

• All figures (include relevant captions)

• All tables (including titles, description, footnotes)

• Ensure all figure and table citations in the text match the files provided

• Indicate clearly if color should be used for any figures in print Graphical Abstracts / Highlights files (where applicable) Supplemental files (where applicable) Further considerations

• Manuscript has been 'spell checked' and 'grammar checked'

• All references mentioned in the Reference List are cited in the text, and vice versa

• Permission has been obtained for use of copyrighted material from other sources (including the Internet)

• A competing interests statement is provided, even if the authors have no competing interests to declare

• Journal policies detailed in this guide have been reviewed

• Referee suggestions and contact details provided, based on journal requirements For further information, visit our Support Center.

BEFORE YOU BEGIN

Ethics in publishing

Please see our information pages on Ethics in publishing and Ethical guidelines for journal publication.

Studies in humans and animals

If the work involves the use of human subjects, the author should ensure that the work described has been carried out in accordance with The Code of Ethics of the World Medical Association (Declaration of Helsinki) for experiments involving humans. The manuscript should be in line with the Recommendations for the Conduct, Reporting, Editing and Publication of Scholarly Work in Medical Journals and aim for the inclusion of representative human populations (sex, age and ethnicity) as per those recommendations. The terms sex and gender should be used correctly. Authors should include a statement in the manuscript that informed consent was obtained for experimentation with human subjects. The privacy rights of human subjects must always be observed. All animal experiments should comply with the ARRIVE guidelines and should be carried out in accordance with the U.K. Animals (Scientific Procedures) Act, 1986 and associated guidelines, EU Directive 2010/63/EU for animal experiments, or the National Institutes of Health guide for the care and use of Laboratory animals (NIH Publications No. 8023, revised 1978) and the authors should clearly indicate in the manuscript that such guidelines have been followed. The sex of animals must be indicated, and where appropriate, the influence (or association) of sex on the results of the study.

Declaration of interest

All authors must disclose any financial and personal relationships with other people or organizations that could inappropriately influence (bias) their work. Examples of potential competing interests include employment, consultancies, stock ownership, honoraria, paid expert testimony, patent applications/registrations, and grants or other funding.

Authors must disclose any interests in two places: 1. A summary declaration of interest statement in the title page file (if double-blind) or the manuscript file (if single-blind). If there are no interests to declare then please state this: 'Declarations of interest: none'. This summary statement will be ultimately published if the article is accepted. 2. Detailed disclosures as part of a separate Declaration of Interest form, which forms part of the journal's official records. It is important for potential interests to be declared in both places and that the information matches. More information. Submission declaration and verification Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract, a published lecture or academic thesis, see 'Multiple, redundant or concurrent publication' for more information), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its publication is approved by all authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere in the same form, in English or in any other language, including electronically without the written consent of the copyrightholder.

To verify originality, your article may be checked by the originality detection service Crossref Similarity Check. Use of inclusive language Inclusive language acknowledges diversity, conveys respect to all people, is sensitive to differences, and promotes equal opportunities. Articles should make no assumptions about the beliefs or commitments of any reader, should contain nothing which might imply that one individual is superior to another on the grounds of race, sex, culture or any other characteristic, and should use inclusive language throughout. Authors should ensure that writing is free from bias, for instance by using 'he or she', 'his/her' instead of 'he' or 'his', and by making use of job titles that are free of stereotyping (e.g. 'chairperson' instead of 'chairman' and 'flight attendant' instead of 'stewardess').

Authorship

All authors should have made substantial contributions to all of the following: (1) the conception and design of the study, or acquisition of data, or analysis and interpretation of data, (2) drafting the article or revising it critically for important intellectual content, (3) final approval of the version to be submitted.

Changes to authorship Authors are expected to consider carefully the list and order of authors before submitting their manuscript and provide the definitive list of authors at the time of the original submission. Any addition, deletion or rearrangement of author names in the authorship list should be made only before the manuscript has been accepted and only if approved by the journal Editor. To request such a change, the Editor must receive the following from the corresponding author: (a) the reason for the change in author list and (b) written confirmation (e-mail, letter) from all authors that they agree with the addition, removal or rearrangement. In the case of addition or removal of authors, this includes confirmation from the author being added or removed. Only in exceptional circumstances will the Editor consider the addition, deletion or rearrangement of authors after the manuscript has been accepted. While the Editor considers the request, publication of the manuscript will be suspended. If the manuscript has already been published in an online issue, any requests approved by the Editor will result in a corrigendum. Clinical trial results In line with the position of the International Committee of Medical Journal Editors, the journal will not consider results posted in the same clinical trials registry in which primary registration resides to be prior publication if the results posted are presented in the form of a brief structured (less than 500 words) abstract or table. However, divulging results in other circumstances (e.g., investors' meetings) is discouraged and may jeopardise consideration of the manuscript. Authors should fully disclose all posting in registries of results of the same or closely related work.

Reporting clinical trials

Randomized controlled trials should be presented according to the CONSORT guidelines. At manuscript submission, authors must provide the CONSORT checklist accompanied by a flow diagram that illustrates the progress of patients through the trial, including recruitment, enrollment, randomization, withdrawal and completion, and a detailed description of the randomization procedure. The CONSORT checklist and template flow diagram are available online. Registration of clinical trials Registration in a public trials registry is a condition for publication of clinical trials in this journal in accordance with International Committee of Medical Journal Editors recommendations. Trials must register at or before the onset of patient enrolment.

The clinical trial registration number should be included at the end of the abstract of the article. A clinical trial is defined as any research study that prospectively assigns human participants or groups of humans to one or more health-related interventions to evaluate the effects of health outcomes. Health-related interventions include any intervention used to modify a biomedical or health-related outcome (for example drugs, surgical procedures, devices, behavioural treatments, dietary interventions, and process-of-care changes). Health outcomes include any biomedical or health-related measures obtained in patients or participants, including pharmacokinetic measures and adverse events. Purely observational studies (those in which the assignment of the medical intervention is not at the discretion of the investigator) will not require registration. Copyright Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete a 'Journal Publishing Agreement' (see more information on this) to assign to theAssociao Brasileira de Pesquisa e Ps-Graduao em Fisioterapia (ABRAPG-FT) the copyright in the manuscript and any tables, illustrations or other material submitted for publication as part of the manuscript (the "Article") in all forms and media (whether now known or later developed), throughout the world, in all languages, for the full term of copyright, effective when the Article is accepted for publication. An e-mail will be sent to the corresponding author confirming receipt of the manuscript together with a 'Journal Publishing Agreement' form or a link to the online version of this agreement. Subscribers may reproduce tables of contents or prepare lists of articles including abstracts for internal circulation within their institutions. Permission of the Publisher and ABRAPG-FT is required for resale or distribution outside the institution and for all other derivative works, including compilations and translations. If excerpts from other copyrighted works are included, the author(s) must obtain written permission from the copyright owners and credit the source(s) in the article. Author rights As an author you (or your employer or institution) have certain rights to reuse your work. More information.

Find out how you can share your research published in this journal.

Role of the funding source

You are requested to identify who provided financial support for the conduct of the research and/or preparation of the article and to briefly describe the role of the sponsor(s), if any, in study design; in the collection, analysis and interpretation of data; in the writing of the report; and in the decision to submit the article for publication.

If the funding source(s) had no such involvement then this should be stated. Elsevier Researcher Academy Researcher Academy is a free e-learning platform designed to support early and mid-career researchers throughout their research journey. The "Learn" environment at Researcher Academy offers several interactive modules, webinars, downloadable guides and resources to guide you through the process of writing for research and going through peer review.

Feel free to use these free resources to improve your submission and navigate the publication process with ease. Language (usage and editing services) Please write your text in good English (American or British usage is accepted, but not a mixture of these). Authors who feel their English language manuscript may require editing to eliminate possible grammatical or spelling errors and to conform to correct scientific English may wish to use the English Language Editing service available from Elsevier's WebShop. Informed consent and patient details Studies on patients or volunteers require ethics committee approval and informed consent, which should be documented in the paper. Appropriate consents, permissions and releases must be obtained where an author wishes to include case details or other personal information or images of patients and any other individuals in an Elsevier publication. Written consents must be retained by the author but copies should not be provided to the journal.

Only if specifically requested by the journal in exceptional circumstances (for example if a legal issue arises) the author must provide copies of the consents or evidence that such consents have been obtained. For more information, please review the Elsevier Policy on the Use of Images or Personal Information of Patients or other Individuals. Unless you have written permission from the patient (or, where applicable, the next of kin), the personal details of any patient included in any part of the article and in any supplementary materials (including all illustrations and videos) must be removed before submission. Submission Our online submission system guides you stepwise through the process of entering your article details and uploading your files. The system converts your article files to a single PDF file used in the peer-review process. Editable files (e.g., Word, LaTeX) are required to typeset your article for final publication. All correspondence, including notification of the Editor's decision and requests for revision, is sent by e-mail. Submit your article Please submit your article via https://www.evise.com/profile/api/navigate/BJPT.

PREPARATION

Double-blind review

This journal uses double-blind review, which means the identities of the authors are concealed from the reviewers, and vice versa.

More information is available on our website. To facilitate this, please include the following separately:

Title page (with author details): This should include the title, authors' names, affiliations, acknowledgements and any Declaration of Interest statement, and a complete address for the corresponding author including an e-mail address.

Blinded manuscript (no author details): The main body of the paper (including the references, figures, tables and any acknowledgements) should not include any identifying information, such as the authors' names or affiliations. Use of word processing software It is important that the file be saved in the native format of the word processor used. The text should be in single-column format. Keep the layout of the text as simple as possible. Most formatting codes will be removed and replaced on processing the article. In particular, do not use the word processor's options to justify text or to hyphenate words. However, do use bold face, italics, subscripts, superscripts etc. When preparing tables, if you are using a table grid, use only one grid for each individual table and not a grid for each row. If no grid is used, use tabs, not spaces, to align columns. The electronic text should be prepared in a way very similar to that of conventional manuscripts (see also the Guide to Publishing with Elsevier). Note that source files of figures, tables and text graphics will be required whether or not you embed your figures in the text. See also the section on Electronic artwork. To avoid unnecessary errors you are strongly advised to use the 'spell-check' and 'grammar-check' functions of your word processor.

Article structure Subdivision - unnumbered sections Divide your article into clearly defined sections. Each subsection is given a brief heading. Each heading should appear on its own separate line. Subsections should be used as much as possible when crossreferencing text: refer to the subsection by heading as opposed to simply 'the text'.

Introduction

State the objectives of the work and provide an adequate background, avoiding a detailed literature survey or a summary of the results.

Material and methods

Provide sufficient detail to allow the work to be reproduced.

Results

Results should be clear and concise.

Discussion

This should explore the significance of the results of the work, not repeat them. A combined Results and Discussion section is often appropriate. Avoid extensive citations and discussion of published literature.

Conclusions

The main conclusions of the study may be presented in a short Conclusions section, which may stand alone or form a subsection of a Discussion or Results and Discussion section.

Appendices If there is more than one appendix, they should be identified as A, B, etc. Formulae and equations in appendices should be given separate numbering: Eq. (A.1), Eq. (A.2), etc.; in a subsequent appendix, Eq. (B.1) and so on. Similarly for tables and figures: Table A.1; Fig. A.1, etc.

Essential title page information

• Title. Concise and informative. Titles are often used in information-retrieval systems. Avoid abbreviations and formulae where possible.

• Author names and affiliations. Please clearly indicate the given name(s) and family name(s) of each author and check that all names are accurately spelled. You can add your name between parentheses in your own script behind the English transliteration. Present the authors' affiliation addresses (where the actual work was done) below the names. Indicate all affiliations with a lowercase superscript letter immediately after the author's name and in front of the appropriate address. Provide the full postal address of each affiliation, including the country name and, if available, the e-mail address of each author.

• Corresponding author. Clearly indicate who will handle correspondence at all stages of refereeing and publication, also post-publication. This responsibility includes answering any future queries about Methodology and Materials. Ensure that the e-mail address is given and that contact details are kept up to date by the corresponding author.

• Present/permanent address. If an author has moved since the work described in the article was done, or was visiting at the time, a 'Present address' (or 'Permanent address') may be indicated as a footnote to that author's name. The address at which the author actually did the work must be retained as the main, affiliation address. Superscript Arabic numerals are used for such footnotes.

Abstract

A concise and factual structured abstract is required. The abstract should state briefly the purpose of the research, the principal results and major conclusions. An abstract is often presented separately from the article, so it must be able to stand alone. For this reason, References should be avoided, but if essential, then cite the author(s) and year(s). Also, non-standard or uncommon abbreviations should be avoided, but if essential they must be defined at their first mention in the abstract itself.

Highlights

Highlights are mandatory for this journal.

They consist of a short collection of bullet points that convey the core findings of the article and should be submitted in a separate editable file in the online submission system. Please use 'Highlights' in the file name and include 3 to 5 bullet points (maximum 85 characters, including spaces, per bullet point). You can view example Highlights on our information site.

Keywords

Immediately after the abstract, provide a maximum of 6 keywords, using American spelling and avoiding general and plural terms and multiple concepts (avoid, for example, 'and', 'of').

Be sparing with abbreviations: only abbreviations firmly established in the field may be eligible.

These keywords will be used for indexing purposes.

Acknowledgements

Collate acknowledgements in a separate section at the end of the article before the references and do not, therefore, include them on the title page, as a footnote to the title or otherwise. List here those individuals who provided help during the research (e.g., providing language help, writing assistance or proof reading the article, etc.).

Formatting of funding sources

List funding sources in this standard way to facilitate compliance to funder's requirements: Funding: This work was supported by the National Institutes of Health [grant numbers xxxx, yyyy]; the Bill & Melinda Gates Foundation, Seattle, WA [grant number zzzz]; and the United States Institutes of Peace [grant number aaaa]. It is not necessary to include detailed descriptions on the program or type of grants and awards. When funding is from a block grant or other resources available to a university, college, or other research institution, submit the name of the institute or organization that provided the funding. If no funding has been provided for the research, please include the following sentence: This research did not receive any specific grant from funding agencies in the public, commercial, or not-for-profit sectors. Units Follow internationally accepted rules and conventions: use the international system of units (SI). If other units are mentioned, please give their equivalent in SI. Math formulae Please submit math equations as editable text and not as images. Present simple formulae in line with normal text where possible and use the solidus (/) instead of a horizontal line for small fractional terms, e.g., X/Y. In principle, variables are to be presented in italics. Powers of e are often more conveniently denoted by exp. Number consecutively any equations that have to be displayed separately from the text (if referred to explicitly in the text).

Footnotes

Footnotes should be used sparingly. Number them consecutively throughout the article. Many word processors can build footnotes into the text, and this feature may be used. Otherwise, please indicate the position of footnotes in the text and list the footnotes themselves separately at the end of the article. Do not include footnotes in the Reference list.

Artwork

Image manipulation

Whilst it is accepted that authors sometimes need to manipulate images for clarity, manipulation for purposes of deception or fraud will be seen as scientific ethical abuse and will be dealt with accordingly. For graphical images, this journal is applying the following policy: no specific feature within an image may be enhanced, obscured, moved, removed, or introduced. Adjustments of brightness, contrast, or color balance are acceptable if and as long as they do not obscure or eliminate any information present in the original. Nonlinear adjustments (e.g. changes to gamma settings) must be disclosed in the figure legend.

Electronic artwork

General points

Make sure you use uniform lettering and sizing of your original artwork.

• Embed the used fonts if the application provides that option.

• Aim to use the following fonts in your illustrations: Arial, Courier, Times New Roman, Symbol, or use fonts that look similar.

• Number the illustrations according to their sequence in the text.

• Use a logical naming convention for your artwork files.

• Provide captions to illustrations separately.

• Size the illustrations close to the desired dimensions of the published version.

• Submit each illustration as a separate file.

A detailed guide on electronic artwork is available. You are urged to visit this site; some excerpts from the detailed information are given here.

Formats

If your electronic artwork is created in a Microsoft Office application (Word, PowerPoint, Excel) then please supply 'as is' in the native document format.

Regardless of the application used other than Microsoft Office, when your electronic artwork is finalized, please 'Save as' or convert the images to one of the following formats (note the resolution requirements for line drawings, halftones, and line/halftone combinations given below): EPS (or PDF): Vector drawings, embed all used fonts. TIFF (or JPEG): Color or grayscale photographs (halftones), keep to a minimum of 300 dpi. TIFF (or JPEG): Bitmapped (pure black & white pixels) line drawings, keep to a minimum of 1000 dpi. TIFF (or JPEG): Combinations bitmapped line/half-tone (color or grayscale), keep to a minimum of 500 dpi.

Please do not:

• Supply files that are optimized for screen use (e.g., GIF, BMP, PICT, WPG); these typically have a low number of pixels and limited set of colors;

• Supply files that are too low in resolution;

• Submit graphics that are disproportionately large for the content. Color artwork Please make sure that artwork files are in an acceptable format (TIFF (or JPEG), EPS (or PDF) or MS Office files) and with the correct resolution.

If, together with your accepted article, you submit usable color figures then the journal will ensure, at no additional charge, that these figures will appear in color online (e.g., ScienceDirect and other sites).

Further information on the preparation of electronic artwork.

Illustration services

Elsevier's WebShop offers Illustration Services to authors preparing to submit a manuscript but concerned about the quality of the images accompanying their article. Elsevier's expert illustrators can produce scientific, technical and medical-style images, as well as a full range of charts, tables and graphs. Image 'polishing' is also available, where our illustrators take your image(s) and improve them to a professional standard.

Please visit the website to find out more.

Figure captions Ensure that each illustration has a caption. Supply captions separately, not attached to the figure. A caption should comprise a brief title (not on the figure itself) and a description of the illustration. Keep text in the illustrations themselves to a minimum but explain all symbols and abbreviations used.

Tables

Please submit tables as editable text and not as images.

Tables can be placed either next to the relevant text in the article, or on separate page(s) at the end. Number tables consecutively in accordance with their appearance in the text and place any table notes below the table body.

Be sparing in the use of tables and ensure that the data presented in them do not duplicate results described elsewhere in the article.

Please avoid using vertical rules and shading in table cells.

References Citation in text

Please ensure that every reference cited in the text is also present in the reference list (and vice versa). Any references cited in the abstract must be given in full. Unpublished results and personal communications are not recommended in the reference list, but may be mentioned in the text. If these references are included in the reference list they should follow the standard reference style of the journal and should include a substitution of the publication date with either 'Unpublished results' or 'Personal communication'.

Citation of a reference as 'in press' implies that the item has been accepted for publication.

Reference links Increased discoverability of research and high quality peer review are ensured by online links to the sources cited. In order to allow us to create links to abstracting and indexing services, such as Scopus, CrossRef and PubMed, please ensure that data provided in the references are correct.

Please note that incorrect surnames, journal/book titles, publication year and pagination may prevent link creation.

When copying references, please be careful as they may already contain errors. Use of the DOI is highly encouraged. A DOI is guaranteed never to change, so you can use it as a permanent link to any electronic article. An example of a citation using DOI for an article not yet in an issue is: VanDecar J.C., Russo R.M., James D.E., Ambeh W.B., Franke M. (2003). Aseismic continuation of the Lesser Antilles slab beneath northeastern Venezuela. Journal of Geophysical Research, https://doi.org/10.1029/2001JB000884. Please note the format of such citations should be in the same style as all other references in the paper.

Web references

As a minimum, the full URL should be given and the date when the reference was last accessed. Any further information, if known (DOI, author names, dates, reference to a source publication, etc.), should also be given. Web references can be listed separately (e.g., after the reference list) under a different heading if desired, or can be included in the reference list.

Data references

This journal encourages you to cite underlying or relevant datasets in your manuscript by citing them in your text and including a data reference in your Reference List.

Data references should include the following elements: author name(s), dataset title, data repository, version (where available), year, and global persistent identifier. Add [dataset] immediately before the reference so we can properly identify it as a data reference. The [dataset] identifier will not appear in your published article.

References in a special issue

Please ensure that the words 'this issue' are added to any references in the list (and any citations in the text) to other articles in the same Special Issue.

Reference style Text: Indicate references by (consecutive) superscript arabic numerals in the order in which they appear in the text. The numerals are to be used outside periods and commas, inside colons and semicolons. For further detail and examples you are referred to the AMA Manual of Style, A Guide for Authors and Editors, Tenth Edition, ISBN 0-978-0-19-517633-9. List: Number the references in the list in the order in which they appear in the text.

Examples: Reference to a journal publication: 1. Van der Geer J, Hanraads JAJ, Lupton RA. The art of writing a scientific article. J Sci Commun. 2010;163:51–59. https://doi.org/10.1016/j.Sc.2010.00372.

Reference to a journal publication with an article number: 2. 1. Van der Geer J, Hanraads JAJ, Lupton RA. The art of writing a scientific article. Heliyon. 2018;19:e00205. https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2018.e00205.

Reference to a book: 3. Strunk W Jr, White EB. The Elements of Style. 4th ed. New York, NY: Longman; 2000.

Reference to a chapter in an edited book: 4. Mettam GR, Adams LB. How to prepare an electronic version of your article. In: Jones BS, Smith RZ, eds. Introduction to the

Electronic Age. New York, NY: E-Publishing Inc; 2009:281–304.

Reference to a website: 5. Cancer Research UK. Cancer statistics reports for the UK. http://www.cancerresearchuk.org/ aboutcancer/statistics/cancerstatsreport/; 2003 Accessed 13 March 2003.

Reference to a dataset: [dataset] 6. Oguro, M, Imahiro, S, Saito, S, Nakashizuka, T. Mortality data for Japanese oak wilt disease and surrounding forest compositions, Mendeley Data, v1; 2015. https://doi.org/10.17632/ xwj98nb39r.1.

Journal abbreviations source

Journal names should be abbreviated according to the List of Title Word Abbreviations.

Video

Elsevier accepts video material and animation sequences to support and enhance your scientific research. Authors who have video or animation files that they wish to submit with their article are strongly encouraged to include links to these within the body of the article. This can be done in the same way as a figure or table by referring to the video or animation content and noting in the body text where it should be placed.

All submitted files should be properly labeled so that they directly relate to the video file's content. In order to ensure that your video or animation material is directly usable, please provide the file in one of our recommended file formats with a preferred maximum size of 150 MB per file, 1 GB in total.

Video and animation files supplied will be published online in the electronic version of your article in Elsevier Web products, including ScienceDirect. Please supply 'stills' with your files: you can choose any frame from the video or animation or make a separate image. These will be used instead of standard icons and will personalize the link to your video data. For more detailed instructions please visit our video instruction pages.

Note: since video and animation cannot be embedded in the print version of the journal, please provide text for both the electronic and the print version for the portions of the article that refer to this content.

Supplementary material

Supplementary material such as applications, images and sound clips, can be published with your article to enhance it.

Submitted supplementary items are published exactly as they are received (Excel or

PowerPoint files will appear as such online). Please submit your material together with the article and supply a concise, descriptive caption for each supplementary file. If you wish to make changes to supplementary material during any stage of the process, please make sure to provide an updated file.

Do not annotate any corrections on a previous version.

Please switch off the 'Track Changes' option in Microsoft Office files as these will appear in the published version.

Research data

This journal encourages and enables you to share data that supports your research publication where appropriate, and enables you to interlink the data with your published articles. Research data refers to the results of observations or experimentation that validate research findings. To facilitate reproducibility and data reuse, this journal also encourages you to share your software, code, models, algorithms, protocols, methods and other useful materials related to the project.

Below are a number of ways in which you can associate data with your article or make a statement about the availability of your data when submitting your manuscript.

If you are sharing data in one of these ways, you are encouraged to cite the data in your manuscript and reference list. Please refer to the "References" section for more information about data citation.

For more information on depositing, sharing and using research data and other relevant research materials, visit the research data page.

Data linking

If you have made your research data available in a data repository, you can link your article directly to the dataset. Elsevier collaborates with a number of repositories to link articles on ScienceDirect with relevant repositories, giving readers access to underlying data that gives them a better understanding of the research described.

There are different ways to link your datasets to your article. When available, you can directly link your dataset to your article by providing the relevant information in the submission system. For more information, visit the database linking page. For supported data repositories a repository banner will automatically appear next to your published article on ScienceDirect.

In addition, you can link to relevant data or entities through identifiers within the text of your manuscript, using the following format: Database: xxxx (e.g., TAIR: AT1G01020; CCDC: 734053; PDB: 1XFN). AFTER ACCEPTANCE Proofs One set of page proofs (as PDF files) will be sent by e-mail to the corresponding author (if we do not have an e-mail address then paper proofs will be sent by post) or, a link will be provided in the e-mail so that authors can download the files themselves.

Elsevier now provides authors with PDF proofs which can be annotated; for this you will need to download the free Adobe Reader, version 9 (or higher).

Instructions on how to annotate PDF files will accompany the proofs (also given online). The exact system requirements are given at the Adobe site.

If you do not wish to use the PDF annotations function, you may list the corrections (including replies to the Query Form) and return them to Elsevier in an e-mail.

Please list your corrections quoting line number. If, for any reason, this is not possible, then mark the corrections and any other comments (including replies to the Query Form) on a printout of your proof and scan the pages and return via email.

Please use this proof only for checking the typesetting, editing, completeness and correctness of the text, tables and figures. Significant changes to the article as accepted for publication will only be considered at this stage with permission from the Editor.

We will do everything possible to get your article published quickly and accurately. It is important to ensure that all corrections are sent back to us in one communication: please check carefully before replying, as inclusion of any subsequent corrections cannot be guaranteed. Proofreading is solely your responsibility.

AUTHOR INQUIRIES

Visit the Elsevier Support Center to find the answers you need.

Here you will find everything from Frequently Asked Questions to ways to get in touch. You can also check the status of your submitted article or find out when your accepted article will be published.

ANEXO V – NORMAS REVISTA ARTIGO 2

Archives of Physical Medicine and Rehabilitation

Qualis Educação Física A1

Qualis Medicina I B1

Fator de Impacto: 2.888

GUIDE FOR AUTHORS

INTRODUCTION

Archives of Physical Medicine and Rehabilitation publishes original articles that report on important trends and developments in physical medicine and rehabilitation and in the wider interdisciplinary field of rehabilitation.

Archives of Physical Medicine and Rehabilitation brings readers authoritative information on the therapeutic utilization of physical and pharmaceutical agents in providing comprehensive care for persons with disabilities and for chronically ill individuals. Archives began publication in 1920, publishes monthly, and is the official journal of the ACRM **|** American Congress of Rehabilitation Medicine. Its content is cited more often than any other rehabilitation journal.

A steadily increasing rate of submissions has forced the Archives to adopt a policy of restricting its manuscripts to topics that proved new information that may alter clinical practice or represent influential advances in the research.

Archives will not review studies involving animal models, healthy normal samples, or small case reports, except in unusual circumstances.

We may make exceptions when the clinical implications for populations of persons with chronic illness or disability are compelling. In addition, we will not review studies that report psychometric information of wellestablished instruments for language-specific applications.

Types of papers

Original Research:

Present new and important basic and clinical information, extend existing studies, or provide a new approach to a traditional subject. Manuscripts should be limited to 3000 words of text (Introduction through Conclusions). Figures, tables, and references should be limited to the number needed to clarify, amplify, or document the text.

Brief Reports:

Provide preliminary communications of new data, research methods, new ideas, and techniques. Manuscripts should be limited to 1500 words of text (or 1200 words plus 1-2 figures or tables, Introduction through Conclusions), and no more than 10 references.

Brief reports should be accompanied by the appropriate reporting guideline and checklist. The Archives will not consider case reports or animal studies for publication. Please do not submit them.

Commentaries (by Invitation):

Focus on issues in physical medicine and rehabilitation. Manuscripts should be limited to 2000 words of text (Introduction through Conclusions). The Editorial Board reserves the right to ensure that the author is qualified, through education and professional experience, to write knowledgeably and appropriately about a particular subject before accepting a Commentary for publication. The Editorial Board will choose the author(s) for Invited Commentaries and the author(s)' identity will be anonymous until publication. Authors of the subject article may submit a response for a subsequent issue.

Editorials:

Editorials published in Archives may only be written by the elected officers of ACRM, or by members of the Editorial Board. Prior to publication, all editorials are approved by the Editorial Board's Executive Committee.

Editorials do not represent the opinions or positions of ACRM or the Editorial Board. Editorials should be limited to 1000 words of text.

Information/Education:

The ACRM Communications Committee has developed a new feature, Information/Education Pages, which appear in the Organization News section of Archives. These fact sheets are printed as tear-out pages. They are designed to provide consumer-friendly information on topics relevant to rehabilitation medicine, including basic background or overview, similar to a Wikipedia entry, or brief how-to suggestions.

They are targeted toward people with disabilities, their caregivers, or clinicians; and are designed so that a practitioner can tear out and copy, or download the pages, to make them available to patients and caregivers. Authors are invited to submit Information/Education Page manuscripts or proposals to the Archives' Editorial Office (ArchivesMail@archives.acrm.org).

The ACRM Communications Committee will assess subject matter, content, and target reading level then provide feedback on suitability and instructions on how to proceed directly to the author. Note that this should not be considered an official peer review of the content. For more information go to http://www.acrm.org/publications/archives-of-pm-r/information-education-pages/.

Letters to The Editor:

Letters are published at the discretion of the Editorial Board and should be directly related to the published article on which it comments. Letters may not reference unpublished studies or reference "in press" studies that are not publicly available.

The Editorial Board reserves the right to solicit a response from the authors of the cited article. Letters must be limited to roughly 500 words of text, 1 table, and no more than 5 references.

Measurement Tools:

These instrument summaries, which appear in the Organization News section of Archives, are designed to facilitate the selection of outcome measures by trained clinicians. The information contained in this summary represents a sample of the peer-reviewed research available at the time of the summary's publication. The information contained in these summaries does not constitute an endorsement of the instrument for clinical practice. The views expressed are those of the summary authors and do not represent those of authors' employers, instrument owner(s), the Archives, the Rehabilitation Measures Database or the United States Department of Health and Human Services. Authors are invited to submit proposals for new Measurement Tools to the Archives' editorial office (Archivesmail@archives.acrm.org) and the office will coordinate with the ACRM Measurement Networking Group for the Rehabilitation Measures Database to determine if the proposal is suitable for publication in the Archives. The Networking Group can assist authors with formatting their article to meet the Measurement Tools requirements.

Review Articles (Meta-Analyses):

The Editorial Board welcomes state-of-the-art review articles. Manuscripts should be limited to 5000 words of text (Introduction through Conclusions), exclusive of references. The Archives strongly prefers systematic reviews of the literature.

Special Communications:

Provide information or an objective analysis of issues in physical medicine and rehabilitation that does not qualify as a research or clinical paper or commentary.

Manuscripts are peer reviewed and should be limited to 5000 words of text, exclusive of references.

BEFORE YOU BEGIN

Ethics in Publishing Preprint Policy

The Archives will consider papers that are hosted on a preprint server. Authors should include the server name and a link to the preprint version of their manuscript in their cover letter. The Archives of PM&Rreviews submissions on a double-blind basis; posting your work on a preprint server will disclose your identity to reviewers. Authors who have posted a manuscript on a preprint server should verify that the license required by the preprint platform is compatible with the Archives' copyright policy, and vice versa.

Authorship Manuscripts should have no more than 8 authors; a greater number requires written justification. The order of authorship is a joint decision of the coauthors.

Archives follows the Recommendations for the Conduct, Reporting, Editing, and Publication of Scholarly Work in Medical Journals guidelines 1, which state authorship credit should be based only on substantial contributions to (1) conception and design, or acquisition of data, or analysis and interpretation of data, (2) drafting the article or revising it critically for important intellectual content, and (3) final approval of the version to be published. Conditions 1, 2, and 3 must all be met. Participation solely in the acquisition of data does not justify authorship, nor does general supervision of the research group.

Archives may require authors to justify the assignment of authorship. Increasingly, multicenter trials are attributed to a corporate author. All members of the group who are named as authors, either in the authorship position below the title or in a footnote, must fully meet the criteria for authorship as defined above. Group members not meeting these criteria should be listed, with their permission, in the Acknowledgments. Acknowledgments to other investigators for advice or data must be documented by written authorization specifically granting permissions to the authors.

Changes in authorship: After a manuscript has been submitted, any addition, deletion, or change to the order of the authors must be submitted in writing 2 to the Editorial Office (ArchivesMail@archives.acrm.org). This written statement, explaining the change and listing the old and new author orders, must be submitted with all authors copied (including those who have been removed, if applicable). The corresponding author should instruct all copied authors to respond with their approval of the change in author order. Failure to respond or failure of all authors to agree to the change may lead to suspension of review/publication of the article.

ICMJE form Archives requires that all authors fill out the ICMJE form. For both new submissions and revisions, the peer-review process will not begin until these documents are completed correctly and submitted as per the instructions below. Step 1: Archives requires the author submitting the manuscript to complete and upload an ICMJE Form for Disclosure of Potential Conflicts of Interest. By this act, the author submitting the manuscript will serve as the guarantor for all coauthors in presenting accurate disclosures for the author group. The guarantor is expected to consult with all coauthors about the disclosures he/she provides. Any disclosure (i.e. actual or perceived conflict of interest) must be described on the title page of the manuscript. Step 2: At the point an editor seeks revision of a manuscript, Archives will require, with submission of the revised manuscript, original copies from all coauthors of the ICMJE form. Review of the revision will not commence until the editors have fully and accurately received the completed ICMJE forms from all coauthors. The editors expect the guarantor's group disclosure at submission to be consistent with the individual disclosures received at the revision stage. A written explanation will be required if this is not the case. If it is not possible to provide ICMJE forms from all co-authors at the revision stage, please contact the Editorial Office (ArchivesMail@archives.acrm.org) for alternative instructions.

Conflict of Interest: Authors must reveal to the Editorial Board any conflicts of interest that the Editorial Board or the Archives readers would reasonably consider relevant to the research, analysis, or interpretation presented in the manuscript. The Board will hold this information in confidence, unless the study is accepted and, in the Board's judgment, readers need to be made aware of the general nature of this possible conflict. In this case, a general description of the conflict will be published with the article.

Device Status: The submitting author must include in the title page to the manuscript any applicable Device Status Statement, as selected in the submission checklist. The statement does not affect the decision to publish a manuscript; that decision is made solely on the basis of the article's content and its value to the journal's readers. The selected statement may be published with the article.

Redundant or Duplicate Publication Archives, as a primary source periodical, does not consider for publication material that already has been reported in a published article or is described in a paper submitted or accepted for publication elsewhere, in any print or electronic media.

Abstracts (250-300 words) of preliminary research findings that are published in conference proceedings are not considered previous publications (except for submissions to the Brief Reports category). This policy does not usually preclude consideration of a manuscript that has been rejected by another journal or of a complete report that follows publication of a preliminary report, usually in the form of an abstract (250-300 words). Press reports on papers presented at a meeting will not usually be considered prior publication, but such reports should not be amplified by additional data or copies of tables and illustrations. Authors submitting manuscripts to Archives must include in their cover letter an explanation of any prior publication (published article, article in press, manuscript under review, published abstract) of the same or substantially similar work, and should explain any circumstances that might cause the Editorial Board to believe that the manuscript may have been published elsewhere (e.g. similar titles).

Authors must state whether the paper includes subjects about whom a previous report has been published. Authors must include an electronic copy (upload as Related (un)published manuscripts and/or meeting abstracts) of any published article or an electronic copy of any submitted manuscript that deals in any respect whatsoever with the same patients, same animals, same laboratory experiment, or same data—in part or in full—as are being reported in the manuscript they submit to Archives.

Duplicate Publication: Duplicate publication is the publication of the same paper or substantially similar papers in any medium. Publication more than once of the same study results, whether or not the wording is the same, is rarely justified. Articles previously published in another language will not be considered for publication.

The Editorial Board will take appropriate disciplinary action against authors who engage in duplicate publication of the same or substantially similar data. The Editorial Board reserves the right to consult with other journals about the content of the papers in question. Further, the Editorial Board (1) may return manuscripts prior to the review process, (2) may decide not consider any manuscripts from the author(s) for a period of time, (3) may announce publicly in Archives that the authors have submitted a previously published article, or (4) may refer the incident to COPE (The Committee on Publication Ethics) for discussion or advice, or (5) may take any combination of these actions.

If the paper is accepted and published before evidence of duplication is discovered, the Editorial Board will announce the duplication in Archives and/or will request that the authors write a letter acknowledging the duplicate publication. The Editorial Board will notify appropriate institutions, ranging from national databases to the authors' departments or university administrators, at its discretion.

Preliminary Release: Preliminary release, usually to the media, of scientific information described in a study that has been accepted by Archives but not yet published violates the copyright agreement between the authors and the journal.

The Editorial Board may approve advance release of data (e.g. to warn the public of health hazards) in certain situations. Authors should contact the Editorial Office (ArchivesMail@archives.acrm.org) to discuss embargoes, as embargoes will preempt conditions of preliminary release.

Simultaneous Submission: Authors should not submit the same manuscript simultaneously to more than 1 journal. If the Editorial Board learns of possible simultaneous submission, it reserves the right to consult with the other journal that received the manuscript.

Further, the Editorial Board may return the manuscript prior to the review process, or may reject it without regard to peer reviewer recommendations and may decide not to consider any studies from the author(s) for a period of time. Sex/Gender Reporting Authors are encouraged to provide gender-specific data, when appropriate, in describing outcomes of epidemiologic analyses or clinical trials; or specifically state that there were no gender-based differences. For more information please consult the Institute of Medicine's report on "SEX-SPECIFIC REPORTING OF SCIENTIFIC RESEARCH", which can be accessed at http://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK84192/pdf/Bookshelf_NBK84192.pdf.

Human and Animal Rights If relevant, a statement must be included in the body of the manuscript that human experimentation was approved by the local institutional review board or conforms to the Helsinki Declaration 3, as stated in the section Manuscript Preparation, Methods. Also that guidelines for the care/use of nonhuman animals or other species, approved by the institution, were followed as indicated in the Methods. The species must be named in the Title, Abstract, and Methods section. Conflict of Interest (ICMJE form)

The Archives utilizes the ICMJE Form for Disclosure of Potential Conflicts of Interest. During original submission, the corresponding author completes and uploads an ICMJE form. If a revised paper is submitted, all authors must complete the ICMJE form. If any of the authors do have a conflict of interest, this should be clearly explained on the title page of the manuscript. Please see the ICMJE author responsibilities regarding conflicts of interest (http://www.icmje.org/recommendations/browse/roles-and-responsibilities/author-responsibilities--conflicts-of-interest.html). It is important to note that a conflict of interest can be actual or perceived.

Submission declaration and verification

Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract, a published lecture or academic thesis, see 'Multiple, redundant or concurrent publication' for more information), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its publication is approved by all authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere in the same form, in English or in any other language, including electronically without the written consent of the copyrightholder.

To verify originality, your article may be checked by the originality detection service Crossref Similarity Check. Use of inclusive language Inclusive language acknowledges diversity, conveys respect to all people, is sensitive to differences, and promotes equal opportunities. Content should make no assumptions about the beliefs or commitments of any reader; contain nothing which might imply that one individual is superior to another on the grounds of age, gender, race, ethnicity, culture, sexual orientation, disability or health condition; and use inclusive language throughout. Authors should ensure that writing is free from bias, stereotypes, slang, reference to dominant culture and/or cultural assumptions. We advise to seek gender neutrality by using plural nouns ("clinicians, patients/clients") as default/wherever possible to avoid using "he, she," or "he/she." We recommend avoiding the use of descriptors that refer to personal attributes such as age, gender, race, ethnicity, culture, sexual orientation, disability or health condition unless they are relevant and valid. These guidelines are meant as a point of reference to help identify appropriate language but are by no means exhaustive or definitive. Authorship Authors have read the submitted manuscript and vouch for its accuracy.

All authors have participated sufficiently in the conception and design of this work and the analysis of the data (where applicable), as well as the writing of the manuscript to take public responsibility for its content. If any author (or group of authors) listed cannot verify substantial contribution, the author's name should be moved to the acknowledgment section. If requested, authors shall produce the data on which the manuscript is based for examination by Archives or its assignees. Authors warrant the manuscript is original and its essential substance, tables, or figures have not been previously published in part or in whole. The manuscript or one with substantially similar content under declared authorship or the data within it has not been accepted for publication elsewhere and it is not presently under review by any other publisher. The manuscript will not be submitted for publication elsewhere until a decision has been made on its acceptability for publication in Archives.

This restriction does not apply to brief abstracts or press reports published in connection with scientific meetings. Clinical trial While there may be occasional exceptions, the Archives is committed to the need for clinical trial reports to be accompanied by adequate periods of follow-up. A lack of sufficient follow-up may be detrimental to a paper's acceptance. As of January 1, 2017 the Archives will only consider clinical trials that have been registered before the first patient is enrolled. For our purposes, a clinical trial is defined as "any research study that prospectively assigns human participants or groups of humans to one or more health-related interventions to evaluate the effects on health outcomes" (http://www.who.int/ictrp/en). Thus, cohort and retrospective studies without an intervention do not require registration, and neither do observational studies of clinical care. However, studies of human subjects with prospective assignment of an intervention by the investigators, regardless of the size of the trial or method of assignment, must be registered.

NEW - Reporting Guidelines and Checklists

To ensure a high and consistent quality of research reporting, original research articles, including brief reports, must contain sufficient information to allow readers to understand how a study was designed and conducted. For review articles, systematic or narrative, readers should be informed of the rationale and details behind the literature search strategy. To achieve this goal, Archives requires that authors upload a completed checklist for the appropriate reporting guideline during original submission.

Taking the time to ensure your manuscript addresses basic reporting prerequisites will greatly improve your manuscript, and enhance the likelihood of publication. These checklists serve as a guide for the editors and reviewers as they evaluate your paper.

The EQUATOR Network (http://www.equator-network.org) is an excellent resource for key reporting guidelines, checklists, and flow diagrams. These guidelines should be especially useful for Archives' authors. Click on the checklist that applies to your manuscript, download it to your computer, fill it out electronically, "save as," and upload it with your manuscript when you submit. Links to mandatory flow diagrams also are provided.

Below are the most commonly used checklists but please note that the Equator Network provides many others (e.g. TRIPOD, SRQR, etc.) and it is up to the authors to select the one most appropriate for their study.Randomized Controlled Trials — CONSORT — Consolidated Standards of Reporting TrialsObservational Studies — STROBE — Strengthening the Reporting of AUTHOR INFORMATION PACK 17 Jul 2020 www.elsevier.com/locate/apmr 8 Observational studies in EpidemiologySystematic Review of Controlled Trials — PRISMA — Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-AnalysesStudy of Diagnostic accuracy/assessment scale — STARD — Standards for the Reporting of Diagnostic Accuracy StudiesFor psychometric studies the editors recommend either the COSMIN or GRRAS guideline, though the final choice is up to the author.

During the submission process when you are prompted to state which checklist is needed please check the appropriate box for your manuscript or check Not Applicable if your paper is a Commentary, Letter to the Editor, etc. Then the system will allow you to select the file type and upload the appropriate checklist and flow diagram.

IT IS PERMISSIBLE TO ADD A COLUMN OR SPACE TO THE CHECKLIST THAT SPECIFIES WHERE IN THE MANUSCRIPT EACH COMPONENT HAS BEEN FOLLOWED AND USE THAT FOR YOUR UPLOAD. YOU MAY NEED TO DO THIS FOR STROBE AS WELL AS OTHERS. A MODIFIED STROBE FORM IS AVAILABLE HERE.

Copyright

Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete a 'Journal Publishing Agreement' and copyright form (see more information on this). An e-mail will be sent to the corresponding author confirming receipt of the manuscript together with the appropriate forms or a link to the online versions of the forms.

Subscribers may reproduce tables of contents or prepare lists of articles including abstracts for internal circulation within their institutions. Permission of the Publisher is required for resale or distribution outside the institution and for all other derivative works, including compilations and translations.

If excerpts from other copyrighted works are included, the author(s) must obtain written permission from the copyright owners and credit the source(s) in the article. Elsevier has preprinted forms for use by authors in these cases.

Author rights

As an author you (or your employer or institution) have certain rights to reuse your work. More information. Elsevier supports responsible sharing Find out how you can share your research published in Elsevier journals. Role of the funding source You are requested to identify who provided financial support for the conduct of the research and/or preparation of the article and to briefly describe the role of the sponsor(s), if any, in study design; in the collection, analysis and interpretation of data; in the writing of the report; and in the decision to submit the article for publication. If the funding source(s) had no such involvement then this should be stated.

Page charges

Archives has no page charges.

Open access

Please visit our Open Access page for more information. Language (usage and editing services) Please write your text in good English (American or British usage is accepted, but not a mixture of these).

Authors who feel their English language manuscript may require editing to eliminate possible grammatical or spelling errors and to conform to correct scientific English may wish to use the English Language Editing service available from Elsevier's Author Services. Submission Manuscripts must be submitted through the journal's online system at https://ees.elsevier.com/archives-pmr.

The review process will not begin until authors have complied completely with the submission requirements. Compliance includes submission of separate documents in the following order: (1) cover letter; (2) title page, including acknowledgments and explanation of any conflicts of interest; (3) main text file (manuscript without author identifiers) including a structured or standard abstract, keywords, list of abbreviations, body of the text, suppliers' list, references, figure legends; (4) figures; (5) tables; (6) appendices; (7) supplementary files; (8) checklist; and (9) ICMJE Form for Disclosure of Potential Conflicts of Interest.

Referees

All submissions will be screened by editors to determine their suitability for further review. Manuscripts that are approved for review will be evaluated by at least one recognized expert in the particular subject matter. Biostatistical review may be obtained.

Peer reviewers' assessments are referred to a member of the Editorial Board, who may also critique the manuscript.

The assigned Editorial Board Member will then make a final decision and communicate with the corresponding author via e-mail. Decisions are typically communicated within 60 days after the manuscript has been approved for peer review.

All reviews are conducted in a double-blind fashion. Letters to the Editors and Editorials are generally evaluated by an editorial committee, however, external reviews may also be sought. Published annually without peer review are the ACRM | American Congress of Rehabilitation Medicine presidential address and the John Stanley Coulter Lecture.

The Editorial Board does not peer review the published abstracts of posters, platform presentations of scientific papers, or audiovisual materials presented at the ACRM annual meeting. Archives also publishes the official documents of ACRM. These documents are not peer reviewed by Archives and include position papers and other materials approved by the ACRM.

Revisions

When submitting your revised manuscript, at the request of the Editorial Board, please include a document, separate from your cover letter, itemizing your response to each of the suggested revisions and any other changes you have made. Use consecutive line numbering in the text and cite line numbers for each change.

In addition, highlight each change in the revised manuscript. You will upload this document in the file upload step as the "Detailed Response to Reviewers." Please note that this file should be blinded and should not include author names or institutional letterhead. If revisions are not received within the time specified in the decision e-mail, the manuscript file will be closed.

A revision received after a file has been closed will be handled as a new submission. An extension beyond the deadline may be granted at the Editorial Board's discretion, but only in extenuating circumstances, given the editors' commitment to prompt publication.

Submission of a revised manuscript includes submission of separate documents in the following order: (1) cover letter; (2) title page, including acknowledgments and explanation of any conflicts of interest; (3) main text file with highlighted changes, including an appropriate (structured or standard) abstract, keywords, list of abbreviations, body of the text, suppliers' list, references, figure legends; (4) a clean copy of the main text file with no highlighted changes, including an appropriate abstract, keywords, list of abbreviations, body of the text, suppliers' list, references, figure legends; (5) figures; (6) tables; (7) appendices; (8) supplementary files; (9) checklist; and (10) ICMJE Form for Disclosure of Potential Conflicts of Interest for each author. Resubmissions From time to time an author may receive a decision of "Reject-Resubmit" on their original submission.

This is a reject but grants the author the opportunity to revise and resubmit their work under a new manuscript number at any time.

The resubmission will be linked to the original submission but there will be no expectation of acceptance. The resubmission will be treated as new. To submit a resubmission authors should note the following: 1. Select RESUBMISSION as the article type. 2. In your cover letter, please 1) reference this manuscript ID number and include an itemized list of the revisions. 2) Use line numbering in the text and reference the revisions made by page and line number in the cover letter. 3) Highlight changes made in one copy of the manuscript text. Submit another copy with all changes accepted and not highlighted. Please add "marked copy" to the file name of the highlighted version and "clean copy" to the file name of the clean version. Submit both clean and highlighted copies under the category titled Manuscript without author identifiers. Both should remain blinded for the review process.

Additional information Unless author(s) notify the Editorial Office of alternate preferences, all accepted articles are posted online within 5 business days of release to production. Author(s) should notify the Editorial Office immediately with any requests to delay posting. This posted version will include a fully citable PDF of the author's accepted files, and will be submitted to PubMed. Supplementary material(s), such as raw data, videos, etc., will not be included. Supplementary materials will be included when the article is typeset and published on the Articles in Press platform or in the monthly print/online issue of the journal. Manuscripts accepted for publication are subject to editing during the production process. Journal style is based on the current AMA Manual of Style.

The manuscript will be typeset and the designated corresponding author will receive page proofs for approval. Proofs must be returned to Elsevier by the corresponding author within 48 hours of receipt, as outlined in the e-mail instructions accompanying the proofs. All accepted manuscripts become the permanent property of Archives and may not be published elsewhere without written permission from the publisher. Reprints Reprint order forms are provided to authors by e-mail in a downloadable PDF format.

The reprint form is sent with an e-mail acknowledgment to the author from Elsevier confirming receipt of the accepted manuscript. Reprint orders should be submitted within 15 days to ensure delivery within 6 weeks after publication. Archives does not provide complimentary reprints. Appeal Process Authors may appeal final decisions to the Editor-in-Chief of Archives. This appeal must: (1) be submitted in writing, (2) rebut the negative decision, and (3) be submitted within 30 days after the decision is rendered. Consideration of the appeal will be based on the appeal letter and the version of the manuscript that was peer reviewed. The Editor-in-Chief will assign the appeal to an Editorial Board member for review. The decision from the appeal is final.

PREPARATION

NEW- Submission checklist Archives requires the completion and upload of a checklist with each manuscript. Please follow the instructions on the checklist to ensure all required manuscript elements are included with your submission. Please note that this submission checklist is NOT the same as a reporting guideline checklist or form noted above. This is a separate item specific to the Archives.

THE SUBMISSION CHECKLIST CAN BE DOWNLOADED HERE. For any further information please visit our customer support site at https://service.elsevier.com. Authors should prepare manuscripts according to the "Recommendations for the Conduct, Reporting, Editing, and Publication of Scholarly Work in Medical Journals" 1 as developed by the International Committee of Medical Journal Editors.

The Requirements are available at http://www.icmje.org. Document Formatting Manuscripts must be double-spaced throughout, including the title page, abstract, text, acknowledgments, references, individual tables, and legends. Use only standard 12-point type and spacing. Use unjustified, flush-left margins. Number the pages of the text consecutively. Put the page number in the upper or lower right-hand corner of each page. Number each line on each page of the text to facilitate peer review. Authors should format manuscripts for specific attributes such as italics, superscripts/subscripts, and Greek letters.

The coding scheme for each such element must be consistent throughout the file. Text Style: Enter only 1 space between words and sentences. Leave 1 blank line between paragraphs. Leave 2 blank lines between headings and text. Your Paper Your Way As part of the Your Paper Your Way service, at initial submission you may choose to submit your new manuscript as a single file to be used in the refereeing process. This can be a PDF file or a Word document, in any format or lay-out that can be used by referees to evaluate your manuscript.

It should contain high enough quality figures for refereeing. If you prefer to do so, you may still provide all or some of the source files at the initial submission. Please note that individual figure files larger than 10 MB must be uploaded separately. If your paper is accepted, you will you be requested, at the revision stage, to put your paper in the correct format by supplying individual files for the manuscript, tables, figures, etc. and any other items required for the publication of your article. To find out more, please read the rest of the Preparation section.

NEW SUBMISSIONS Submission to this journal proceeds totally online and you will be guided stepwise through the creation and uploading of your files. The system automatically converts your files to a single PDF file, which is used in the peer-review process.

References

There are no strict requirements on reference formatting at submission. References can be in any style or format as long as the style is consistent. Where applicable, author(s) name(s), journal title/ book title, chapter title/article title, year of publication, volume number/book chapter and the article number or pagination must be present.

Use of DOI is highly encouraged. The reference style used by the journal will be applied to the accepted article by Elsevier at the proof stage. Note that missing data will be highlighted at proof stage for the author to correct.

Formatting requirements

There are no strict formatting requirements for articles at initial submission (for requirements for revised submissions, please see REVISED SUBMISSIONS section below) but all manuscripts must contain the essential elements needed to convey your manuscript, for example Abstract, Keywords, Introduction, Methods, Results, Conclusions, Artwork and Tables with Captions. If your article includes any Videos and/or other Supplementary material, this should be included in your initial submission for peer review purposes. Divide the article into clearly defined sections.

Please ensure the text of your paper is double-spaced — this is an essential peer review requirement. Figures and tables embedded in text - Your Paper Your Way If you choose the Your Paper Your Way option when submitting your manuscript for the first time, please ensure the figures and the tables included in the single file are placed next to the relevant text in the manuscript, rather than at the bottom or the top of the file. NEW- Peer Review Archives uses a double-blind peer-review process.

The blinded submission should be submitted in a word document and should begin with a title followed by the abstract, keywords, list of abbreviations, body of the text, references, figure legends, and any relevant suppliers' list. The entire main body of text should be blinded as well including obvious references to institutions and names in the methods section, etc.

REVISED SUBMISSIONS

Please note if you submitted your original manuscript following the Your Paper Your Way format you will now need to put the paper in the correct format by supplying individual files for the manuscript, tables, figures, etc. and any other items required for the publication of your article. Use of word processing software Regardless of the file format of the original submission, at revision you must provide us with an editable file of the entire article. Keep the layout of the text as simple as possible.

Most formatting codes will be removed and replaced on processing the article. The electronic text should be prepared in a way very similar to that of conventional manuscripts (see also the Guide to Publishing with Elsevier).

See also the section on Electronic artwork. To avoid unnecessary errors you are strongly advised to use the 'spell-check' and 'grammar-check' functions of your word processor. Subdivision Manuscript files should be structured as follows: (1) Title page, including Disclosure of interest and Acknowledgments, etc.; (2) Manuscript file including Abstract, Keywords, Abbreviations, Main text, References, Legends of figures and tables; (3) Table files; (4) Figure files; (5) Supplementary files; (6) ICMJE forms.

Manuscript Headings

Original Article level 1 headings are: Methods, Results, Discussion, and Conclusions. Articles should include the level 2 subsection heading Study Limitations at the end of the Discussion section. Longer articles may need other level 2 and/or level 3 subsection headings to clarify their content, especially the Results and Discussion sections.

Other types of articles such as Commentaries and Special Communications do not require this format. Title Page Include these elements in the title page in the following sequence, double-spaced: (1) Running head of no more than 40 character spaces (no abbreviations); (2) Title (no abbreviations); (3) Author(s) full name(s) and highest academic degree(s); (4) The name(s) of the institution(s), section(s), division(s), and department(s) where the study was performed and the institutional affiliation(s) of the author(s) at the time of the study. An asterisk after an author's name and a footnote may indicate a change in affiliation; (5) Acknowledgment of any presentation of this material, to whom, when, and where; (6) Acknowledgment of financial support, including grant numbers and any other needed acknowledgments. Explanations of any conflicts of interest; (7) Name, address, business telephone number, and e-mail address of corresponding author; and (8) Clinical trial registration number, if applicable.

Please note that clinical trial registration will now be required as of January 1, 2016. The grace period will end January 1, 2017 when registration will be mandatory. Abstract For articles reporting original data (Original Articles, Brief Reports) and Review Articles (including Meta-Analyses), a structured abstract is required (see the Instructions for Structured Abstracts). Authors should make sure the key elements from the Reporting Guideline (eg. CONSORT, PRISMA, etc.) they followed for their manuscript are included in the abstract as well as the body of the paper.

Structured abstracts for Original Research and for Systematic Reviews/Meta-Analyses should be no more than 300 words in length. For other manuscripts (e.g., Commentaries, Editorials and Special Communications), include a conventional, unstructured abstract of no more than 250 words. Keywords All abstracts must include provide 1 to 10 Keywords identified by the author. Keywords must be selected from the US National Library of Medicine's (NLM) Medical Subject Headings, which is available at http://www.nlm.nih.gov/mesh/MBrowser.html. Abbreviations Archives' editorial policy is to minimize the use of abbreviations. Fewer abbreviations make it easier for the multidisciplinary readership to follow the text.

Authors should include a list of abbreviations in their manuscript file directly following the keywords (just above the introduction). Archives uses only standard abbreviations with Davis's and Dorland's as our guides. Abbreviations that are used only in tables, appendices, or figures are not included in the list and should be defined in the table, appendix, or figure legend. However, abbreviations that are in the list need not be re-defined in a table footnote or figure legend. All abbreviation lists must be alphabetized. All abbreviations must be defined upon first mention in the body of the manuscript.

The abbreviations SD (standard deviation) and SE (standard error) require no definition in Archives. Main Manuscript Introduction State the purpose of the article. Summarize the rationale for the study or observation. Give only pertinent references, and do not review the subject extensively. Do not include data or conclusions from the work being reported. Do not include a heading for this section. Methods Describe the selection of the observational or experimental subjects (patients or experimental animals, including controls) clearly. Discuss eligibility of experimental subjects. Give details about randomization. Describe the methods for any blinding of observations. Identify the methods, equipment and materials, and procedures in sufficient detail to allow others to reproduce the results. Reference established methods, including statistical methods (see below); provide very brief descriptions for methods that have been published but are not well known; describe new or substantially modified methods, give reasons for using them, and evaluate their limitations. Identify precisely all drugs and chemicals used, including generic name(s), dose(s), and route(s) of administration. While there may be occasional exceptions, Archives is committed to the need for clinical trial reports to be accompanied by adequate periods of follow-up. A lack of sufficient follow-up may be detrimental to a paper's acceptance. When reporting work with human subjects, indicate whether the procedures followed protocol and accord with the ethical standards of the responsible institutional review board, ethics committee or with the Helsinki Declaration of 1975, as revised in 2013, as appropriate for the country where the research took place. 2

Do not use patients' names, initials, or hospital numbers, especially in any illustrative material. When reporting experiments on animals, indicate whether the procedures followed accord with the institution's committee on animal experimentation or with the National Research Council's guide on the care and use of laboratory animals.

Archives may require authors to verify the above procedures. Describe statistical methods in enough detail to enable knowledgeable readers with access to the original data to verify the reported results. When possible, quantify findings and present them with appropriate indicators of measurement error or uncertainty (eg, confidence intervals [CIs]).

Avoid sole reliance on statistical hypothesis testing, such as P values, which fails to convey important quantitative information. Researchers should report and identify the specific statistical test used and the obtained statistical value. Researchers should supplement the results of any statistical value. Researchers should supplement the results of any statistical significance test with the use of effect size values or CIs.

Measures of effect size or CIs should be routinely included in quantitative clinical trials reported in rehabilitation research. The statistical power values and the corresponding type II error probability should always be reported for statistically nonsignificant results. The investigator should ensure that there is sufficient power to detect, as statistically significant, a clinically meaningful treatment effect of an a priori specified size 4.

References for study design and statistical methods should be to standard works (with pages stated) rather than to papers in which designs or methods were originally reported. Specify any general use computer programs used. Avoid nontechnical uses of technical terms in statistics, such as "random" (which implies a randomizing device), "normal," "significant," "correlation," or "sample." Define statistical terms, abbreviations, and symbols. When submitting manuscripts on randomized controlled trials (RCTs), authors must include the CONSORT (Consolidated Standards for Reporting Trials) flow diagram. See the Reporting Guidelines. Results When data are summarized in the Results section, specify the statistical methods used to analyze them. Describe the success of any blinding of observations. Report treatment complications. Give numbers of observations.

Report losses to observation (ie, dropouts from a clinical trial). Present results in logical sequence in the text, tables, and illustrations. Archives aims to publish no more than 5 figures per manuscript so restrict tables and figures to those needed to explain arguments and to assess their support.

Use graphs as an alternative to tables with many entries; do not duplicate data in graphs and tables. Do not repeat in the text all the data in the tables, illustrations, or both; emphasize or summarize only important observations. While there may be occasional exceptions, Archives is committed to the need for clinical trial reports to be accompanied by adequate periods of follow-up. A lack of sufficient follow-up may be detrimental to a paper's acceptance. Discussion Emphasize the new and important aspects of the study and the conclusions that follow from them. Do not repeat in detail data or other material given in the introduction or the Results section. Include in the Discussion section the implications of the findings and their limitations, including implications for future research.

Authors should address the issue of effect magnitude, in terms of both the statistics reported and the implications of the research. Relate the observations to other relevant studies.

Study Limitations

Include the subsection (Level 2 heading), "Study Limitations" to discuss the limitations of the study. Conclusions Link the conclusions with the study's goals but avoid unqualified statements not supported by the data. Avoid claiming priority and alluding to work that is incomplete. State new hypotheses when warranted, but clearly label them as such. Recommendations, when appropriate, may be included.

Highlights

Highlights are optional yet highly encouraged for this journal, as they increase the discoverability of your article via search engines. They consist of a short collection of bullet points that capture the novel results of your research as well as new methods that were used during the study (if any).

Please have a look at the examples here: example Highlights. Highlights should be submitted in a separate editable file in the online submission system.

Please use 'Highlights' in the file name and include 3 to 5 bullet points (maximum 85 characters, including spaces, per bullet point). Graphical abstract Although a graphical abstract is optional, its use is encouraged as it draws more attention to the online article. The graphical abstract should summarize the contents of the article in a concise, pictorial form designed to capture the attention of a wide readership.

Graphical abstracts should be submitted as a separate file in the online submission system. Image size: Please provide an image with a minimum of 531 × 1328 pixels (h × w) or proportionally more. The image should be readable at a size of 5 × 13 cm using a regular screen resolution of 96 dpi. Preferred file types: TIFF, EPS, PDF or MS Office files. You can view Example Graphical Abstracts on our information site. Authors can make use of Elsevier's Illustration Services to ensure the best presentation of their images and in accordance with all technical requirements.

Acknowledgments

One or more statements should specify: (1) contributions that do not justify authorship (ie, thirdparty statistical analysis, writing/editing); and (2) acknowledgments of technical help. Persons who have contributed intellectually to the manuscript but whose contributions do not justify authorship must be named and their function or contribution described, e.g., "scientific adviser," "critical review of study proposal," "data collection," or "participation in clinical trial."

Clerical, administrative, laboratory staff, and participants/subjects in the study should not be acknowledged unless they have contributed significantly to the research, writing, or intellectual quality of the article. Such persons must give permission to be named. Authors are responsible for obtaining written permission from persons acknowledged by name because readers may infer their endorsement of the data and conclusions.

Formatting of funding sources

List funding sources in this standard way to facilitate compliance to funder's requirements: Funding: This work was supported by the National Institutes of Health [grant numbers xxxx, yyyy]; the Bill & Melinda Gates Foundation, Seattle, WA [grant number zzzz]; and the United States Institutes of Peace [grant number aaaa].

It is not necessary to include detailed descriptions on the program or type of grants and awards. When funding is from a block grant or other resources available to a university, college, or other research institution, submit the name of the institute or organization that provided the funding. If no funding has been provided for the research, please include the following sentence: This research did not receive any specific grant from funding agencies in the public, commercial, or not-for-profit sectors.

Units

Metric units are required. Blood pressures in millimeters of mercury (mmHg) and all hematologic and clinical chemistry measurements using the International System of Units (SI).

Footnotes

Footnotes other than for references are not allowed in the manuscript body.

Artwork

Preferred file formats are TIFF, EPS, JPEG, and PDF. 300 dpi is minimum resolution to achieve high quality images. Typical desired resolutions are 300 dpi for black and white and color figures; 500 dpi for combination art (combined photo with line art); and 1000 dpi for line art.

Figures should be numbered consecutively in the order they are first cited in the text. If a figure has been published, acknowledge the original source in the reference list and the figure legend, and submit written permission from the copyright holder to reproduce the material. Permission is required, irrespective of authorship or publisher, except for documents in the public domain. Letters, numbers, and symbols should be clear and even throughout, and of sufficient size that when reduced for publication each item will still be legible. Titles and detailed explanations belong in the legends for figures, not on the figures themselves.

For multi-part figures, please label each component separately with A, B, C, etc. both in the figure itself and in the legend. Consistency in size within the article is strongly preferred. Any special instructions regarding sizing should be clearly noted. Photomicrographs must have internal scale markers.

Symbols, arrows, or letters used in the photomicrographs should contrast with the background. If photographs of persons are used, either the subjects must not be identifiable or the author must obtain and archive permission to publish the pictures and attest that permission has been granted in the cover letter that accompanies the manuscript submission.

The Editorial Board reserves the right to determine which figures are appropriate for publication. There is no charge for publication of black and white illustrations.

Electronic artwork General points

• Make sure you use uniform lettering and sizing of your original artwork.

• Preferred fonts: Arial (or Helvetica), Times New Roman (or Times), Symbol, Courier.

• Number the illustrations according to their sequence in the text. • Use a logical naming convention for your artwork files.

• Indicate per figure if it is a single, 1.5 or 2-column fitting image.

• For Word submissions only, you may still provide figures and their captions, and tables within a single file at the revision stage.

• Please note that individual figure files larger than 10 MB must be provided in separate source files. A detailed guide on electronic artwork is available. You are urged to visit this site; some excerpts from the detailed information are given here. Formats Regardless of the application used, when your electronic artwork is finalized, please 'save as' or convert the images to one of the following formats (note the resolution requirements for line drawings, halftones, and line/halftone combinations given below): EPS (or PDF): Vector drawings. Embed the font or save the text as 'graphics'. TIFF (or JPG): Color or grayscale photographs (halftones): always use a minimum of 300 dpi. TIFF (or JPG): Bitmapped line drawings: use a minimum of 1000 dpi. TIFF (or JPG): Combinations bitmapped line/half-tone (color or grayscale): a minimum of 500 dpi is required.

Please do not:

• Supply files that are optimized for screen use (e.g., GIF, BMP, PICT, WPG); the resolution is too low.

• Supply files that are too low in resolution.

• Submit graphics that are disproportionately large for the content. Color artwork Color figures (minimum 300dpi) will be published without charge when color reproduction is essential to understanding of the material presented.

Figure legends

A list of figure legends should be provided after the reference list, listing each figure in order by number. Legends/captions should not be embedded in the figure files themselves.

Figure captions

Ensure that each illustration has a caption. A caption should comprise a brief title (not on the figure itself) and a description of the illustration.

Keep text in the illustrations themselves to a minimum but explain all symbols and abbreviations used.

Tables

Submit each table as a separate file. Accepted file formats are PDF and Word (Please do not upload Excel files). If needed, Excel files will be requested from the authors upon a final editorial decision of accept.

Number tables consecutively in the order of their first citation in the text. Include a brief title for each table, include a short or abbreviated heading for each column. Place explanatory matter in footnotes, not in the title or column headings.

Explain in footnotes all nonstandard abbreviations that are used in each table. For footnotes, use the following symbols, in this sequence: *, †, ‡, §, ||, ¶, #, **, ††, ‡‡ Identify statistical measures of variations such as standard deviation and standard error of the mean. Do not use internal horizontal and vertical rules. Be sure that each table is cited in the text in order. Using too many tables in relation to the length of the text may produce typesetting difficulties.

Data from another published or unpublished source may only be used with permission and must be acknowledged fully. It is the author's responsibility to obtain such permission.

Supplementary data

Archives accepts electronic supplementary material to support and enhance your scientific research. Supplementary files offer the author additional possibilities to publish supporting applications, highresolution images, background datasets, sound clips, and more.

Supplementary files supplied will be published online alongside the electronic version of your article in Elsevier Web products, including ScienceDirect: http://www.sciencedirect.com. Suppliers Before the References section, provide a Suppliers list with contact information (names and complete mailing addresses) for manufacturers of devices and other non-drug products used directly in a study (ie, do not provide such information for products not directly used in your research but mentioned in studies you cite).

Identify equipment and/or materials in text, tables, and legends by superscript lower case letters. List suppliers consecutively in the order they are mentioned in the text. Manufacturer names and locations should not be listed in the text where the product is introduced. Do not list Suppliers in the References list. Do not list drug manufacturers in the Suppliers list.

References

References in manuscripts accepted by Archives shall include only material that is retrievable through standard literature searches. Number references consecutively in the order in which they first appear in the text. Identify references in text, tables, and legends by superscript Arabic numerals.

References cited only in tables or in legends to figures should be numbered in accordance with a sequence established by the first identification in the text of the particular table or figure.

Try to avoid using abstracts as references; "unpublished observations" and "personal communications" may not be used as references, although references to written, not oral, communications may be inserted (in parentheses) in the text.

Avoid "personal communication" unless it provides essential information not available from a public source. In this case, cite the name of the person and date of communication in parentheses in the text.

For scientific articles, authors should obtain written permission and confirmation of accuracy from the source of personal communication. Include among the references those papers accepted but not yet published; designate the journal and add "In press."

Authors must obtain written permission to cite such papers as well as verification that they have been accepted for publication. Editors will request from the author(s) a copy of the letter from the journal accepting the "in press" article if the manuscript in which it is cited is accepted by Archives. Information from manuscripts submitted but not yet accepted should be cited in the text as "(unpublished observations)" with written permission from the source.

The references must be verified by the author(s) against the original documents. List all authors and/ or editors for each reference, up to 6 authors. If there are 7 or more authors, truncate the list to the first 3 names and add "et al."

Citations in the running text Number references consecutively in the order in which they first appear in the text. Identify references in text, tables, and legends by superscript Arabic numerals. References cited only in tables or in legends to figures should be numbered in accordance with a sequence established by the first identification in the text of the particular table or figure.

Data references This journal encourages you to cite underlying or relevant datasets in your manuscript by citing them in your text and including a data reference in your Reference List. Data references should include the following elements: author name(s), dataset title, data repository, version (where available), year, and global persistent identifier. Add [dataset] immediately before the reference so we can properly identify it as a data reference. The [dataset] identifier will not appear in your published article.

Reference management software Most Elsevier journals have a standard template available in key reference management packages. This covers packages using the Citation Style Language, such as Mendeley (http://www.mendeley.com/features/reference-manager) and also others like EndNote (http://www.endnote.com/support/enstyles.asp) and Reference Manager (http://refman.com/downloads/styles).

Using plug-ins to word processing packages which are available from the above sites, authors only need to select the appropriate journal template when preparing their article and the list of references and citations to these will be formatted according to the journal style as described in this Guide.

The process of including templates in these packages is constantly ongoing. If the journal you are looking for does not have a template available yet, please see the list of sample references and citations provided in this Guide to help you format these according to the journal style. If you manage your research with Mendeley Desktop, you can easily install the reference style for this journal by clicking the link below: http://open.mendeley.com/use-citation-style/archives-of-physical-medicine-and-rehabilitation When preparing your manuscript, you will then be able to select this style using the Mendeley plugins for Microsoft Word or LibreOffice.

For more information about the Citation Style Language, visit http://citationstyles.org. Reference formatting There are no strict requirements on reference formatting at submission. References can be in any style or format as long as the style is consistent. Where applicable, author(s) name(s), journal title/ book title, chapter title/article title, year of publication, volume number/book chapter and the article number or pagination must be present. Use of DOI is highly encouraged. The reference style used by the journal will be applied to the accepted article by Elsevier at the proof stage. Note that missing data will be highlighted at proof stage for the author to correct.

If you do wish to format the references yourself they should be arranged according to the following examples:

Reference style Text: Indicate references by (consecutive) superscript Arabic numerals in the order in which they appear in the text. The numerals are to be used outside periods and commas, inside colons and semicolons.

For further detail and examples you are referred to the AMA Manual of Style, A Guide for Authors and Editors, Tenth Edition, ISBN 0-978-0-19-517633-9 (see http://www.amanualofstyle.com).

List: Number the references in the list in the order in which they appear in the text. Click here for examples of correct reference formats. Journal abbreviations in references The titles of journals should be abbreviated according to the style used in MEDLINE. Consult List of Serials Indexed for Online Users, which is available from the NLM at http://www.nlm.nih.gov/tsd/serials/lsiou.html.

Video

Elsevier accepts video material and animation sequences to support and enhance your scientific research. Authors who have video or animation files that they wish to submit with their article are strongly encouraged to include citations to these within the body of the article.

This can be done in the same way as a figure or table by referring to the video or animation content and noting in the body text where it should be placed. All submitted files should be properly labeled so that they directly relate to the video file's content. In order to ensure that your video or animation material is directly usable, please provide the file in one of our recommended file formats with a preferred maximum size of 150 MB per file, 1 GB in total. Video and animation files supplied will be published online in the electronic version of your article in Elsevier Web products, including ScienceDirect.

For more detailed instructions please visit our video instruction pages.

Research data

This journal encourages and enables you to share data that supports your research publication where appropriate, and enables you to interlink the data with your published articles.

Research data refers to the results of observations or experimentation that validate research findings. To facilitate reproducibility and data reuse, this journal also encourages you to share your software, code, models, algorithms, protocols, methods and other useful materials related to the project.

Below are a number of ways in which you can associate data with your article or make a statement about the availability of your data when submitting your manuscript. If you are sharing data in one of these ways, you are encouraged to cite the data in your manuscript and reference list. Please refer to the "References" section for more information about data citation.

For more information on depositing, sharing and using research data and other relevant research materials, visit the research data page. Data linking If you have made your research data available in a data repository, you can link your article directly to the dataset.

Elsevier collaborates with a number of repositories to link articles on ScienceDirect with relevant repositories, giving readers access to underlying data that gives them a better understanding of the research described. There are different ways to link your datasets to your article. When available, you can directly link your dataset to your article by providing the relevant information in the submission system. For more information, visit the database linking page. For supported data repositories a repository banner will automatically appear next to your published article on ScienceDirect.

In addition, you can link to relevant data or entities through identifiers within the text of your manuscript, using the following format: Database: xxxx (e.g., TAIR: AT1G01020; CCDC: 734053; PDB: 1XFN). Mendeley Data This journal supports Mendeley Data, enabling you to deposit any research data (including raw and processed data, video, code, software, algorithms, protocols, and methods) associated with your manuscript in a free-to-use, open access repository.

During the submission process, after uploading your manuscript, you will have the opportunity to upload your relevant datasets directly to Mendeley Data.

The datasets will be listed and directly accessible to readers next to your published article online. For more information, visit the Mendeley Data for journals page. Data statement To foster transparency, we encourage you to state the availability of your data in your submission. This may be a requirement of your funding body or institution.

If your data is unavailable to access or unsuitable to post, you will have the opportunity to indicate why during the submission process, for example by stating that the research data is confidential. The statement will appear with your published article on ScienceDirect. For more information, visit the Data Statement page.

AFTER ACCEPTANCE

Online proof correction

To ensure a fast publication process of the article, we kindly ask authors to provide us with their proof corrections within two days. Corresponding authors will receive an e-mail with a link to our online proofing system, allowing annotation and correction of proofs online.

The environment is similar to MS Word: in addition to editing text, you can also comment on figures/tables and answer questions from the Copy Editor. Web-based proofing provides a faster and less error-prone process by allowing you to directly type your corrections, eliminating the potential introduction of errors. If preferred, you can still choose to annotate and upload your edits on the PDF version. All instructions for proofing will be given in the e-mail we send to authors, including alternative methods to the online version and PDF.

We will do everything possible to get your article published quickly and accurately. Please use this proof only for checking the typesetting, editing, completeness and correctness of the text, tables and figures. Significant changes to the article as accepted for publication will only be considered at this stage with permission from the Editor. It is important to ensure that all corrections are sent back to us in one communication. Please check carefully before replying, as inclusion of any subsequent corrections cannot be guaranteed. Proofreading is solely your responsibility.

Offprints

The corresponding author will, at no cost, receive a customized Share Link providing 50 days free access to the final published version of the article on ScienceDirect. The Share Link can be used for sharing the article via any communication channel, including email and social media. For an extra charge, paper offprints can be ordered via the offprint order form which is sent once the article is accepted for publication. Both corresponding and co-authors may order offprints at any time via Elsevier's Author Services.

Corresponding authors who have published their article gold open access do not receive a Share Link as their final published version of the article is available open access on ScienceDirect and can be shared through the article DOI link.

AUTHOR INQUIRIES

Visit the Elsevier Support Center to find the answers you need. Here you will find everything from Frequently Asked Questions to ways to get in touch. You can also check the status of your submitted article or find out when your accepted article will be published. References ref1 1. International Committee of Medical Journal Editors.

Recommendations for the Conduct, Reporting, Editing, and Publication of Scholarly Work in Medical Journals. 2013. Available at: http://www.icmje.org. Accessed July June 16, 2014. ref2 2. Committee on Publication Ethics.

Flowcharts: Changes in Authorship. nd. Available at: http://www.publicationethics.org/resources/flowcharts. Accessed June 16, 2014. ref3 3. 64th WMA General Assembly. WMA Declaration of Helsinki - Ethical Principles for Medical Research Involving Human Subjects. Available at: http://www.wma.net/en/30publications/10policies/b3/. Accessed June 16, 2014. ref4 4. Ottenbacher KJ. Why rehabilitation research does not work (as well as we think it should). Arch Phys Med Rehabil 1995;76:606–9. Updated November 5, 2015

ANEXO VI - NORMAS DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA REABILITAÇÃO

RESOLUÇÃO Nº 24/2019/CONSUN, DE 10 DE OUTUBRO DE 2019

Dispõe sobre a regulamentação do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação na Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre – UFCSPA.

O CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE, no uso de suas atribuições conferidas pelo Estatuto e Regimento Geral desta Universidade, de acordo com o art. 2º, III, de seu Regimento Interno, considerando o parecer favorável da Câmara de Legislação e Normas, nos termos do processo nº 23103.002627/2019-61, em sessão ordinária realizada em 10 de outubro de 2019, RESOLVE aprovar o Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação na Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre – UFCSPA:

Objetivos Art. 1º O Programa de Pós-graduação em Ciências da Reabilitação (PPG-CR) da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre tem por objetivo a formação pós-graduada na área da saúde, por meio de estudos avançados e pesquisas que levam ao grau de Mestre e de Doutor em Ciências da Reabilitação, de acordo com o que estabelece o Conselho Nacional de Educação, o Estatuto e o Regimento Geral da UFCSPA.

§1° O Mestrado de Ciências da Reabilitação visa qualificar o pós-graduando para a docência em nível superior;

§2° O Doutorado em Ciências da Reabilitação visa qualificar o pós-graduando para a docência e atividades de investigação científica e inovação tecnológica, preparando-o para o desenvolvimento independente de pesquisas nas Ciências da Reabilitação e qualificando-o para a formação de recursos humanos em nível de Mestrado e de Doutorado. Administração

Art. 2º O Programa será administrado por:

I - o Conselho do Programa;

II - a Comissão Coordenadora do Programa de Pós-graduação (CCPG);

III - o Coordenador e o Vice Coordenador.

Art. 3º O Conselho deverá ser constituído por professores permanentes e colaboradores do Programa e por dois representantes do corpo discente, regularmente Rua Sarmento Leite, 245 – Centro histórico – 90050-170 – Porto Alegre (RS) – Tel. (51) 3303-8700 – www.ufcspa.edu.br 2/10 matriculados, um em nível Mestrado e um em nível Doutorado, eleitos entre seus pares, por um período de 2 (dois) anos.

Art. 4º Compete ao Conselho:

I - eleger os membros da CCPG;

II - propor à CCPG medidas visando aprimorar o bom funcionamento do Programa;

III - propor modificações do Regulamento vigente.

§1° As reuniões do Conselho do Programa podem ser convocadas pelo coordenador do PPG, ou por 1/3 dos seus membros, com antecedência mínima de 3 (três) dias úteis. A cada ano deverá ocorrer ao menos uma reunião.

§2° O quórum das reuniões deverá corresponder, no mínimo, a 50% dos docentes mais 01 (um) em primeira convocação, ou por um mínimo de cinco docentes em segunda convocação, quinze minutos após a primeira convocação.

Art. 5º A CCPG é o órgão executivo de deliberações referentes à organização e funcionamento do Programa.

Art. 6º O Coordenador e o Vice Coordenador serão eleitos entre os professores permanentes do Programa de Ciências da Reabilitação (de acordo com o regimento da Universidade).

§1º O Coordenador presidirá a CCPG, sendo as reuniões da CCPG convocadas pelo mesmo ou por metade de seus membros.

§2º O mandato do Coordenador e do Vice Coordenador será de dois anos, podendo haver uma reeleição para o mesmo cargo.

Art. 7º A CCPG será constituída pelo Coordenador, pelo Vice Coordenador, por até dois professores permanentes, representantes de cada uma das linhas de pesquisa do Programa, eleitos pelo Conselho de Professores, e dois representantes discentes, eleitos por seus pares.

§1º Em caso de empate na eleição dos membros da CCPG, será obedecido o seguinte critério de desempate: a) intenção e disponibilidade em participar; b) maior tempo de atuação no Programa; c) maior produção científica, segundo critérios da área 21 da CAPES; d) ser bolsista de produtividade do CNPq, respeitando-se o nível.

§2º Uma vaga adicional poderá ser ocupada pelo Coordenador ou Vice Coordenador da comissão anterior, desde que manifestado interesse por escrito.
Rua Sarmento Leite, 245 – Centro histórico – 90050-170 – Porto Alegre (RS) – Tel. (51) 3303-8700 – www.ufcspa.edu.br 3/10

Art. 8º Compete à CCPG:

I - elaborar o Regulamento do Programa e encaminhá-lo às instâncias competentes;

II - elaborar editais dos processos seletivos;

III - elaborar o calendário anual do Programa e definir o número de vagas oferecidas;

IV - estabelecer o conjunto de disciplinas a ser oferecido pelo Programa e aprovar as ementas das mesmas;

V - definir critérios de ingresso e permanência no PPG, e aprovar o ingresso dos docentes no Programa;

VI - atribuir créditos às disciplinas oferecidas;

VII - conferir créditos para disciplinas realizadas em outros programas da UFCSPA ou de outras instituições;

VIII - aprovar os nomes indicados pelo orientador para a composição das bancas examinadoras das dissertações de Mestrado e teses de Doutorado;

IX - homologar os resultados das avaliações das bancas examinadoras;

X - propor convênios com outras instituições;

XI - propor modificações no Regulamento do Programa;

XII - exercer outras atribuições que lhe forem delegadas, dentro de sua área de atuação;

XIII - analisar e aprovar a solicitação de verbas, a distribuição de bolsas e a gestão financeira do Programa. Parágrafo único. Em período de eleição, a CCPG indicará uma comissão eleitoral. A comissão será composta por três membros: um representante docente, um representante discente e o secretário do Programa. Essa comissão conduzirá o processo eleitoral para a eleição dos integrantes da nova Comissão Coordenadora.

Art. 9º Compete ao Coordenador:

I - integrar os Conselhos superiores da UFCSPA;

II - executar as diretrizes emanadas de instâncias superiores;

III - divulgar e acompanhar a execução das decisões da CCPG;

IV - convocar e presidir a CCPG e o Conselho do Programa;

V - promover as articulações da CCPG com os diversos órgãos da administração acadêmica; Rua Sarmento Leite, 245 – Centro histórico – 90050-170 – Porto Alegre (RS) – Tel. (51) 3303-8700 – www.ufcspa.edu.br 4/10 VI - representar o Programa onde e quando se fizer necessário;

VII - buscar recursos materiais e humanos para aplicação no aprimoramento do Programa, propondo planos específicos à CCPG e aos órgãos superiores da Universidade;

VIII - superintender os serviços administrativos e didáticos;

IX - gerenciar o orçamento e os auxílios recebidos pelo Programa de Pós-graduação;

X - apresentar, anualmente, relatório de atividades do Programa à CCPG;

XI - delegar atribuições a outros membros da CCPG;

XII - promover intercâmbio com outras unidades universitárias, assim como com outras entidades, para que sejam ministrados cursos de interesse do Programa;

XIII - realizar a abertura das apresentações de dissertações e teses ou atribuí-las ao Vice Coordenador ou ao orientador. Parágrafo único. Compete ao Vice Coordenador substituir o Coordenador nos seus impedimentos. Secretaria

Art. 10. À Secretaria geral, órgão executor dos serviços administrativos, compete:

I - manter em dia os assentamentos de todo o pessoal docente, discente e administrativo;

II - informar e processar todos os requerimentos de estudantes matriculados ou candidatos a matrícula;

III - registrar frequência e notas obtidas pelos discentes nas disciplinas;

IV - efetuar matrícula dos discentes;

V - distribuir e arquivar todos os documentos relativos à atividade didática e administrativa;

VI - coletar os elementos e preparar as prestações de contas e relatórios;

VII - organizar e manter atualizada a coleção de leis, portarias, circulares, e outros documentos que regem os cursos de Pós-graduação;

VIII - encaminhar para as bancas avaliadoras as dissertações e teses, e acompanhar a emissão dos pareceres respeitando os prazos estabelecidos pela CCPG;

IX - encaminhar para a Capes, por meio eletrônico, a versão final das dissertações e teses, já contendo as correções e sugestões aceitas feitas pela Banca Examinadora;

X - praticar os demais atos inerentes as atividades da secretaria. Corpo docente

Art. 11. O corpo docente do Programa será constituído por professores e/ou pesquisadores da UFCSPA, bem como de outras instituições nacionais e internacionais que possuam Rua Sarmento Leite, 245 – Centro histórico – 90050-170 – Porto Alegre (RS) – Tel. (51) 3303-8700 – www.ufcspa.edu.br 5/10 alta qualificação profissional na especialidade e satisfaçam os requisitos exigidos pelo Conselho Nacional de Educação, definidos pela CCPG e pela CAPES.

Art. 12. A CCPG organizará, periodicamente, a lista dos professores permanentes, dentre os que possuam o grau de Doutor, em atividade plena de pesquisa, preferentemente em regime de trabalho de 40 horas ou dedicação exclusiva.

§1º Constituem critérios para o ingresso e permanência de professores no quadro de orientadores permanentes do Programa a experiência em orientações e/ou coorientações em nível de pós-graduação (Stricto Sensu), e a produção científica regular e qualificada em revistas indexadas, conforme critérios estabelecidos e divulgados pela CCPG no sítio eletrônico do Programa.

§2º Professores descredenciados poderão solicitar recredenciamento mediante cumprimento das condições estabelecidas e divulgadas pela CCPG.

Art. 13. Caberá ao docente do quadro permanente do Programa:

I - ministrar, no mínimo, 30 horas anuais em disciplinas ofertadas ao Programa, como regente ou colaborador;

II - propor projetos de pesquisa a serem desenvolvidos com seus orientandos;

III - submeter à CCPG a nominata das bancas examinadoras de dissertações e teses;

IV - manter currículo lattes atualizado;

V - fornecer, sempre que solicitado, dados à secretaria da pós-graduação para elaboração do relatório CAPES;

VI - concorrer aos editais de fomento à pesquisa e inovação tecnológica;

VII - dedicar-se com carga-horária mínima de 10h semanais às atividades do Programa;

VIII - participar das reuniões quando convocado.

IX - acompanhar e supervisionar todas as atividades desenvolvidas por seus orientados, bem como responsabilizar-se pelo tempo de conclusão do curso. Parágrafo único. Os projetos de pesquisa são de autoria e responsabilidade dos professores orientadores.

Art. 14. O docente orientador poderá desistir de orientar o discente em qualquer época, justificando-se, por escrito, à CCPG.

Art. 15. Compete à CCPG a aprovação da substituição de orientador, podendo essa ser solicitada tanto pelo orientador quanto pelo aluno. Corpo discente

Art. 16. Constituem condições mínimas para inscrição no Processo de Seleção do Programa:

I - apresentação de diploma de Curso Superior (ou documento equivalente) nacional ou estrangeiro;

II - apresentação do histórico escolar e do Curriculum Lattes atualizados. Outra forma de Curriculum Vitae poderá ser aceita para candidatos estrangeiros; Rua Sarmento Leite, 245 – Centro histórico – 90050-170 – Porto Alegre (RS) – Tel. (51) 3303-8700 – www.ufcspa.edu.br 6/10

III - apresentação de carta de aceite de orientação por professor do quadro de orientadores permanentes ou colaborador do Programa. Parágrafo único. Os critérios para inscrição dos candidatos aos cursos de Mestrado e de Doutorado obedecerão às normas definidas, as quais serão periodicamente revisadas pela CCPG.

Art. 17. Os candidatos serão selecionados pela CCPG, com base na aprovação em processo seletivo, conforme edital específico.

§1° A matrícula no Programa poderá ser aprovada pela CCPG para início em qualquer época do ano.

§2° A comprovação da conclusão do Mestrado não constitui pré-requisito obrigatório para a realização da seleção para Doutorado. Contudo, é pré-requisito para a matrícula no curso de Doutorado.

§3° A distribuição de bolsas aos candidatos matriculados no Mestrado e no Doutorado será feita mediante edital específico, de acordo com critérios estabelecidos pela CCPG.

Art. 18. O número de vagas será fixado anualmente pela CCPG, seguindo os critérios estabelecidos pela CAPES.

Art. 19. Com a permissão do professor responsável pela disciplina e anuência da CCPG, poderão ser admitidos alunos em disciplinas isoladas, nas seguintes condições:

I - como "aluno especial", obedecendo aos critérios estabelecidos pela PROPPG;

II - como “aluno ouvinte”, sem qualquer outro direito além do de assistir às aulas.

Art. 20. O discente poderá ser desligado do curso nas seguintes condições:

I - por vontade própria mediante documento formal, assinado pelo mesmo e pelo docente orientador, endereçado à CCPG, onde deverá constar a justificativa para o ato;

II - por solicitação do orientador, em qualquer época, mediante justificativa analisada e aprovada pela CCPG;

III - por abandono, ausentando-se por dois semestres letivos consecutivos, ou por três intercalados. Parágrafo único. Caso o discente seja bolsista do Programa de Demanda Social/CAPES será observado o disposto na legislação vigente.

Art. 21. Ao discente é reconhecido o direito de mudar de orientador nos primeiros doze meses a partir de seu ingresso no Programa, mediante requerimento justificado dirigido ao Coordenador do Programa, cabendo à CCPG o julgamento do pedido.

Art. 22. Solicitações de inclusão de professor coorientador devem ser formalmente encaminhadas à CCPG, com justificativa e assinatura do orientador, do aluno e do candidato à coorientador, antes da conclusão de dois terços do período máximo de titulação para cada nível.

Art. 23. A matrícula em disciplinas do PPG-CR será efetuada nas épocas e prazos disponibilizados pela secretaria.

Art. 24. É permitido o trancamento de matrícula nos cursos de Mestrado ou Doutorado, por prazo não superior a doze meses, desde que o discente não tenha ultrapassado dois terços do período máximo de titulação para seu nível. Rua Sarmento Leite, 245 – Centro histórico – 90050-170 – Porto Alegre (RS) – Tel. (51) 3303-8700 – www.ufcspa.edu.br 7/10 Parágrafo único. O trancamento corresponderá à plena cessação das atividades e dependerá de justificativa do orientador, a qual deverá ser aprovada pela Comissão Coordenadora. Para reingresso, o discente deverá encaminhar solicitação formal à CCPG, com a concordância do orientador. Regime Didático

Art. 25. As atividades serão realizadas em tempo integral (40 horas semanais de dedicação), de modo que a oferta de disciplinas se dará de acordo com a disponibilidade de horários dos professores do Programa.

Art. 26. A CCPG fixará o conjunto de disciplinas a serem oferecidas. Parágrafo único. A frequência mínima exigida é de 75% nas aulas e nas demais atividades programadas.

Art. 27. O Curso de Mestrado terá duração mínima de 01 e máxima de 02 anos, contados a partir da data de matrícula no Curso.

Art. 28. O Curso de Doutorado terá duração mínima de 02 e máxima de 04 anos, contados a partir da data da matrícula no Curso. Parágrafo único. Em casos excepcionais, devidamente justificados pelo aluno e por seu orientador, a CCPG poderá admitir a alteração dos prazos máximos para obtenção do Grau de Mestre e Doutor.

Art. 29. A integralização do Curso de Mestrado ou de Doutorado será expressa em unidades de crédito, cada uma correspondendo a 15 (quinze) horas de atividades programadas, as quais poderão compreender aulas, seminários, trabalhos de laboratórios ou de campo e outros tipos de estudo.

§1° Para o curso de Mestrado é necessário integralizar 24 (vinte e quatro) créditos em disciplinas, obrigatórias e optativas.

§2º Para o curso de Doutorado é necessário integralizar 36 (trinta e seis) créditos em disciplinas, obrigatórias e optativas.

§3º Para os alunos do Doutorado que cursaram Mestrado no próprio Programa, os créditos do Mestrado poderão ser aceitos, mediante análise da CCPG.

§4º Os alunos do Doutorado que cursaram Mestrado em outro Programa poderão, a critério da CCPG, ter os créditos de disciplinas do Mestrado validados e computados para o Doutorado.

§5º Os créditos de disciplinas poderão ser validados ou computados desde que tenham sido cursados há, no máximo, cinco anos antes da solicitação.

§6º Para se pleitear aproveitamento de créditos, o discente deverá enviar solicitação à CCPG, apresentando certificado devidamente assinado de nota/conceito obtido com o programa/cronograma da disciplina e período de ocorrência, anuência/concordância do orientador quanto ao aproveitamento/relevância da referida disciplina na formação do aluno e descrição sucinta da razão pela qual a disciplina cursada representa conhecimento pertinente à área de investigação/linha de pesquisa do aluno junto ao PPG-CR. A avaliação e o julgamento do pedido serão feitos pela CCPG. Rua Sarmento Leite, 245 – Centro histórico – 90050-170 – Porto Alegre (RS) – Tel. (51) 3303-8700 – www.ufcspa.edu.br 8/10

§7º A validação de disciplinas obrigatórias cursadas em outros programas Stricto Sensu poderá ser aprovada pela CCPG desde que apresentem compatibilidade de 80% de conteúdo e carga horária.

Art. 30. Poderão ser conferidos créditos por trabalho publicado com docente do Programa, após a matrícula do aluno no PPG, relacionados à área de concentração e às linhas de pesquisa do Programa, de acordo com os critérios definidos pela CCPG.

Art. 31. As disciplinas que compõem o Programa são divididas em duas categorias: I - disciplinas obrigatórias; II - disciplinas optativas.

Art. 32. Caberá aos professores responsáveis pelas disciplinas, no prazo máximo de 30 dias, após o encerramento do semestre letivo, apresentar as conclusões sobre o rendimento do discente no semestre, utilizando notas de 0 a 10, apuradas em avaliações parciais, gerais e/ou de recuperação.

§1º O discente que houver obtido, em qualquer disciplina, no mínimo nota “7”, fará jus ao número de créditos atribuídos à mesma.

§2º O discente inscrito em uma disciplina e que, por qualquer motivo não tiver condições de comparecer às aulas, deverá solicitar trancamento da matrícula na referida disciplina antes que 1/5 da mesma tenha sido ministrada.

Art. 33. Para obtenção do título de Mestre é necessário:

I - estar matriculado em de nível Mestrado no PPG-CR, pelo menos por dois semestres;

II - ter completado os 24 créditos exigidos;

III - ter realizado período de formação didático-pedagógica junto a uma das disciplinas de graduação, realizado trabalho de pesquisa e cumprido todas as atividades indicadas pelo professor orientador, e aprovadas pela CCPG;

IV - ter sido aprovado em exame de proficiência em língua inglesa;

V - ter sido aprovada a Dissertação de Mestrado pela Banca Examinadora e após, homologada pela CCPG;

VI - entregar a versão eletrônica atualizada da dissertação, após as modificações sugeridas pela banca examinadora. Parágrafo único. O formato da dissertação deverá obedecer ao Manual para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos da UFCSPA e às normas dispostas pela CCPG.

Art. 34. Para obtenção do título de Doutor é necessário:

I - estar matriculado em nível de Doutorado no PPG-CR, pelo menos por quatro semestres;

II - ter completado os 36 créditos exigidos;

III - ter realizado trabalho de pesquisa e cumprido todas as atividades indicadas pelo professor orientador e aprovadas pela CCPG;

IV - ter sido aprovado em exame de proficiência em duas línguas estrangeiras, sendo, obrigatoriamente, uma delas a língua inglesa;

V - ter sido aprovado no Exame de Qualificação, realizado de acordo com normas estabelecidas pela CCPG;

VI - ter sido aprovada a Tese de Doutorado pela Banca Examinadora e após, homologada pela CCPG;

VII - entregar a versão eletrônica atualizada da tese, após as modificações sugeridas pela banca examinadora;

VIII - apresentar comprovação de pelo menos 1 (um) trabalho derivado da tese, aceito ou publicado em revista indexada no Information Science Institute (ISI).

§1º O formato da tese deverá obedecer ao Manual para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos da UFCSPA e às normas dispostas pela CCPG.

§2º Candidatos estrangeiros deverão apresentar proficiência em língua inglesa e outra língua diferente do seu idioma materno. Julgamento da Dissertação ou Tese

Art. 35. O julgamento da dissertação ou tese, após cumprido o que determina o art. 33 e o art. 34 do presente Regulamento, deverá ser requerido à CCPG.

Art. 36. É de responsabilidade do orientador avaliar se a Dissertação ou a Tese poderá ser encaminhada à Banca Examinadora, bem como determinar a data para esse julgamento.

Art. 37. A avaliação da Dissertação ou da Tese será feita por uma Banca Examinadora, aprovada pela CCPG e composta de acordo com o estabelecido nas normas de defesa pública estabelecidas pela CCPG.

§1º Dissertações de Mestrado deverão ser apresentadas, preferencialmente, na modalidade presencial.

§2º Teses de Doutorado deverão ser apresentadas sempre na modalidade presencial.

§3º As Bancas Examinadoras de Dissertações serão constituídas por 03 membros titulares e 03 suplentes, indicados pelo orientador e aprovados pela CCPG, com título de Doutor, sendo um deles obrigatoriamente do corpo docente do PPG-CR e um obrigatoriamente externo ao PPG-CR.

§4º As Bancas Examinadoras de Teses serão constituídas no mínimo por 03 membros titulares e 03 suplentes, indicados pelo orientador e aprovados pela CCPG, com título de Doutor, sendo um deles obrigatoriamente do corpo docente do PPG-CR, um externo ao PPGCR e outro externo à Universidade.

Art. 38. No julgamento das Dissertações e das Teses, cada examinador expressará o seu julgamento mediante a atribuição de conceitos, de acordo com seguinte a escala de avaliação: A – Excelente B – Bom C – Insuficiente Rua Sarmento Leite, 245 – Centro histórico – 90050-170 – Porto Alegre (RS) – Tel. (51) 3303-8700 – www.ufcspa.edu.br 10/10

§1° Será aprovado o candidato que obtiver níveis A ou B da maioria dos examinadores, fazendo jus aos créditos correspondentes.

§2° Será facultado a cada examinador emitir, juntamente com a atribuição de nível, parecer e sugestões sobre reformulações do texto da dissertação ou tese.

§3° Após a defesa, a Banca Examinadora deverá assinará a Ata de Defesa, da qual deverão constar os pareceres dos membros e o resultado da avaliação.

§4º Caso a Dissertação seja apresentada em formato não presencial, a Dissertação será enviada aos três membros da Banca Examinadora. Os membros da banca deverão emitir seu parecer no prazo máximo de 15 dias úteis, a contar da data de recebimento.

§5º O orientador poderá fazer a abertura da sessão e presidirá a Banca Examinadora, porém não emitirá conceito.

§6º Os pareceres da Banca Examinadora serão divulgados ao final da sessão de apresentação ou defesa.

§7º No caso de insucesso da defesa de dissertação ou tese, a CCPG poderá, mediante proposta justificada da Banca Examinadora, dar oportunidade ao candidato para apresentar novo trabalho, dentro do prazo máximo de 6 (seis) meses.

§8º A defesa será avaliada pela mesma Banca Examinadora, respeitando-se todas as normas para defesa de dissertação ou tese, previstas neste Regulamento. Disposições Transitórias

Art. 39. Este regulamento está sujeito às demais normas existentes e que vierem a ser estabelecidas para a Pós-graduação na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

Art. 40. Os casos omissos no presente regulamento serão resolvidos pela própria CCPG em primeira instância, pelo Conselho de Professores em segunda instância, e por último, pelos colegiados superiores da Universidade.

Art. 41. Esta resolução entra em vigor nesta data.

Publique-se no Boletim de Serviço.

Porto Alegre, 10 de outubro de 2019.

LUCIA CAMPOS PELLANDA Presidente